

ELIZABETE BERBERI

**IMPRESSÕES:
A Modernidade Através Das Crônicas
No Início Do Século Em Curitiba**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre, ao Colegiado dos Cursos de Pós-Graduação em História, do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná, sob a orientação do Prof. Dr. Francisco Moraes Paz.

CURITIBA, 1996

ELIZABETE BERBERI

**IMPRESSÕES:
A Modernidade Através Das Crônicas
No Início Do Século Em Curitiba**

*Dissertação apresentada
como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre,
ao Colegiado dos Cursos de
Pós-Graduação em História,
do Departamento de História
da Universidade Federal do
Paraná, sob a orientação do
Prof. Dr. Francisco Moraes
Paz.*

CURITIBA, 1996

ELIZABETE BERBERI

IMPRESSÕES:

A Modernidade Através Das Crônicas

No Início Do Século Em Curitiba

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre, ao Colegiado dos Cursos de Pós-Graduação em História, do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná, pela comissão formada pelos professores:

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria de Oliveira Burmester
Departamento de História, UFPR

Profa Dra Etelvina de Castro Trindade
Departamento de História , UFPR

Profa. Anamaria Filizola
Departamento de Lingüística, UFPR

Ao Cláudio

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos colegas do curso de graduação, pós-graduação e aos amigos: Marcelo Saldanha Sutil, Rosely Boschilia, Renata P. Sigolo, Marília M. Rodrigues, Cláudio DeNipoti, Antonio César de A. Santos, Maria Cristina B. Pinto, Vidal A. de Azevedo, Luiz Fernando L. Pereira, Marcos A. Cordioli, Marcelo D. de Castro, Haúzely Hauer.

Aos funcionários da Casa da Memória, pelo auxílio na pesquisa.

À professora Anamaria Filizola, por sua leitura atenciosa e suas sugestões.

À professora Anamaria de Oliveira Burmester, pelo acompanhamento, incentivo, sugestões e especialmente por seu apoio.

Sobretudo, agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Francisco Moraes Paz, que acompanhou esse trabalho desde o início, quando co-orientou a monografia de final de curso, e continuou durante os quatro anos da pós-graduação. Muito carinho.

À Dona Thereza, Malu e João, pelo amor e incentivo.

Ao Cláudio por todas as discussões, leituras, sugestões, paciência e amor.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
DE CABOCLA À CORTEZÃ	06
UM MÉTIER DE ÉPOCA	51
O Gênero	51
O Cronista	61
O Ambiente	79
A CRÔNICA DE UM MOMENTO	91
A Técnica	92
O Palco	107
A Boemia	114
CONCLUSÃO	127
ANEXO I - Anexo Iconográfico	132
ANEXO II - Seleção de crônicas publicadas em Curitiba no início do século	138
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	189

A modernidade é ao mesmo tempo noturna e diurna, sonhada e real, e o *flâneur* a percorre nos dois registros.

[...]

Todo homem em sua existência diurna habita a realidade e em sua existência noturna vive uma realidade que o habita.

(Sergio Paulo Rouanet, **A razão nômade**, pp.52, 59)

INTRODUÇÃO

O período compreendido entre o final do século passado e início do século XX constitui um momento de inovações, de mudanças em vários níveis da sociedade, de crescimento, de disseminação de novas idéias, intenções e práticas, e que tem seu grande símbolo na *belle époque*.

Viver em uma cidade, no início do século, como Curitiba – Capital da antiga província, agora do Estado – implicava em tomar contato com novas experiências que se apresentavam e com expectativas que se projetavam de um grau de civilização desejado. Vive-se em meio às modificações que são elaboradas por seus dirigentes, e sonhadas por seus intelectuais, no intuito de colocá-la a altura de uma capital. É o reflexo do que acontece no país e no mundo, principalmente reflexo do mundo europeu. O progresso é ambicionado como algo absolutamente necessário para o “bem de todos”, é a evolução do homem e da sociedade para uma vida cada vez mais adequada aos padrões descobertos pela ciência. Uma nova arquitetura se propõe, uma urbanização começa a ser praticada, pois o novo deve suceder ao velho em tudo o que for possível e indicar que se caminha para o futuro.

Inevitavelmente e em meio às contradições que um tal momento pode apresentar, os habitantes da cidade deparam-se cada vez mais com as novidades que são implantadas em Curitiba. Desde a luz elétrica, os trilhos dos bondes, o calçamento das ruas e as novas fachadas até os novos tipos de lazer, tem-se uma infinidade de elementos que passam a povoar o cenário.

Assim, viver nessa cidade implicava também em ver essa cidade "movimentar-se", "animar-se" de outra forma, mudar seu cotidiano, ser povoada por outros habitantes, enfim, conviver com todos esses novos elementos. As expectativas se multiplicam, através daquilo que se pretende alcançar como meta fundamental naquele momento, e também através de uma idéia ou modelo de vida moderna que se disseminou em várias sociedades, a partir de matrizes européias.

Para cada pessoa, cada segmento da sociedade, essas mudanças expressavam algo e eram representadas de determinado modo. Utilizando principalmente crônicas, publicadas em periódicos que circulavam em Curitiba no início do século, procuramos perceber, através do olhar dos cronistas, algumas das dimensões da modernidade que chegaram até Curitiba, tendo em mente que a cidade é o local privilegiado desta modernidade. Seguindo o ponto de vista de quem escrevia, sabemos que os textos refletiam os valores, idéias e percepções dos autores.

Em primeiro lugar, a crônica chamou-nos a atenção por ser correspondente, enquanto estilo, à própria dinâmica do momento vivido. É uma linguagem que surge nesse período e que satisfaz as exigências do público. O cronista está entre o contista e o repórter, uma vez que sua intenção não é apenas dar uma notícia, e nem construir uma história, e por ser exatamente uma fronteira entre a pura imaginação e a notícia, percebe-se uma certa liberdade do cronista para construir o seu texto e povoá-lo com dados reais e ao mesmo tempo projeções e depoimentos próprios. Não significa que isso tudo não possa ser identificado em outros tipos de textos, apenas a crônica tem como pressuposto algo que acontece naquele momento em que está sendo escrita, uma certa veracidade lhe é atribuída, e a partir daí o cronista pode saltar para frente e para trás no tempo para construir o seu texto.

A crônica é filha de seu tempo e nesse sentido é um texto datado, que possui uma historicidade própria e que pode ser utilizado pelo pesquisador como um discurso a ser analisado, dentre tantos outros. Mantém, da origem do seu nome, uma relação com o tempo, com o seu presente histórico do qual não se pode dissociá-la. Uma escrita no limite entre fantasia e realidade, mas que reflete o pensamento em voga no momento de sua elaboração, que busca, exatamente por suas características próprias, dar conta do seu presente e da sua realidade, através de um processo de observação, reflexão e criação.

Para o desenvolvimento do trabalho optamos por fazer um discussão do quadro teórico, na primeira parte, analisando modernidade, o impacto e influência da *belle époque* na cultura ocidental de uma maneira geral. Também procuramos pensar um pouco sobre a cidade, desde suas origens até o momento em que assume as características modernas, a cidade que começa a ser pensada, discutida e vivenciada de uma maneira diferente por seus habitantes. Para tanto nos valem de autores como Marshall Berman, Roberto Kujawski, Walter Benjamin, Lewis Mumford e outros.

Em seguida, numa segunda parte, buscamos reconstituir o panorama da cidade no período analisado, final do século XIX e início do século XX, especialmente o meio intelectual, percebendo o grande número de publicações em Curitiba no período e a efervescência cultural que existe. Pontuamos, assim, alguns intelectuais de destaque, revistas importantes e movimentos literários e filosóficos que formaram os jovens daquele momento.

Durante todo o trabalho as crônicas foram utilizadas para introduzir as análises, encetar as discussões e estabelecer uma unidade no texto. Especificamente na terceira parte as crônicas serão discutidas mais intensamente, através de uma seleção baseada em temas que mais chamaram a atenção durante sua leitura. Para maior compreensão de como tratar esse material buscamos apoio nos textos de Arrigucci, Jorge de Sá, e Marlise Meyer, entre outros, que tratam do gênero procurando defini-lo,

localizá-lo no tempo e também discutir o modo de sua utilização por parte dos pesquisadores tanto da literatura como da história. Feito isso, observamos que alguns grandes temas se destacavam, e procuramos através dos textos, ver a ênfase colocada em alguns símbolos que eram sempre evocados como forma de reivindicar para Curitiba o status de cidade moderna. O mais interessante é perceber como uma postura de vida, de profissão pode também significar ser moderno, como no caso do literato, que se vê portador do que é novo através do seu trabalho.

Em segundo lugar, trata-se de um material ainda pouco explorado, que enriquece muito o trabalho do pesquisador e abre mais algumas possibilidades para o diálogo entre a história e a literatura, pois não só os fatos do passado e a cultura devem ser resgatados, mas os sonhos também.

DE CABOCLA À CORTEZÃ

"CORITIBA"

A grande reforma porque está passando Coritiba, a formosa terra do Sul, o berço dos meus dias, onde pela primeira vez eu contemplei o riso jaspeo da aurora a despontar n'um céu fresco e azulineo, onde pela primeira vez eu vi surgir a lua com seus fluidos magneticos de tristeza de tál forma impressionou-me, que resolvi poetisal-a assim:

Ella era uma caboclinha rustica, de tez morena e olhos azues. Andava a errar pelas selvas sem fim, pelas mattas seculares, o corpo apenas abrigado em pelles brutas de animaes ferozes, os pés descalços, acostumados a pisar espinhos.

Um dia encontraram-na assim homens da civilização, agarraram-na, cingiram-lhe o corpo d'uma belleza selvagem, e a arisca menina sentio a primeira revolta do seu pudor offendido, que em ondas rubras lhe tingiram o rosto.

Então esses homens deram-lhe grosseiras vestes, pentearam os seus formosos cabellos que eram negros como a noite, e ensinaram-lhe as primeiras letras.

Depois vieram os homens públicos; viram-na, acharam-na bella e um profundo amor pela menina lhes queimou as entranhas. Até que em uma noite em que a lua se occultára, o mais ousado d'elles, n'um impeto feroz de voluptuosidade, tirou-lhe a virgindade!

Desde esse dia Coritiba tornou-se outra: já não era a mesma matutinha submissa; seu rosto agora fino e aformoseado pelo uso constante de pomadas odorantes, tinha uns ares altivos e proprios das damas da sociedade; seu corpo, agora delgado, vestia finissimos trajés de seda pura, e seus delicados pésinhos calçavam reluzentes botinhas de verniz.

Agora ella é a altiva cortesã, a seductora
princeza do Sul, a mulher que fascina, que tem
encantos mil, que tem mil adoradores.

Entretanto ella era a caboclinha rustica de tez
morena e olhos azues...

Higino.¹

Encontramos esta crônica em *O Paraná*, periódico
quinzenal que circulou pela capital entre 1906 e 1911.²
Ela foi escolhida para iniciar essa investigação por
parecer exemplar, na medida em que encontramos aí de
antemão uma série de imagens que fazem referência ao objeto
dessa pesquisa. Qual seja, encontrar as dimensões da
modernidade através das crônicas de alguns periódicos que
circulavam pela capital paranaense no início do século.

Curitiba no início do século XX tem uma história um
tanto recente como sede de poder. Apenas em 1812 é que os
ouvidores passaram a residir em Curitiba, transferindo a
sede da Comarca de Paranaguá para esta cidade. Em 1853, o
Paraná foi elevado à província, desligando-se de São Paulo,
ficando Curitiba como capital; pouco depois, em 1889, com a
República, ela passa a capital de Estado.

¹ Higino. Curitiba. *O Paraná*, 15/06/1910.

² Com relação à data de fundação do periódico existe uma dúvida, pois encontramos uma nota no exemplar de 1º de agosto de 1910 comemorando o 4º ano de sua fundação. Por outro lado, segundo o *Catálogo dos Jornais Publicados no Paraná - 1854 - 1907*, o primeiro número saiu no dia 1º de agosto de 1907. Ainda, segundo esse catálogo, os redatores eram J. Guahyba, M. Marques, L. Pereira, L. Loyola e J. Gonçalves. Ver: MARTINS, Romário. *Catálogo dos jornais publicados no Paraná 1854 -1907*. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1908.

Assim, em pouco mais de meio século, a modificação no *status* político da cidade introduz um maior impulso em seu crescimento e desenvolvimento. Talvez esse impulso date da emancipação da província, pois como centro de poder, a vida política gira ao seu redor. Nessa época, Zacarias de Goes e Vasconcelos, o primeiro presidente de província, que é um homem da Corte, vem para Curitiba e traz consigo um grande contingente de pessoas afeitas à vida urbana.

Também podemos lembrar, como marco importante, a construção da estrada da Graciosa ligando o planalto ao litoral. Sua construção foi iniciada somente após a emancipação da província. Num primeiro momento sob responsabilidade do engenheiro militar Henrique de Beaurepaire Rohan, foi concluída pelo engenheiro militar Monteiro Tourinho em 1873. No governo do Presidente Carlos Cavalcanti (1912-1916) a estrada foi macadamizada, tornando o trânsito mais fácil.

A estrada de ferro também já havia sido pensada há alguns anos, mas foi iniciada somente em 1880, sob a direção de Teixeira Soares. Sua construção marcou avanços técnicos e industriais, e o trabalho para sua construção mobilizou muitos imigrantes que se destacaram por suas

habilidades. A estrada foi inaugurada oficialmente em 2 de fevereiro de 1885.³

Com essa experiência recente, no começo do século XX a cidade acompanha, mesmo que de longe, o ritmo dos acontecimentos nas outras cidades do país, como no Rio de Janeiro, onde ocorre um grande aumento populacional, reformas urbanas, alteração da paisagem e do ritmo de vida. Em Curitiba encontramos, embora em menores proporções, as mesmas modificações. Sendo assim, começa a desenhar-se e a perceber-se uma paisagem que pretende estar de acordo com aquele momento; uma paisagem que se pretende moderna, não apenas física e materialmente, mas também culturalmente, uma vez que a produção cultural irá alimentar esse ideal, esse objetivo, e ao mesmo tempo será alimentada e impulsionada por ele, em uma espécie de movimento circular.

Essa "transformação" pela qual passa a cidade não deixa de causar uma certa melancolia, perceptível nas palavras do cronista. Melancolia esta que acaba sendo uma sensação recorrente frente ao novo, às mudanças. Mas o que ele vê, ou melhor, como ele vê sua *Coritiba* é interessante, uma caboclinha, de tez morena e olhos azuis. Ele apresenta a imagem mítica de simplicidade recorrendo ao caboclo como o habitante primitivo, simples e puro, ainda intocado pelas

³ *Dicionário histórico-biográfico do Paraná*. Curitiba: Chain; Banco do Estado do Paraná, 1991. p. 141

influências do mundo exterior. É aí que está a sua força, numa imagem ancestral ideal que se quer cultuar, que se quer resgatar como origem e, ao mesmo tempo, como idealização. Caboclinha de tez morena, nativa, porque tem em si a mistura das raças, do índio da região com os bravos bandeirantes da qual é provavelmente descendente.

Essa imagem parece remeter à história dos primórdios da fundação da Vila, quando homens como Baltazar Carrasco dos Reis passavam pelo Planalto, integrando bandeiras que visavam prear índios e encontrar metais preciosos. Antes ainda do estabelecimento da Vila já havia povoações no Planalto, habitadas por mineradores.

Em 1649 a expedição comandada por Eleodoro Ébano Pereira, Administrador das Minas das Capitanias do Sul, chegou ao Planalto Curitibano. O contato com o índio, com a natureza local, origina a "saga" desses bandeirantes que seriam os primeiros brancos a habitarem a região que posteriormente se tornaria a cidade de Curitiba. Assim, um dos núcleos povoadores que se fixaram motivados pela busca de ouro, a Vilinha, transfere-se para as proximidades do rio Ivo dando origem a uma povoação mais estável e organizada: a Vila de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais.⁴

⁴ *Dicionário histórico ...*, p. 548.

Essa ascendência honrosa no bandeirante é motivo de orgulho para aqueles que escrevem a história da cidade, para aqueles que falam sobre ela. Enaltecendo suas origens (da cidade), o bandeirante simboliza o avanço, o desbravamento, a força, coragem e perseverança do primeiro habitante branco que irá transformar ao longo dos anos a Vila em Cidade. O elemento civilizador penetra os campos inóspitos e desconhecidos em busca de ouro e aí, adaptando-se ao meio, tornando-se caboclo, é o formador de uma comunidade miscigenada.

O apelo desse antepassado parece ser muito forte, de modo a encontrarmos essa idéia sendo veiculada em algumas crônicas, principalmente quando se pretende ressaltar a soberania do Estado do Paraná perante os ataques vindos de Santa Catarina:

Mas descansem os catharinenses! o povo paranaense,
descendente dos heróicos bandeirantes paulistas,

⁵ Refiro-me à questão de limites territoriais entre o Paraná e Santa Catarina, que aferrou-se em 1901 quando Sta. Catarina levou o problema ao Supremo Tribunal Superior, reivindicando 48.000km² de terras (a fronteira com o rio Paraná pela linha que passa pelos rios Saí-Guaçu, Negro e Iguçu). Este território ficou conhecido como "Contestado". O debate continuou ao longo da década, com algumas vitórias de Sta. Catarina e embargos por parte do Paraná. Enquanto os estados litigavam pelas vias legais, um movimento sertanejo, de caráter messiânico, se desenvolveu na região agravando terrivelmente a situação, vindo o exército a interferir e ocorrendo vários combates. O Contestado revelase muito mais como um conflito civil, entre populações sertanejas desfavorecidas e fanatizadas e as autoridades. A questão resolveu-se oficialmente em 1916, sendo a área em litígio dividida entre os estados. Cf. GOVERNO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. *O Contestado*. S./l. Fundação Catarinense de Cultura. Fundação Roberto Marinho. Editora Index 1987.

conserva algo da independência e da bravura dos seus antepassados e no momento preciso saberá fazer valer toda a justiça da sua causa e fará do direito uma realidade.⁶

Ou ainda:

O povo paranaense recebeu um dia da mão dos audaciosos bandeirantes a sua terra natal, opulenta e fértil, soberana debaixo da magnificencia requintada de um céu azul.⁷

Mas a "caboclinha" é também portadora do gene do imigrante, que é nesse momento uma presença marcante na capital. O imigrante já fora assimilado em grande parte e constituíra-se responsável pelo desenvolvimento da cidade, principalmente porque, estabelecendo-se de início em seus arredores, transformou o cenário em função de sua produção e impulsionou o crescimento local. Ele é enaltecido pelos políticos e pelos homens de saber, na esteira das concepções que estão em voga no meio intelectual nacional.

Primeiramente, podemos pensar que o debate sobre as teorias raciais, iniciado no final do século XIX, continua presente no início do século XX. Segundo Lilia Moritz Schwarcz, o Brasil no século passado era apontado como "um caso único e singular de extremada miscigenação racial" na visão de alguns viajantes europeus; "uma sociedade de raças cruzadas", segundo Sílvio Romero e outros intelectuais do

⁶ Chronica da Rua. *O Olho da Rua*. 15/09/1909.

⁷ *Palladium*. 15/01/1910.

período.⁸ A autora destaca a década de 1870 como representando um marco para a história das idéias no Brasil. É o momento de entrada de "todo um novo ideário positivo-evolucionista em que os modelos raciais de análise cumprem um papel fundamental", coincidindo isto com o fortalecimento e amadurecimento de alguns centros de ensino e de saber, como faculdades de direito, de medicina e institutos históricos e geográficos.⁹ A elite importaria uma série de teorias, já em decadência na Europa, para pensar e analisar a realidade nacional. Teorias do pensamento científico que estudavam as raças, a miscigenação e seu impacto sobre o atraso ou progresso de um povo foram importadas e aplicadas às especificidades brasileiras.

Retomando a matriz desses pensamentos, Schwarcz destaca a diferença entre o pensamento iluminista e humanista com relação ao pensamento evolucionista. O humanismo pressupunha a capacidade inerente a todos os homens de se superarem – a perfectibilidade não supunha acesso obrigatório ao estado de civilização. Para Rousseau, o "bom selvagem", o estado de natureza significava um instrumento, um ponto a partir do qual se poderia pensar o próprio estado de civilização.

⁸ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças; cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1870/1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

⁹ Ibid. p. 14.

Por outro lado, na literatura determinista do XIX o conceito de civilização e perfectibilidade compõe-se com a noção de progresso e leva a uma percepção diferente. Pensa-se a unidade do gênero humano, mas surge uma noção de hierarquia no meio deste:

Civilização e progresso, termos privilegiados da época, eram entendidos não enquanto conceitos específicos de uma determinada sociedade, mas como modelos universais. Segundo os evolucionistas sociais, em todas as partes do mundo a cultura teria se desenvolvido em estados sucessivos, caracterizados por organizações econômicas e sociais específicas.¹⁰

Haveria estágios obrigatórios pelos quais a humanidade deveria passar, indo do mais simples ao mais complexo. Os modelos deterministas foram, segundo a autora, bastante populares no Brasil, de 1870 até a década de 30 deste século.

Roberto Ventura, investigando o que denominou de "geração de 1870", referindo-se a intelectuais de destaque no período, principalmente Silvio Romero, coloca que os sistemas de pensamento europeu foram integrados de forma crítica e seletiva, segundo os interesses políticos e culturais das camadas letradas, preocupadas em articular estas idéias com a realidade local. O racismo científico teria, então, assumido uma função interna que não condizia

¹⁰ Ibid. p. 57.

com os interesses imperialistas, e se transformou num instrumento de definição da identidade cultural de uma classe. Nesse sentido, a valorização da mestiçagem e a teoria do branqueamento (alguns estimavam que o branqueamento do país levaria de um a dois séculos) atenuaram o racismo científico que, no caso do Brasil, não veria chances possíveis de progresso.¹¹

A imigração seria a via para o branqueamento e Silvio Romero pensava a mestiçagem como uma forma de extinguir o negro e o índio. O cruzamento (corrente defendida por Romero, Joaquim Nabuco e outros) era valorizado como forma de dar aos negros e índios uma expressão nacional, sob a orientação de setores tidos como superiores em termos étnicos e culturais. Passa-se assim do pessimismo das teorias deterministas européias (aquelas que colocavam o Brasil como fadado à decadência) ao ufanismo da civilização tropical.¹²

Retornando a Curitiba, devemos pensar que a questão racial se manifesta muito mais através de brancos imigrantes, que formam boa parte da população. É importante ter em mente o pensamento local no início do século XX. Curitiba teve nesse período um grande número de intelectuais simbolistas, ou que sofreram influência desse

¹¹ VENTURA, Roberto. *Estilo tropical; história cultural e polêmicas literárias no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

¹² *ibid.* p. 67.

movimento, juntamente com a do Neopitagorismo, com seu maior representante em Dario Vellozo (1869-1937). Como professor que era, disseminou suas idéias entre seus alunos e foi um expoente da intelectualidade local. Dario Vellozo debruçou-se sobre o esoterismo, no qual outros já estavam mergulhando principalmente na Europa, fazendo dele sua resposta, sua "reação à desilusão científica e ao materialismo burguês". Isso pode ser observado no prefácio de *Esotéricas*, obra de 1900:

[...] Quando o Homem compreendeu que a *Ciência* não lhe resolveria, *intotum*, o problema da Vida tentou volver ao seio da *CRENÇA*. Quis orar de novo. Encontrou os templos profanos, encontrou o Cristianismo agonizante. A *Igreja* que se dizia depositária da *TRADIÇÃO*, perdera as chaves mágicas da *TRADIÇÃO*.¹³

Assim, podemos compreender a melancolia do cronista Higino por ele estar vendo os acontecimentos e percebendo as questões presentes através da ótica simbolista, influenciado pelo neopitagorismo. Ele pode, de certa forma lamentar essa transformação da "caboclinha", na medida em que ela representa uma corrupção de um estado primitivo, simples e bom. Seu pensamento deve contemporizar entre a busca do progresso e a crítica.

Quanto aos imigrantes europeus, vemos que os primeiros a chegar no Paraná, em 1829, foram os alemães,

¹³ Cf. *Dicionário histórico...*, p.312.

que fixaram-se em Rio Negro. Em 1833 eles chegaram em Curitiba, ocupando os arredores da cidade. Sucederam-se pouco mais tarde poloneses, italianos, ucranianos, russos e outros, que num primeiro momento também se estabeleceram nos arredores dessa cidade.

A política provincial de imigração data de 1855 por iniciativa de Zacarias de Goes e Vasconcelos, primeiro presidente da província, e, durante todo o restante do século XIX, foi estimulada por outros administradores locais. Anteriormente essa política era centralizada pelo governo imperial, até aproximadamente 1830, depois passou para a competência das províncias.

O imigrante passa a ser visto como o elemento necessário que irá impulsionar o desenvolvimento da região, como trabalhador e portador de tradições e culturas de povos mais adiantados e civilizados. Essa idéia chega até meados do século XX, onde aparecem obras que irão se debruçar sobre a questão da imigração no Paraná, como peculiaridade desse estado e marca de sua diferença com relação ao resto do país. Wilson Martins, por exemplo, na década de 1950, exalta toda a miscigenação que ocorreu aqui (entre brancos, bem entendido) em sua obra *Um Brasil diferente*. Ele diz: "O que há de admirável, acima de tudo, nessa política é que ela sempre se fundou na mais completa

ausência de qualquer discriminação racial, ideológica ou religiosa.”¹⁴

Mas no início do século essa é uma idéia ainda em gestação. Ao mesmo tempo em que encontramos depoimentos que procuram enaltecer o imigrante, percebemos, em outros, sua associação a acontecimentos e práticas desagradáveis, que perturbam a pacata população local. O que importa perceber é que nesse momento o tema é recorrente em todos os que se propõem a pensar sobre o seu tempo e a sua cidade.

Nestor Victor, revisitando a Curitiba, publica suas impressões em 1913 e também se detém longamente na reflexão sobre os imigrantes e sua interferência na vida local. Descrevendo uma cena que ficaria muito marcada na vida da cidade, como típica de seu ambiente cotidiano – que é a dos imigrantes vindos das colônias para a cidade, de manhã bem cedo, para comercializarem seus produtos – ele associa também o clima curitibano ao europeu e compõe o cenário:

Era justamente a essa hora matinal, numa temperatura já bem esperta, bem européa, quando um fino e translúcido nevoeiro cobria a cidade, que nas ruas curitibanas quasi não se viam outros typos a não ser o dos colonos e principalmente os das colonas polacas e allemãs vindos dos arredores para a mercancia quotidiana, mutuamente proveitosa.¹⁵

¹⁴ MARTINS, Wilson. *Um Brasil diferente; ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná*. São Paulo: Anhembi, 1955. p. 83.

¹⁵ VICTOR, Nestor. *A terra do futuro*. Impressões do Paraná. Rio de Janeiro, Typ. do Jornal do Comércio, de Rodrigues & Cia. 1913. p. 101.

Esta é a imagem que ficou marcada na memória de Nestor Victor e de outros que difundiram as semelhanças entre Curitiba e a Europa. O cenário se aproxima do europeu pelo clima e pelos imigrantes que vendem seus produtos. Eles se destacam pelos traços, gestos, roupas e língua diferentes. Encontramos uma observação que vai de encontro às palavras do nosso cronista Higino, citado anteriormente:

[...] nessa hora risonha, matinal, as rubidas physionomias das moças colonas e os olhos azues, os rostos claros, ainda imberbes, com penugem de pomo, que tinham os jovens imigrantes. Parecia estar-se, assim, em pleno Norte da Europa.¹⁶

O imigrante aparece representado de várias formas. Sua presença é apontada, na crônica *Coritiba*, através dos olhos "azues" com os quais deve fitar o horizonte. Com seus pés assentados firmemente no Planalto, com sua beleza e pureza ingenuamente reinando entre as bênçãos com as quais a natureza lhe tocou.

A imagem é ideal de um passado que se pretende dignificar, construir e que se projeta no futuro com o olhar do imigrante. Nesse momento, ele faz parte da realidade social e deve-se, além de justificar dignamente sua presença, construir à sua volta uma expectativa positiva de desenvolvimento.

¹⁶ Ibid. p. 101

A visão do cronista tenta construir passo a passo o que seria o impulso civilizador pelo qual passava a cidade. Primeiramente vestem-na com "grosseiras vestes" e ensinam-lhe as "primeiras letras", até que através da política - quando da emancipação do Estado em 1853, da escolha de Curitiba para capital como centro catalisador das ações e decisões - a cidade perde a sua aura de pureza e simplicidade, entrando para a vida pública que a transforma em "seductora cortesã". A imagem é clara quanto à corrupção dos homens, da cidade e remete ao vício. Neste momento parece mesmo que uma grande e moderna cidade não pode carregar tal título sem conter em si um lado *obsuro*, um território de vícios e prazeres "condenáveis", mas que, por outro lado, atestam o seu desenvolvimento. Remete também à beleza artificial. Porém, o cronista sabe da dubiedade desses fatores, pois diz que isso traz a fama e o reconhecimento. Com mil encantos e oferecendo inúmeras possibilidades, ela entra definitivamente no mundo secular, mundo dos homens, em uma palavra *moderno* e insere-se no compasso do contexto mundial, ou pelo menos, é esta a intenção de tantas metáforas.

Embora nem sempre com "botinhas de verniz", como veremos no decorrer do trabalho, a cidade - ou ao menos alguns de seus aspectos, de seus personagens - será referenciada de várias formas em outras crônicas, dado que

nela se desenrola a ação nesse momento. Nela se materializam as projeções, procura-se perscrutar, descobrir e exaltar toda uma gama de sensações, de experiências, de medos e expectativas específicas do final do século XIX e início do século XX _ que, conforme afirmação anterior, têm seu ponto máximo de expressão na *belle époque* – as quais conhecemos por *modernidade*.

De difícil definição e precisão num primeiro momento, a modernidade é visualizada aqui, no final do século XIX e início do XX, como momento privilegiado de sua discussão e projeção cultural e material, mas não o único, pois sente-se o reflexo da *belle époque*, com toda a sua gama de significações que foi incorporada, mantendo as devidas proporções, por todos que tiveram contato com o mundo europeu.

A *belle époque* foi o ponto culminante e a fase áurea da modernidade como um todo. A modernidade se prefigurou no século XVI, com as grandes navegações e as descobertas de novas terras; alicerçou-se culturalmente no racionalismo e na ciência da natureza no século XVII, aperfeiçoou-se na prática com a revolução industrial, ganhando impulso na doutrina iluminista do progresso e na ascensão da burguesia com as revoluções americana e francesa; consolidou-se social, econômica e politicamente no curso do século XIX, e se consagrou nesse período efêmero, luminoso e ambíguo que foi a *belle époque*.¹⁷

¹⁷ KUJAWSKI, Gilberto de Mello. *A crise do século XX*. São Paulo: Ática, 1991. p. 13-4.

Isso seria o bastante para nos dar em rápidas linhas uma idéia de modernidade no tempo-espaço e de sua irradiação na *belle époque*. Mas ainda não é suficiente para que se tenha uma noção mais abrangente. Vários autores que se dedicaram à compreender deste fenômeno estão de acordo com relação ao século XVI como marco de sua origem, e procuraram acompanhar seu percurso até o século XX. Marshall Berman, por exemplo, a identifica destacando a questão das experiências humanas:

Existe um tipo de experiência vital - experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida - que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo hoje. Designarei esse conjunto de experiências como "modernidade". Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor - mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos.¹⁸

A idéia de que todas essas sensações são compartilhadas por pessoas em todo o mundo, tanto hoje, como no início do século, é o que clarifica nossa investigação de seus sinais, enquanto movimento simultâneo (ou quase simultâneo) de transformação e apreensão da vida, do cotidiano. O século XIX com a sedimentação e desenvolvimento do que já havia principiado no século XVIII, suas descobertas, avanços tecnológicos, crescimento

¹⁸ BERMAN, Marshal. *Tudo que é sólido desmancha no ar; a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. p. 15.

das cidades, é o momento em que a cultura moderna ocidental (tanto material como artística) se expande para vários pontos do globo, a partir de sua matriz européia.

Embora aqui não tenhamos o mesmo desenvolvimento, mantém-se um contato estreito com essa matriz e o que não se realiza palpavelmente, "realiza-se" intelectualmente. Curitiba não é o Rio de Janeiro, nem Paris, mas recebe seus modelos e está a par de seus processos. Não fosse pelas inúmeras expressões em inglês e francês com que nos deparamos nas crônicas, teríamos ainda as palavras claras de um cronista a nos dizer:

Parece-nos a nós que Curitiba, agora, sacode aos poucos a apathia que lhe vai victimando para marchar ao lado das capitães que avançam [...] O que nos faz experimentar promissoras sensações de progresso é o caminho que a arquitetura em Curitiba, vae trilhar. Esta cidade, calçando sapatos e sendo rendilhada por casas feitas com arte, será uma cidade ideal.¹⁹

As alterações aqui, de pequena monta que sejam, não passam despercebidas. Ao contrário, são notadas e anotadas, são antevistas e almejadas no intuito de que a cidade não deixe de caminhar ao lado do processo nacional e mundial, até porque ela deve inserir-se nesses quadros de forma a ocupar o seu espaço.²⁰ As idéias de progresso, de

¹⁹ Stelio. Chronica da Rua. *O Olho da Rua*. 22/07/1911.

²⁰ Parece que esta é uma busca corrente: procura-se acompanhar o processo que os mais adiantados países da Europa já começaram a trilhar; o Brasil quer se afirmar como nação, como República que está

crescimento, de modernização, estão dominando o momento histórico e são compartilhadas pela intelectualidade de Curitiba que percebe a cada movimento da - ou na - cidade, um signo da modernidade. Mas o que ou quais são esses signos, essa modernidade? Procuraremos definir à medida que os textos nos forem descortinando a dimensão de suas expectativas e representações com relação a ela.

A paisagem aos poucos se altera, como a "caboclinha" que muda suas vestes, depois maquia seu rosto e transforma seus ares. Mas ela continua sendo a mesma "caboclinha". Imagem ainda recente, o tom do cronista denota certa melancolia e revela um sentimento próprio: a experiência da modernidade. Experiência na qual se lamenta a perda de um estado, de ser e de estar, conhecido e familiar. Talvez o cronista reconstrua esse estado passado para que exista uma base adequada a partir da qual ele possa se lançar. Em troca de um processo de vir-a-ser, que embora não seja totalmente previsível e conhecido, é almejado e vivido mais como expectativa do que como realidade.

A modernidade, acrescentemos, também é entendida como *enriquecimento vital*, isto é, "superabundância de possibilidades de vida [...] dilatação da vida em todas as suas direções; marca a ruptura com o modo de vida

caminhando rumo ao desenvolvimento, e os estados por sua vez querem se inserir no quadro nacional.

tradicional [...]".²¹ Então, ao mesmo tempo em que todas as possibilidades se abrem para o homem, ele perde seu referencial com a tradição e, solto, por sua conta, pode avançar. Contudo, não avança totalmente solto pois liga-se a um passado que ele constrói de modo mais apropriado para que possa ter segurança em sua projeção adiante.

Podemos abrir parênteses aqui para lembrar as considerações de Eric Hobsbawm sobre as *tradições inventadas*,²² quando o autor procura entender o modo como elas surgiram e se estabeleceram, observando que a característica comum nesse tipo de fenômeno é a de uma continuidade com relação a um passado histórico apropriado. Para o autor,

[...] não há lugar nem tempo investigado pelos historiadores onde não haja ocorrido a "invenção" de tradições neste sentido. Contudo, espera-se que ela ocorra com mais frequência: quando uma transformação rápida da sociedade debilita ou destrói os padrões sociais para os quais as "velhas" tradições foram feitas, produzindo novos padrões com os quais essas tradições são incompatíveis; [...]²³

Mais do que isso, as tradições inventadas

são altamente aplicáveis no caso de uma inovação histórica comparativamente recente, a "nação", e seus fenômenos associados: o nacionalismo, o

²¹ KUJAWSKI, ... p. 20.

²² HOBBSAWM, Eric & RANGER, Terence org. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

²³ Ibid. p.12

Estado nacional, os símbolos nacionais, as interpretações históricas, e daí por diante.²⁴

Não pretendemos dizer com isso que as transformações ocorridas aqui foram tão chocantes e rápidas como as que se deram em outros lugares, mas foram suficientemente importantes para despertar nas pessoas uma sensação de perda e de espanto, uma noção de que, concretamente, algo estava se modificando.

O Brasil é uma nação nova, procurando se impor e tentando eleger elementos que lhe dêem a identidade adequada. Nesse momento o Paraná também está buscando se colocar no cenário nacional, por várias razões, lembrando especialmente o Contestado. É justo que busque em seu passado figuras que possam conferir dignidade à "nação paranaense" (como o estado era muitas vezes chamado), fazendo um retrocesso desde os primórdios de sua origem. Assim, a figura do bandeirante se enquadra perfeitamente, porque apesar de se procurar romper com o passado colonial, esse personagem tem atributos necessários ao presente: arrojado, desbravador, herói. Também com o imigrante deve-se construir ou delimitar bem os seus contornos e seu papel: ele deve constar como parte da nova sociedade e sua inserção deve ser justificada, divulgando-se o seu pertencimento à sociedade.

²⁴ Ibid. p.22.

Voltando à crônica, na "caboclinha" o cronista busca a natureza primitiva do homem e do cenário local, que lhe dá substância para se orientar no presente. Ele constrói sua origem para saber de onde parte.

Ainda que o seu ponto de partida seja um passado quase mítico, assim construído ou interpretado, seu ponto de chegada não é muito preciso, mas seu caminho o é: o progresso e o futuro. Neste ponto, a diferença entre fins e meios torna-se vaga, pois muitas vezes o progresso é percebido como um meio para se atingir um futuro idealizado, e outras vezes como um fim em si mesmo. A idéia de progresso caracteriza uma utopia que entende que a realidade é transformável pelo homem, que esta transformação será para o melhor e que o melhor está situado num futuro sempre por atingir.²⁵ Portanto, o homem moderno lança-se ao futuro, deposita-se nas correntezas do progresso com otimismo e arrebatamento. Porém esse sentimento pode aparecer mesclado ao temor, ocasionado pela incerteza, pela ruptura, pelo choque com o novo, pela mudança de seus referenciais. Esse ser que ainda vive entre dois mundos, e que deve efetuar uma ruptura para se libertar e avançar, ao mesmo tempo procura saber com qual passado rompe. Sendo assim, ele precisa da sua história. É

²⁵ KUJAWSKI, p. 23.

nessa tensão passado/futuro que busca reconstruir esse referencial, esse passado, para alcançar seu devir.

Retornando à crônica e entendendo-a sob este prisma, percebe-se a intenção de dignificar de certa forma suas origens, na medida em que elas deverão justificar o ingresso dessa sociedade na modernidade. Ao mesmo tempo em que se instauram tradições, também se tenta a instauração de uma modernidade, e a inserção, como já foi dito, do Paraná no cenário nacional.

Ah, foste também à Capital da República? É dessa pleiade gloriosa de jovens que foi lembrar aos nossos grandes homens que o Paraná existe ainda e acompanha o Paiz na marcha do progresso; mostrar a nação que aqui também vibra forte o amor pela Pátria e mostrar aos estrangeiros que temos uma organização e uma instrução sufficiente para fazel-os parar longe de nossas fronteiras.²⁶

Não seria errado perguntar de que maneira o "futuro" determina o passado enquanto reelaboração e reconstrução. Ser moderno é viver em meio a um turbilhão. Nessa transição, é ver a vila transformar-se em cidade, de cabocla à cortesã. Devemos observar que a figura mítica que ele evoca, que é uma cabocla morena, tem olhos azuis, pensando assim, como já dissemos, que pretende referenciar o imigrante. Mas a figura do imigrante é contemporânea do cronista e não da formação da vila, portanto ele coloca um

²⁶ Mirante. *O Paraná*. 22/10/1910.

elemento do futuro, do seu presente, na sua representação do passado. Ele projeta o presente no passado, como se aí já houvesse uma antevisão do que deveria ser o presente, ou ainda, olhando o passado com os dados do presente constrói a história que deseja.

Percebendo as modificações à sua volta e querendo assimilá-las o cronista recria o seu espaço urbano de acordo com suas expectativas, ao mesmo tempo em que é surpreendido pelas alterações do ambiente que o envolve.

A modernidade implica na percepção do movimento. Tudo caminha, tudo circula, tudo avança. A idéia de que o mundo está se movendo em um ritmo muito mais acelerado do que aquele que se conhecia até então, alimenta a sensação de fugacidade das coisas, a momentaneidade e a descartabilidade. Os usos têm outra duração, a moda se renova com agilidade, ditando suas normas em vários aspectos da vida, não apenas no vestir ou no decorar, mas no agir, no ser, no viver. É todo um estilo que se compõe e se instaura, um estilo de vida moderno que é totalizador, que abrange a arquitetura, a literatura, a música, a produção industrial, enfim, que perpassa todos os setores da vida.

As cidades européias — principalmente Paris, Londres e Viena — sendo as matrizes desse fenômeno, tornam-se

símbolos da modernidade, da dinâmica, do novo. É na produção cultural que se busca, muitas vezes, uma interpretação e uma compreensão dessa modernidade, uma vez que ela foi "incorporada" e apreendida de imediato em sua abrangência pelos literatos que se sentiram impelidos a retratá-la – conscientemente ou não – a esquadrinhá-la, ou ainda a referenciá-la. Sensíveis às mudanças e vivendo simultaneamente ao desenrolar dos acontecimentos, os poetas, romancistas, literatos e jornalistas transportaram para suas obras as impressões, os choques, as aspirações. Enfim, deixaram um registro amplo de seu momento, mesmo que satirizando algumas destas expectativas:

Curytiba obedecerá á lei de Peletan, e irá pouco a pouco no seu cortejo bizarro de cousas novas, conquistando a fama de ... *prima inter pares*. Sim, ha de ser calcada (talvez a asphalto?...), ha de ter... (porque não?) empreza de saneamento, bondes electricos da "ligh", ruas varridas meticulosamente por uns cortezes garçons [...]

Teremos tudo: As polacas não gritaram mais insolentemente á nossa porta offerecendo batatas e feijão, nem o pipeiro com estardalhaço encherá nossa casa de plastas de lama em dias de chuva. Há de tudo se reformar, e, até o chafariz do Juca Enéas rolará por terra mutilado, desfeito, pela clava possante dos obreiros do progresso.²⁷

Ou então uma visão otimista quanto ao melhoramento da cidade, como na crônica de Stelio citada anteriormente.²⁸

²⁷ A Reforma. *O Olho da Rua*. 08/06/1907.

²⁸ Stelio... Ver p. 21 acima.

As artes acompanham o movimento de transformação e ruptura, buscando estilos que dêem conta dessa nova dinâmica, expressando as ansiedades e os choques da vida moderna, projetando e impulsionando seus ideais, procurando uma harmonia e conciliação. Portanto, a idéia de se buscar uma dimensão da modernidade nas obras literárias está presente em muitos autores que trabalharam com esse tema, pois ela se cristaliza através da produção cultural. São novos temas, objetos, motivos, que ilustram e indicam qual a sensação provocada pela modernidade, que define para cada um o que ela é. O que essas elaborações têm em comum define, para nós, hoje, sua interpretação naquele momento.

Quando Walter Benjamin se debruça sobre a obra do poeta Baudelaire e segue suas pegadas pelas ruas de Paris, encontra aí o herói, o flâneur, o detetive, o marginal, o conflito, e encontra também como palco e lugar privilegiado desse tempo-espço a cidade de Paris.²⁹

Benjamin recolhe da obra de Baudelaire as impressões e expressões da modernidade – grandes cidades, devaneios, choques de consciência, trama de relações, perda da aura, retorno ao mítico. Enfim, busca de um estilo que expresse as emoções suscitadas pelas novas experiências vividas, a modernidade, e o que a mesma representa para a criação

²⁹ BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire; um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

artística de um determinado momento histórico, refletida na obra do poeta. Sua análise não se limita à obra em si, mas percorrendo os elementos que se destacam nela ele a vê (e ao poeta também) como criação historicamente formada, ou melhor, como as circunstâncias, o momento histórico está presente em seu interior, muitas vezes na forma de conflito entre o artista e a realidade. Benjamin investiga o desenvolvimento econômico da cidade, seu crescimento rápido e suas modificações urbanísticas, o que justifica o fato dela ser o palco – e ao mesmo tempo personagem – onde a cena se desenvolve.

Esta cidade é o fenômeno da modernidade. Para ela convergem os olhares, as atenções, pois encerra em si um mundo de possibilidades e de experiências. Ela é o local privilegiado da modernidade, assumindo a imagem de um organismo vivo e sendo entendida como tal, em concepções que vão desde as mais otimistas até as mais aterradoras. Ruas, lojas, postes de luz, bondes, pessoas, objetos, tudo é passível de vida, de movimento; todos são personagens da vida moderna. As lojas não são apenas lojas – local onde se pode comprar algo de que se necessita. Ao contrário, o próprio sentido de necessidade se alterou e as mesmas são vitrines com mercadorias que encantam. Também em suas vitrines o observador se vê refletido. Ainda, os postes de luz elétrica não apenas iluminam, como descortinam um novo

espaço de circulação, projetam sombras, representam progresso. As ruas empoeiradas ou lamacentas remetem ao "velho", ao passado. Pavimentadas, elas refletem o futuro no caminhar mais cômodo, mais ágil, de seus transeuntes que incorporam aos seus passos um estilo de vida presente.

Como compreender melhor esse espaço privilegiado que abriga a modernidade e se desdobra enquanto personagem e palco? Uma pista nos é dada por Edgar De Decca:

a cidade é aquilo que as pessoas vivem enquanto experiências individuais ou coletivas, aquilo que acaba sendo gravado na memória e que a linguagem é capaz de instituir através de uma intrincada relação entre sensações, sentimentos e coisas.³⁰

Poderíamos tentar definir a cidade desde sua origem, o que ainda suscita algumas dúvidas, e ainda assim, de qualquer modo, não haveria uma única maneira de compreendê-la. Pode-se dizer que ela nunca é única para aqueles que a habitam, pelo menos as grandes cidades dos séculos XVIII e XIX que nos interessam mais de perto enquanto modelos que se projetam para todo o mundo ocidental.

Pensando - para começarmos a esboçar uma idéia mais clara de cidade - na pólis grega, vemos que ela tem um sentido e uma definição política para seus habitantes. Há na cidade uma dimensão pública de vida coletiva a ser

³⁰ DE DECCA, Edgar. Os muitos modernismos. *História : Questões e Debates*, Curitiba, a. 11, n.20-21, jun.-dez., 1990. p. 5-16.

organizada e ela significa, ao mesmo tempo, uma maneira de organizar o território e uma relação política. A cidade-estado expressa a dimensão política do urbano e para o grego, mais que um lugar geográfico, a pólis designa uma prática política exercida pelos cidadãos. Antes de serem entendidos como moradores da cidade, eles são vistos como indivíduos que por direito podem participar da vida pública (excluídos aí escravos, estrangeiros e mulheres).

Avançando até a cidade medieval, vemos que ela assume as feições de um burgo, que cresce em função do mercado local. Ainda que incipiente, ele começa a dominar a cena e estimula a separação campo/cidade. Nessas circunstâncias, o homem deixa o campo e rompe seus vínculos com a terra e com um tipo de poder ao qual estava submetido, para se colocar na cidade como trabalhador vinculado a outros tipos de relações. O desenho dessa cidade não obedece nenhum traçado preestabelecido, não havendo demarcação de lotes ou desenho de ruas. A terra é ocupada à medida que os moradores ali se instalam e o desenho urbano da cidade configura-se de forma irregular.

Finalmente a cidade moderna, ou a cidade do Renascimento, já é o local do desenvolvimento econômico, da circulação de mercadorias em maior escala, da indústria, das finanças e do comércio. É autônoma, com um forte poder municipal e é praticamente uma cidade-estado, como

Florença, Gênova ou Milão. Aos poucos, estas cidades desenvolvem uma política de dominação e, para garantir sua liberdade recorrem à proteção de exércitos mercenários. A figura do chefe militar se sobrepõe, tornando-se este o governante da cidade, o que acaba por inverter o processo de autonomia destas municipalidades. Ainda, neste processo, quando se desfaz a ordem medieval, a religião, a política e o comércio seguem caminhos separados. Com a desintegração da Igreja medieval, os reis e suas cortes passam a ocupar um lugar tão importante quanto a corte celestial, onde o governante, por direito divino, ocupa o lugar de Deus.

Ao final do século XVI formam-se os Modernos Estados Europeus, que, abrangendo grande extensão territorial, organizam sua sede de poder na cidade-capital. Esta cresce em população, área e riqueza, rivalizando depois com outras que serão centros de produção, de indústrias, como as cidades da França e Inglaterra. Nestas cidades ocorre a mercantilização do espaço; a sua organização é marcada pela divisão da sociedade em classes e por um poder centralizado. Após o século XVIII, com a revolução industrial, esses pontos se tornam cada vez mais presentes e são instaurados de fato. A cidade se expande de forma até então desconhecida; dividem-se os espaços em territórios diferenciados: o local do trabalho, o local da moradia, o bairro dos ricos, outro dos pobres, o espaço para o lazer e

contato com a natureza através das praças e parques. Tudo isso passa a redefinir o desenho da cidade, sua compreensão e sua vivência.

Como local que produz suas normas, leis e regras específicas, viver em uma cidade deste porte é viver em meio a estas normas que devem interferir no cotidiano dos indivíduos. Se o espaço é delimitado, sua circulação também o é, às vezes por leis, outras por normas sociais. O habitante desta cidade moderna vive numa malha de relações e situações que tendem a conformar seu modo de viver.

Porém, neste espaço, o conflito não está ausente. Com uma população cada vez maior e, em grande parte, desfavorecida, para conter as manifestações e preservar a ordem, surgem os planos urbanos elaborados pelo governo. Vistos como intervenção calculada e projetada, capaz de transformar a cidade num mecanismo que funcione de modo adequado, eles reordenam o espaço urbano, de modo que possíveis revoltas possam ser debeladas e que a cidade se transforme em palco da moderna vida burguesa.

A primeira tentativa de intervenção planejada nas cidades, pode-se dizer, surgiu com o plano barroco. Nele o essencial é a circulação: o tráfego deve ter passagem livre, e também o exército deve poder desfilar uniformemente. A base desse plano é a avenida, pois ela é o

próprio caminho pelo qual as ordens sociais irão desfilar, tanto a burguesa quanto a militar. Por outro lado, a avenida será ladeada por edifícios uniformemente construídos, tanto em tamanho como em motivos decorativos. Segundo Lewis Mumford, o que seria algo totalmente monótono – edifícios com formas repetidas – torna-se interessante, uma vez que a velocidade com que se observará esse cenário será muito maior, pois os arquitetos têm em mente que a avenida servirá para o nobre ou o burguês que passará em sua carruagem ou a cavalo:

O movimento em linha reta ao longo de uma avenida não era meramente uma economia, mas um prazer especial: trazia para dentro da cidade o estímulo e a animação do movimento rápido, que até então só o cavaleiro tinha conhecido, ao galopar pelos campos ou através da floresta de caça. Era possível aumentar esse prazer por meio da disposição regular de edifícios, com fachadas simétricas e cornijas uniformes, cujas linhas horizontais tendiam para o mesmo ponto distante, como aquele para o qual a própria condução estava rodando.[...] O que seria monotonia, para uma posição fixa ou mesmo numa procissão, torna-se um correspondente necessário ao ritmo de andar dos cavalos rápidos.³¹

Os planos para a cidade, na verdade, refletem a ordem da sociedade, no século XVII, sociedade esta constituída por um poder centralizador e uma burguesia emergente que propõem a valorização do prazer.

³¹ MUMFORD, Lewis. *A cidade na história; suas origens, transformações e perspectivas*. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p.400

Cada classe procura manter-se em seu lugar e afastar-se das camadas inferiores. Cada um ocupa o seu espaço de acordo com a hierarquia social. Ao mesmo tempo, a noção de intimidade começa a se fazer presente e a gerar outras tantas modificações comportamentais, como também altera as formas de ordenamento dos espaços privados.

As bases lançadas pelo plano barroco permanecerão por muito tempo, encontrando seu lugar também no século XIX, como no plano de reelaboração de Paris, feito pelo barão Haussman, que efetuou uma operação de "limpeza" em algumas partes da cidade. Tratava-se não apenas de projetar avenidas e palácios para desfrute de algumas classes ou para servir como espetáculo para outras. Prevaleciam, isto sim, as questões de "segurança". As barricadas de 1848 haviam deixado sua marca. As reformas foram realizadas de modo a facilitar a locomoção militar para eliminar qualquer sublevação da população e para tanto, era necessário fazer ruas largas, onde se pudesse transitar com rapidez. Também era preciso desalojar uma camada muito pobre, a qual já não podia coabitar no mesmo espaço que a nobreza ou a burguesia, deslocando-a para o subúrbio. Demolições de prédios para nivelar as ruas ou construir outros mais ordenados, deslocamento da massa perigosa para longe, trânsito livre para o exército, foram as medidas tomadas que modificaram a cidade.

A verdadeira finalidade das obras de Haussmann era tornar a cidade segura em caso de guerra civil. Ele queria tornar impossível que no futuro se levantassem barricadas em Paris [...] O ideal urbanístico de Haussmann eram as visões em perspectiva através de longas séries de ruas. Isso corresponde à tendência que sempre de novo se pode observar no século XIX, no sentido de enobrecer necessidades técnicas fazendo delas objetivos artísticos.³²

Essas remodelações na cidade de Paris abriram perspectivas e apontaram "soluções" que foram seguidas em outros lugares, como uma maneira de resolver os problemas da cidade moderna, embasada no conhecimento científico e no progresso.

O Rio de Janeiro na transição do século XIX para o século XX, retornando ao caso brasileiro, enfrenta os mesmos problemas que assolam uma capital, que se tornou um grande centro, um porto com certo destaque e que deve inserir-se num quadro internacional de desenvolvimento. O Rio transformou-se no maior centro cosmopolita do país. Aumento de população, empobrecimento, exploração imobiliária, epidemias e turbulências políticas, foram alguns dos fatores que levaram o governo a começar uma reforma na cidade, de modo que ela se adequasse à vida moderna. A nova elite queria, para bem do desenvolvimento econômico, alinhar-se com os padrões europeus para que os investimentos de capital estrangeiro não fossem reduzidos

³² BENJAMIN, Walter. Paris, capital do século XIX. In: KOTHE, Flavio, org. *Walter Benjamin*. São Paulo: Ática, 1985. p. 30-43.

devido a uma imagem de pobreza e de insalubridade que estava sendo propagada naquele momento. Segundo Nicolau Sevcenko:

Estava aberto o caminho para o desfecho inadiável desse processo de substituição das elites sociais: a remodelação da cidade e a consagração do progresso como objetivo coletivo fundamental.³³

O primeiro passo é dado em 1904, com a inauguração da Avenida Central e a promulgação da Lei da Vacina Obrigatória. Estes atos marcam o início da transfiguração urbana da cidade:

são demolidos imensos casarões coloniais e imperiais da cidade, transformados que estavam em pardieiros em que se abarrotava grande parte da população, a fim de que as ruelas acanhadas se transformassem em amplas avenidas, praças e jardins, decorados com palácios de mármore e cristal e pontilhados de estátuas importadas da Europa.³⁴

Outro passo decisivo vem com a Exposição Nacional do Rio de Janeiro, em 1908, consagrando os novos ideais da indústria, do progresso e da riqueza. Esse evento vem na esteira das exposições universais que tiveram início no século XIX, e que se tornaram o evento-espaço onde os avanços técnicos seriam apresentados ao público. A primeira delas foi em Londres, inaugurada a 1º de maio de 1851, e

³³ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão; tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p.30.

³⁴ Ibid. p.30

causou grande impacto, solidificando as bases de um novo tipo de edificação que traduzia o ideal da moderna construção, com o Palácio de Cristal – especialmente projetado para sediar o evento.

O Palácio de Cristal foi projetado por Joseph Paxton, engenheiro construtor de estufas, numa revolucionária estrutura em ferro e vidro. Era o maior edifício até então construído: 563m de comprimento, 124m de largura e 33m de altura. Segundo Roberson Nunes, “ele se converteu numa alegoria da arquitetura da época moderna”.³⁵ Participaram dessa exposição cerca de quarenta nações. A inauguração teve toda a pompa que o espetáculo merecia: 700 mil espectadores assistiram e aplaudiram a chegada da rainha Vitória e sua corte; 25 mil “privilegiados” eram convidados oficiais ou já haviam adquirido seus ingressos. A descrição de Roland Marx demonstra a imponência da obra:

[...] a extraordinária altura da galeria, quase 50 metros, com a complexidade da arquitetura interior, com o uso exclusivo do vidro e do ferro e com as imensas plantas trepadeiras que adornam aquela estufa gigante [...].³⁶

³⁵ NUNES, Roberson Mauricio Caldeira. *Ícones da Modernidade: as exposições universais como o auge do espetáculo burguês*. Curitiba, 1992. Monografia, Especialização em História, Universidade Federal do Paraná. p. 8

³⁶ MARX, Roland. A grandiosidade britânica. In: CHARLOT, Monica e MARX, Roland, orgs. *Londres, 1851-1901; a Era Vitoriana ou o triunfo das desigualdades*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. p.21

A esta exposição seguiram-se outras, sendo que a de Paris em 1889 foi uma das mais importantes: seu símbolo nada mais seria do que a torre Eiffel, projetada pelo engenheiro Gustave Eiffel. A exposição teve 61.722 expositores, entre os quais o Brasil, e foi visitada por 32 milhões de pessoas.

Como observou Foot Hardman,³⁷ o Brasil fez-se representar nas exposições universais desde os primeiros eventos. Ele participou das exposições de 1862 (Londres), 1867 (Paris), 1873 (Londres), 1876 (Filadélfia), 1882 (Buenos Aires), 1884 (São Petesburgo), 1889 (Paris), 1904 (Saint Louis), 1911 (Turim), além de outras menores³⁸.

O Paraná participou de alguns desses eventos, expondo seu maior produto, o mate, na tentativa de conquistar outros mercados. Apresentou-se em Londres em 1862, Filadélfia em 1876, Paris em 1867, entre outras.³⁹

No Brasil também eram realizadas exposições nacionais, muitas vezes prévias para as exposições universais: 1866, 1873, 1875, 1881, 1889. No século XX, o Rio de Janeiro sediou outras, como a de 1908. Sobre ela, Nunes escreve:

³⁷ HARDMAN, Francisco Foot. *Trem fantasma; a modernidade na selva*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p.69.

³⁸ NUNES, ...p.23

³⁹ LINHARES, Temístocles. *História econômica do mate*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969. Existem algumas divergências entre Linhares e Nunes com relação a algumas datas e locais.

Em 1907, o Rio de Janeiro remodelado pelas reformas de Pereira Passos e saneado por Oswaldo Cruz, já podia ser considerado um cartão de visitas da República; faltava apenas oferecer uma recepção aos estrangeiros, [...] O pretexto foi encontrado na comemoração do primeiro centenário da abertura dos portos às nações amigas, celebrando-se para tanto em 1908 uma Exposição Nacional, e que também serviria como preparação à Exposição Universal de Bruxelas, em 1910.⁴⁰

Estes espetáculos eram o ponto culminante da exibição de novas tecnologias, do ideal de progresso, desenvolvimento e da cultura moderna e expressavam a idéia de uma paz universal entre as nações.

Para promover um evento desses, era necessário sanear a cidade, torná-la "apresentável" para o visitante estrangeiro, apagando assim a imagem negativa, do Rio de Janeiro como foco de epidemias. Embelezá-la, retirar a pobreza dos lugares visíveis, derrubar cortiços e construir alguns prédios que revelassem uma certa modernização e salubridade foram algumas das principais medidas tomadas.

Com isso assistia-se à transformação do espaço urbano no Rio de Janeiro, do modo de vida e da mentalidade, segundo os novos padrões.

Mas não só no Rio de Janeiro podemos observar estas transformações. Nicolau Sevckenko também desenvolveu um trabalho sobre a modernidade e a cidade de São Paulo, no qual analisa sua urbanização acelerada, entre 1890 e 1930,

⁴⁰ NUNES..., p.26

as nacionalidades importadas, ambigüidades, revolução da tecnologia passando pela I Guerra Mundial e cultura europeia de massas, num trabalho de história da cultura e da urbanização, desenvolvendo um estudo das diversas manifestações culturais no período. De início ele já nos diz o seguinte:

A cidade viraria ela mesma a fonte e o foco da criação cultural, se tornando um tema dominante, explícita ou tacitamente, para as várias artes, fornecendo-lhes muito mais chaves para a reformulação da estrutura compositiva interna das obras, do que propriamente incidentes ou argumentos, que se dissolvem em impressões erráticas.⁴¹

Trata-se de uma cidade que cresce em escala fenomenal, impulsionada pela economia cafeeira, que impõe a seus habitantes um novo ritmo onde a preocupação máxima é "ser moderno". Ponto de atração, devido às oportunidades que oferecia, para lá acorriam migrantes de diversas partes do Brasil e imigrantes de outros países. A prática especulativa fazia com que a população se arranjasse como pudesse, dando à cidade "o aspecto de aldeia de garimpeiros do faroeste americano", segundo um popular da época. Mas a cidade também tinha o seu belo cenário natural, incrementado por uma arborização programada e que importava espécies de plantas europeias, isto, em detrimento da

⁴¹ SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*; São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.18.

natureza local, dando preferência a uma natureza internacional. São demolidos antigos edifícios, casarões, edificações religiosas, para não só atender à demanda sempre crescente, como também conformá-la ao padrão internacional. O arquiteto responsável pelo planejamento urbano de São Paulo, M. Bouvard,⁴² era especializado na prestação de serviços para as grandes exposições internacionais, tendo atuado nas feiras de Paris de 1878 e 1889, em Viena, Londres e Bruxelas. Segundo Sevcenko, "ele ajustaria seus projetos urbanísticos à pressão dos especuladores imobiliários (...)".⁴³

Isso diz muita coisa. Vemos uma cidade com alguns espaços destinados a serem vitrines internacionais, engendrando vários conflitos dentro de si, compondo-se e decompondo-se em panoramas diversos, coagindo a população a uma nova dinâmica que encarnava o espetáculo em vários sentidos.

Como podemos observar, em linhas gerais, a virada do século trouxe consigo grandes mudanças para essas cidades, e não só para elas. O que não se verifica na prática, em outros centros, verifica-se enquanto uma idéia incorporada.

⁴² Lembramos que Bouvard esteve em Curitiba realizando uma conferência, no dia 27 de abril de 1911, na qual foi discutida a necessidade do calçamento para a cidade. Cf. DENIPOTI, Cláudio. *Páginas de prazer; a sexualidade através da leitura no início do século*. Curitiba, 1994. Dissertação, Mestrado em História, Universidade Federal do Paraná. p.6.

⁴³ Ibid. p. 119.

No caso de Curitiba, pode-se dizer que ela desde cedo teve sua conformação orientada de alguma forma. Como demonstrou Magnus Roberto Pereira, Curitiba é herdeira de um modelo de cidade ibero-colonial que se baseava no plano barroco, ainda que mantendo algumas especificidades, pois esse plano não foi seguido à risca no caso curitibano.⁴⁴ Mas a cidade, praticamente desde a sua fundação, seguia normas e prescrições para a edificação das casas, alinhamento das ruas, das praças e outros espaços. Sempre foi intenção das autoridades e da intelectualidade local conformar o crescimento da cidade a determinadas regras e padrões, de acordo com a expectativa gerada por um modelo de espaço urbano.

Na segunda metade do século XIX a cidade começa a sofrer algumas modificações como capital de província e, portanto, como sede de poder e centro de desenvolvimento. As elites queriam obras de grande porte que atestassem o status da cidade e essas obras deveriam ser executadas de forma científica.⁴⁵ Somando-se a isso, as idéias de "salubridade" e "recreio" definem os moldes de algumas construções, como por exemplo o Passeio Público, de 1886. Nos palacetes construídos pela elite ervateira, podia-se ver o mesmo tipo de projeto, direcionado à moradia.

⁴⁴ PEREIRA, Magnus Roberto de Mello. Rigores e métodos da cidade brasileira entre os séculos XVI e XIX. *Revista de Ciências Humanas*. Curitiba, UFPR. 1993. p. 191-218.

⁴⁵ Ibid.

Principalmente a partir da década de 1850, com o boom dos engenhos de mate, formou-se nas cidades paranaenses uma camada populacional tipicamente citadina [...]. Além dos industriais e comerciantes do mate, com seus empregados burocráticos e trabalhadores jornalheiros, ganharam as cidades os profissionais liberais e os funcionários públicos.⁴⁶

Isso vale dizer que inúmeros outros personagens urbanos entravam em cena. Nesse período chegaram os primeiros imigrantes europeus, como os italianos, alemães ou poloneses, que se fixaram nos arredores da cidade, formando suas colônias.

À medida que a cidade cresce e o número de habitantes aumenta, os problemas passam a exigir uma solução mais imediata. Em 1888 constituiu-se uma comissão de melhoramentos urbanos, composta por engenheiros, médicos, higienistas, políticos e alguns engenheiros do mate. Dela resulta o primeiro Código de Posturas de Curitiba, em 1895. Este Código determinava como e onde construir, e também tratava da higiene relativa aos estabelecimentos comerciais. Assim o quadro urbano vai sendo definido, orientado e hierarquizado.⁴⁷

O ano de 1913 marca uma nova fase de reformas urbanas, promovidas pelo então prefeito Cândido de Abreu:

⁴⁶ Ibid. p. 214.

⁴⁷ BARZ, Elton Luiz. Curitiba e o planejamento urbano. *Universidade Livre do Meio Ambiente*. Curitiba, Mar.-Abr. 1992.

todo o centro é pavimentado com paralelepípedos, a Rua XV e a Barão do Rio Branco alargadas, os bondes puxados a mulas são substituídos pelos bondes elétricos, o Passeio Público passou por uma ampla reforma, [...].⁴⁸

Dito isto, retornamos à questão dos novos personagens que começam a aparecer na cidade, um deles muito bem assinalado na seguinte observação:

O flâneur do século XIX não vivia apenas em Paris ou em outras grandes cidades européias. Em Curitiba, Paranaguá ou Antonina, desde a década de 1850, "flanadores" em potencial reivindicavam os largos, as praças, os "squares" e os "boulevards" onde pretendiam assistir o espetáculo das vitrines e das edificações personalizadas ou sair à noite para o footing, o baile ou o teatro.⁴⁹

Os intelectuais seguem de perto todo o movimento urbano, engajados que estão na idéia de transformação do espaço, da vida. Acreditando no novo, deixaram-nos os mais variados registros através da imprensa, como nosso cronista Higino.

Tentamos colocar até aqui algumas idéias, diretrizes, que nos orientassem com relação a esse fenômeno chamado modernidade e a esse espaço chamado cidade. Se em muitas partes do texto ambos se confundem é porque estão totalmente interligados. Se situamos a modernidade no tempo e espaço, este último é o da cidade. Se procuramos destacar

⁴⁸ Ibid. p. 15.

⁴⁹ PEREIRA ..., p.214-15.

os elementos que definem o primeiro, é na cidade que eles se encontram.

Aqueles que daqui por diante serão os guias para nossas investigações serão os cronistas, escolhidos por parecerem eles próprios personagens que mais assimilaram essas idéias de modernizar espaços, ambientes e culturas e que as transmitiram através do seu trabalho. Por serem fruto do seu tempo, conseqüentemente é na sua produção que buscamos perceber como isso era entendido, de que maneira explícita ou implicitamente revelam-se manifestações, pensamentos, atitudes que denotam o tema da modernidade. Não esperamos, é claro, encontrar aqui algo tão conflituoso e caótico como se encontrou em textos produzidos em outros lugares. Não estamos procurando um Baudelaire local, mas sim os reflexos de suas experiências que aqui chegaram e como isso foi processado, tendo sempre presente que cada lugar teve a *sua* modernidade, na *sua* medida.

Através da crônica de Higino pudemos percorrer um caminho que foi traçado desde as origens do espaço urbano até a idéia de modernização, de transformação. Acompanhamos o que foi colocado por ele, isto é, suas observações sobre as transformações que viu acontecer em sua cidade: uma caboclinha que virou cortesã. Algo aconteceu e alterou, modificou o que havia até então. Na tentativa de registrar isso, ele escreveu e apresentou aos leitores o que viu;

talvez até para aqueles que não estivessem percebendo muito bem essas modificações, ele introduz o tema. De resto, esse parece ser o ponto forte de seu trabalho enquanto cronista.

Com certeza Higino não foi o único a "cismar" sobre esses assuntos. Muitos o fizeram. Apesar de não sabermos seu verdadeiro nome, podemos facilmente supor que ele fez parte de um grupo de intelectuais cuja produção foi muito fértil, e cuja veiculação de seus trabalhos através da imprensa (revistas e jornais) foi muito grande.

Vejamos um pouco mais desse *metiér* que é por si só, fruto dos novos tempos.

UM METIÉR DE ÉPOCA

O GÊNERO

De início, já na origem do nome "crônica" – chronus = tempo – percebemos que é um gênero totalmente ligado ao tempo. Ao longo deste, foi se aprimorando, transformando-se até assumir a sua configuração do início do século, em jornais e revistas – que é, em linhas gerais, aquela que conhecemos hoje.

A crônica, nos seus primórdios, narrava acontecimentos históricos, descrevendo os fatos e suas circunstâncias de forma cronológica. Lembramos, por exemplo, dos cronistas coloniais que tinham um leitor específico para o seu texto: o rei ou alguma outra autoridade. Já no final do XIX e início do XX, ela aparece de outra forma. Veiculada através da imprensa, podemos dizer que ela assume nova versão, sendo destinada a um número bastante grande de leitores, consumidores do jornal

e de informações. Mas a crônica mantém sempre alguns aspectos importantes desde sua origem:

Num e noutro caso, a crônica guarda sempre de sua origem etimológica a relação profunda com o tempo vivido. De formas diferenciadas, porque diferente é em cada momento a percepção do tempo histórico, a crônica é sempre de alguma maneira o tempo feito texto, sempre de formas diversas, uma escrita no tempo. Não fosse senão por essa razão, já seria justo que delas se ocupassem os historiadores.¹

É exatamente essa relação do texto com o seu tempo que nos interessa. Através da crônica procuramos perceber de que forma um determinado presente é entendido ou vivido. Ainda, quais aspectos desse presente são importantes, a ponto de se tornarem parte desse tipo de registro.

Tamanha é a ligação do texto com o tempo que nosso já conhecido Higino faz uma descrição quase em forma de fábula bucólica e romântica do passado para, então, traçar a história da cidade e comparar passado e presente. Ele não deixa de lado a linha do tempo, mesmo usando recursos ficcionais. De certa forma, o cronista faz o mesmo percurso de seus antepassados, só que nos termos do presente. A

¹ NEVES, Margarida de Souza. Uma escrita no tempo; memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas. In: CANDIDO, Antonio [et al.]. A crônica. Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p.82

crônica, podemos dizer, evoluiu, ganhou seu estatuto e se firmou como gênero, procurando um caminho adequado à dinâmica do seu presente, do seu tempo. Contudo, ela guarda resquícios de sua origem quando busca no passado uma base para afirmação ou negação de suas idéias, do seu presente.

Na verdade, ainda fazendo a gênese da crônica, encontramos no século XIX o que seria a matriz primeira da crônica moderna: o folhetim. Os jornais europeus começaram por destinar um determinado espaço, conhecido como "variedades" que, como diz o nome, era preenchido por artigos que tratavam de vários assuntos. Aparecem diversas propagandas, assuntos de teatro, acontecimentos sociais, enfim, diversos temas da vida moderna. Algumas vezes essas colunas eram denominadas de "folhetins". Esses, pouco a pouco começam a se diferenciar das variedades, especialmente na França. Segundo Marlyse Meyer,

de início - começos do século XIX - *le feuilleton* designa um lugar preciso no jornal: o *rez-de-chaussée* - rés-do-chão, rodapé, geralmente da primeira página. Tem uma finalidade precisa: é um espaço vazio destinado ao entretenimento.²

² MEYER, Marlyse. Voláteis e versáteis; de variedades e folhetins se fez a chronica. In: CANDIDO..., p.96

Com o tempo esse espaço passa a especializar-se, recebendo ficção em capítulos, recurso que faria as tiragens dos jornais aumentarem vertiginosamente. Autores como Eugène Sue, Alexandre Dumas Pai, Paul Feval, Montepin e outros, publicarão folhetins para todos os gostos.

Muitos títulos são traduzidos e publicados no Brasil, como *Mistérios de Paris*, *Conde de Monte Cristo*, *Judeo Errante*, entre outros. Concomitantemente, o que aparecia até então como variedades, na primeira página, ainda pouco diferenciado do folhetim, passa para o interior do jornal. Com um conteúdo diversificado, caracteriza-se pela leveza de estilo e pelo tratamento de assuntos do cotidiano.

A modernização dos tempos exigia algo novo e não apenas notícias, contos, poemas e novelas. Em vez do simples registro, o comentário de acontecimentos, que poderiam ou não ser do conhecimento do público, transforma o texto em algo mais. Tal comentário estabelece uma certa intimidade com o leitor, ao mesmo tempo em que trata do cotidiano através de um texto que parte de algo observado.

Um texto que recria a realidade, filtra os acontecimentos para passá-los de forma subjetiva.³ Uma vez que o veículo através do qual a crônica circula é o jornal, fica clara a necessidade deste texto acompanhar a dinâmica do periódico, isto é, as tiragens em grande número, a importância dada a informação, o aparecimento da propaganda no jornal e o ritmo de um tempo marcado pela rapidez.

Neste tipo de texto é grande a importância dada à observação direta, pois é ela que lhe confere autoridade, mesmo sendo o texto uma recriação do fato observado. É essa observação, principalmente do que pode ser corriqueiro ou banal, o princípio básico da crônica. Ela registra o circunstancial, entendido como pequeno acontecimento do dia-a-dia que poderia passar despercebido ou relegado à marginalidade por ser considerado insignificante.⁴

Tanto é assim, que até no nome alguns periódicos já passam essa idéia, como por exemplo *O Olho da Rua*, que circulou em Curitiba de 1907 a 1911.⁵ Não bastasse o seu

³ SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1987. p.11

⁴ Ibid.

⁵ Publicação quinzenal, cujo primeiro número é lançado a 13 de abril de 1907. Cf. MARTINS, Romário. *Catálogo dos jornais publicados no Paraná de 1854 a 1907*. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1908.

nome, que sugere claramente a observação de tudo o que se passa ao seu redor, também em algumas colunas isso é patente. Lembremos, por exemplo, *Da janela do Olho, Do terraço do Olho, Do telhado do Olho*. Não podemos afirmar, contudo, que seu teor seja única e exclusivamente este.

Muitas vezes usando a forma de diálogo, a crônica proporciona a identificação do leitor com o conteúdo do texto, no qual o mesmo leitor reconhece lugares, fatos, pessoas, situações e se reconhece, muitas vezes, porque o cronista acaba produzindo um texto que fala da vida e do cotidiano que pode ser o dele e de seus leitores.

No Brasil, crônicas, folhetins e variedades também transbordam em numerosas folhas, muitas vezes exclusivamente recreativas, como na matriz européia. Isso porque, segundo Marlyse Meyer, estava-se vivendo

[...] numa época de urbanização acelerada ainda mais pelo avanço do café, que desmancha os núcleos suscitadores e contadores de causos e histórias. A *macaquice* devia possibilitar a reconstituição de um recreativo comunitário, em nível do serão ainda possivelmente vigente [...] em nível de extensão de público.⁶

⁶ MEYER ..., p.118.

A *macaquice* a qual se refere a autora seria a importação desses gêneros pela imprensa nacional, derivados da matriz francesa.

Percebe-se, desde já, a ligação existente entre o folhetinista, isto é, cronista em formação e o contador de *causos*, que pouco a pouco perde espaço na sociedade moderna. Essa figura, então, é de certa forma incorporada e absorvida por aquele profissional que escreve nos periódicos, encontrando-se provavelmente aí a especificidade de sua relação com o público.

O número de periódicos que circularam durante a virada do século, no Brasil, é muito grande, e aos poucos as matérias vão se definindo, tomando contornos mais nítidos quanto ao estilo. A propaganda entra também como agente que irá impulsionar significativamente a circulação dos periódicos. No caso do folhetim, a autora comenta ainda:

[...] no folhetim, nicho aberto a tudo, vai também se aninhar o espaço da criação e da experimentação. É ele, como vimos, que recebe as primeiras tentativas de fazer literatura nacional [...]. O que vale dizer, na época, que quem quisesse integrar o concerto das nações

civilizadas, a modernidade, em suma, haveria que tentar o caminho do romance.⁷

Percebe-se como a idéia de um determinado momento que se quer integrar está também representada através do tipo de literatura que deve corresponder a este momento. Acima de tudo, esta crônica é um gênero moderno.

Não podemos, porém, considerar a crônica como mero apêndice do jornal, ao qual sempre esteve ligada. No Brasil o seu florescimento foi surpreendente, tornando-se um gênero literário "muito próximo de certas modalidades da épica, e às vezes também da lírica, mas com uma história específica e bastante expressiva no conjunto da produção literária brasileira [...]".⁸

A crônica é, como já dissemos, um gênero moderno, que fala do cotidiano, das novidades, dos choques, que circula rápido e se transforma em literatura, mesmo em meio à restrição do tempo/espço a qual está sujeita e que têm sua atenção voltada para o efêmero. Contudo, ela retém

⁷ *ibid.* p. 127.

⁸ ARRIGUCCI, David. *Enigma e comentário; ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p.53.

aquilo que não é passageiro, aquilo que pertence à história.

[...] o folhetim nasceu do jornal, o folhetinista por consequência do jornalista [...] O folhetinista é a fusão agradável do útil e do fútil, o parto curioso e singular do sério consorciado com o frívolo. Estes dois elementos, arredados como pólos, heterogêneos como água e fogo, casam-se perfeitamente na organização do novo animal.⁹

Essa citação de Machado de Assis é encontrada no texto de Marlyse Meyer, no qual ela procura mostrar as origens da crônica, refazendo o seu caminho desde o folhetim e atentando para a forma que o folhetinista assume no Brasil. Ao criticar a pouca atenção ao nacional em favor dos temas franceses, Machado de Assis reclama por uma cor mais local.¹⁰

Mas as fronteiras entre os numerosos escritos abrigados pelo folhetim não são muito firmes: "E há outros textos. Cães vadios, livres farejadores do cotidiano, batizados com outro nome de vale-tudo: a crônica [...]"¹¹

⁹ ASSIS, Machado de. apud MEYER ..., p.94.

¹⁰ Ibid. p.113

¹¹ Ibid. p. 128

Como gênero, segundo Antônio Cândido, a crônica se ajusta à sensibilidade de todo o dia:

[...] a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas [...] pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas, - sobretudo porque quase sempre utiliza o bom humor.

Isto acontece porque não tem pretensões a durar, uma vez que é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa.¹²

Na verdade, a crônica é filha do seu tempo. Ela surge em um mundo onde a informação está circulando com maior agilidade, onde o jornal está assumindo uma importância muito grande como fonte de informação para as pessoas, como lazer, como catalisador cultural, num mundo onde uma grande parte da camada letrada da população já não passa sem ele. Com o seu tom de "conversa fiada", registrando momentos do cotidiano, a crônica estabelece um novo elo com o leitor. Um elo de familiaridade.

Não obstante o seu tom desprezioso, leve e até cômico, a crônica dá conta da profundidade de muitos temas. Ligada totalmente ao cotidiano, a crônica começa a

¹² CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO..., p.13-22

delinear-se quando aquele jornalista, responsável anteriormente pelo folhetim, introduz seus comentários sobre as pessoas ou as peças teatrais, escrevendo em um tom de proximidade com o leitor como se trocasse idéias com ele.

O CRONISTA

A figura do cronista surgiu, assim, originada em meio ao turbilhão de modificações que ocorriam nos jornais, em contato com traduções de romances em folhetins, variedades, recreações, propagandas e notícias que passam a preencher as páginas dos periódicos naquele momento.

Nesse ramo irão se engajar muitos intelectuais que, entre suas atividades, encontrarão tempo para escrever uma crônica. Ainda, este contato com os periódicos transforma-se no centro de formação ou de complementação da formação dos mesmos, sendo que poucos não levarão suas contribuições para as revistas. Em Curitiba, por exemplo, a maior parte deles colaborou em várias revistas, pois elas além de serem a continuação de sua formação, reuniam os grupos de

intelectuais mais destacados, influenciando o trabalho de algumas gerações.

As revistas e jornais eram veículos apropriados para a disseminação de idéias e para as discussões sobre os acontecimentos presentes, além de serem o espaço para aqueles que ainda estavam começando a escrever.

O cronista é um literato que colabora em jornais, em revistas, que vende o seu trabalho para sobreviver ou então ocupa esse espaço nos periódicos por ser a via mais fácil de acessá-lo a um público.

Como já dissemos antes, em Curitiba a movimentação intelectual através de revistas, clubes, grupos de pensadores que se reuniam para "lutar" pelas artes e pelo desenvolvimento da sociedade, foi muito forte. Os jovens literatos tinham como seus modelos as figuras de Dario Vellozo, Emiliano Pernetá, Rocha Pombo, Emílio de Menezes, entre outros. Procuravam levar adiante as propostas de divulgação da literatura local, bem como formar uma intelectualidade atuante que, além de acompanhar o desenvolvimento, ajudasse a promovê-lo.

Assim, o cronista busca criticar, enaltecer, comentar ou apontar as ocorrências. Sempre conversando com o leitor, como se este também participasse; ou ainda, desvendando ao leitor espaços, identidades, situações que este não conhece, ou entende de forma diferente. Outras vezes, simplesmente manifestando suas opiniões com relação aos acontecimentos.

Dessa forma ele seleciona os fatos, recorta os temas, buscando o que há de peculiar ou de interessante, no corriqueiro. Ele assume o seu papel, que nesse momento é entendido como uma missão. Realmente, o literato se vê como agente capaz de lançar luz as trevas, de indicar, apontar soluções, de contribuir para o avanço e o aprimoramento da sociedade. É um momento em que a intelectualidade se vê como portadora de novos caminhos, como elemento que irá ajudar no desenvolvimento da sociedade, sem deixar de recordar que, nesse período, a ênfase nos princípios da educação é muito grande.

Imbuído desse pensamento, o cronista, para escrever, buscará seus assuntos no cotidiano, e passará a agir como

um fotógrafo, fazendo de seu texto um instantâneo da paisagem. Ele também fará sua seleção: o que registrar, por que registrar. De preferência, tudo aquilo que indique, de certa forma, a alteração do momento vivido, mostrando que se está num mundo em transformação, moderno, numa sociedade que caminha de encontro ao futuro, ao progresso. Ainda, no caso de Curitiba, mostrando o quanto ela está perto de se equiparar às cidades modernas.

Depois de varios mezes de calma, Curitiba, a pacata cidade, voltou ao seu estado natural de movimento incessante.

Mas que desillusão!

Olhou para traz e viu que nada tinha feito; olhou para a frente e viu assombrada o que restava a fazer.

Admirou-se mas não desanimou. Querendo recuperar o tempo perdido mergulhou-se no torvelinho incessante de uma lucta quotidiana.

[...]é preciso luctar n'uma furia doida, porque nossa epoca assim o exige.

É admiravel, empolgante este movimento, este soberbo espetáculo da cidade.[...] As casas commerciais, as officinas, os cafés, as redacções, os cabarets preparam-se para o novo anno como o dandy ao sahir de casa com a sua classica badine.¹³

¹³ Dr. Koltz. Ao correr da penna. *O Paraná*, 30/11/1910.

O cronista-literato assume, na verdade, vários papéis. Ele pode ser o detetive, o flâneur, o viajante, o simples observador, enfim, qualquer um deles, ou ainda todos ao mesmo tempo. Não por acaso, pois podemos lembrar que esse é também o momento dos romances policiais, dos detetives que vivem em grandes metrópoles assustadoras, convivendo com toda a espécie de crimes. O mais notável personagem do gênero foi Sherlock Holmes, detetive criado por Conan Doyle, no final do século XIX, pioneiro das histórias policiais de dedução. Um detetive infalível, que solucionava casos os mais estranhos, vivendo em uma metrópole como Londres, cercado de mistério e medo, espelhava os sentimentos da população e oferecia ao público, ao mesmo tempo, uma leitura que alimentava sua imaginação, correspondia ao seu presente e aliviava, de certa forma, os seus temores.

Outro autor que deixou sua marca neste período – e certamente cuja influência chegou a Curitiba – foi Edgar Allan Poe. Em sua obra, Poe abriu um novo caminho rumo ao fantástico e ao terror, sendo muitas vezes considerado um

escritor maldito. Em seus contos encontram-se, além do fantástico, aspectos da vida moderna: a multidão, a cidade, o vício, o crime, a solidão do indivíduo que não vive mais em uma pequena comunidade e que se dilui em uma multidão de desconhecidos. Todo o medo, incerteza e perda de referenciais que este indivíduo sente, estão presentes em alguns de seus contos.

Esses romances alcançaram grande sucesso de público, porque este se vê e, de certa forma, se reconhece no medo, na insegurança e até mesmo no que há de fantástico em tais romances. Ele reconhece o seu tempo.

O flâneur também é uma figura que nasceu no fim do século passado e que imprimiu de modo muito forte sua imagem, sua atitude perante o seu presente, como figura tipicamente derivada da modernidade. Ele surge na cidade moderna como o observador por excelência, como aquele que vive mais intensamente essa cidade e que procura percebê-la em todos os detalhes através do seu descompromisso em percorrê-la, vagando pelas ruas. Benjamin, ao analisar o

flâneur, aquele tipo ainda não muito definido que vagava pelas ruas de Paris, compreende que

A rua se torna moradia para o flâneur que, entre as fachadas dos prédios, sente-se em casa tanto quanto o burguês entre suas quatro paredes. Para ele, os letreiros esmaltados e brilhantes das firmas são um adorno de parede tão bom ou melhor que a pintura a óleo no salão do burguês; [...] bancas de jornais são bibliotecas, e os terraços dos cafés, as sacadas de onde, após o trabalho, observa o ambiente [...].¹⁴

Em contraposição ao movimento rápido das pessoas que se dirigem ao trabalho, ou a um local determinado, o flâneur vaga aparentemente sem destino. Vaga pelas ruas observando tudo ao seu redor, vivendo a rua como se fosse sua casa. Ele surge a partir do espetáculo da grande cidade e também satisfaz uma necessidade do momento que é a de se ter um panorama da cidade, uma espécie de mapa dos lugares que ela esconde ou dos lugares feitos para serem suas vitrines; em todo o caso, é o olhar preocupado em perceber os detalhes que entrará em cena.

De certo modo, o flâneur inaugura uma postura moderna: certo, descaso, descuido, mas olhar arguto para todas as cenas que venha a captar. Seu ócio aparente

¹⁴ BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire; um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1991. p.35

reflete o contrário da automatização do trabalho. Ele também pode desempenhar o papel do detetive que vai atrás de pistas em todos os recônditos possíveis e monta por fim o quebra-cabeças, desvendando o mistério. Não dizemos solucionando, mas mostrando o que há de misterioso, de diferente.

Em alguns desses aspectos é que vemos a figura do cronista encontrar também as suas raízes, a sua linha de conduta e de pensamento. Ele pode ser todos eles em um só, dada a sua profissão, apenas mantendo as devidas proporções e sabendo-se ele antes de tudo, nesse momento, um literato.

Uma figura que realmente marcou época e impôs-se na imprensa brasileira como cronista e repórter foi Paulo Barreto (1881-1921), mais conhecido por seu pseudônimo, João do Rio. Iniciou sua vida jornalística em 1898, no Rio de Janeiro, e sua obra conta não só com crônicas e reportagens, mas também contos, peças de teatro, novelas e romances. Usando sempre pseudônimos – recurso extremamente comum na época – em suas colunas tratava de vários temas:

seitas, tipos curiosos, profissões esdrúxulas, o submundo da cidade, a miséria, o luxo, a *belle époque*.

Suas reportagens causaram furor entre o público leitor e com o tempo ele desenvolveu um estilo cínico e debochado. Figura controversa, também era considerado por muitos como "maldito", tanto pela sua vida pessoal como pela forma como escrevia e os temas que abordava.

Em seus escritos encontram-se traços que permitem notar a influência de autores como Poe, Oscar Wilde, Proust e Paul Duval, escritor francês ligado ao baixo-mundo.¹⁵

Na maneira pela qual ele via as ruas da cidade, os tipos, os lugares, percebemos que não está longe do flâneur, ao contrário, João do Rio descreve o que é o cronista e qual o seu trabalho, aproximando-se dessa figura:

Para compreender a psicologia das ruas não basta gozar-lhe as delícias como se goza o calor do sol e o lirismo do luar. É preciso ter o espírito vagabundo, cheio de curiosidades malsãs e os nervos com um perpétuo desejo incompreensível, é preciso [...] praticar o mais interessante dos esportes, a arte de flunar. [...] Flunar! Flunar é ser vagabundo e refletir, é ser basbaque e

¹⁵ RODRIGUES, João Carlos. Introdução. In: João do Rio. *Histórias da gente alegre*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981. p. viii-xviii

comentar, ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem [...].¹⁶

O cronista toma para si a imagem de flâneur e de detetive, vaga pelas ruas à toa, mas só aparentemente, pois deve captar tudo o que lhe parecer interessante para depois compor o seu quadro da cidade. Alguns temas, pela própria natureza, o aproximam ainda mais do detetive, são mais densos: o mundo do crime, do vício, o mundo pouco conhecido dentro da cidade. João do Rio foi admirado e odiado, mas seu trabalho marcou o período e possivelmente serviu de referência para vários literatos que estavam começando.

Um outro aspecto que notamos ao tentar compor e compreender a figura do cronista é que com sua atitude ele se parece com um viajante, um viajante da cidade, e nesse sentido lembramos o narrador.

Já foi dito por Marlyse Meyer que a crônica surge num momento em que se desmancham os núcleos suscitadores de contadores de *causos* e histórias, e também sabemos que neste momento a vida comunitária não existe da forma como existia antes. O indivíduo passa a sentir-se só e tenta

¹⁶ Ibid. p.IX

reorganizar a sua maneira de comunicação e de convívio, ou melhor, procura adaptar-se.

Nesse sentido o cronista incorporaria, ainda, o papel do narrador, aquele que vinha de longe e transmitia o seu saber, as suas experiências para os outros, considerando que narrar é a faculdade de intercambiar experiências, como explicou Benjamin.¹⁷ A experiência que passava de pessoa a pessoa era a fonte a qual recorriam os narradores. Duas seriam as matrizes arcaicas do narrador: aquele que vinha de longe, que viaja muito, marinheiro ou comerciante, ou o camponês sedentário que ia assimilando as experiências de seus ancestrais. Mas a narrativa tinha uma dimensão utilitária, poderia ser um ensinamento moral, uma sugestão prática, uma norma de vida ou um provérbio. O narrador, então, era uma pessoa que sabia dar conselhos.

Como o próprio Benjamin aponta, a arte de narrar está em baixa. Estamos diante de uma sociedade onde os referenciais estão tentando se reconstruir e o homem

¹⁷ BENJAMIN, Walter. O narrador; considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1993. p.197-221.

procura compreender o seu momento como momento novo, de mudanças e transformações. Com o advento da imprensa afirmou-se uma nova forma de comunicação: a informação. Nesse ponto o saber que vinha de fora encontra menos ouvintes do que a informação sobre acontecimentos próximos. Porém, a informação aspira a uma verificação pela experiência – ela deve ser plausível.¹⁸

Sendo assim, o cronista assumiria parcialmente o papel do narrador/viajante, uma vez que ele nem sempre, ou poucas vezes, tem conselhos para dar. Porém, como percorre sua cidade e seu tempo buscando desvendá-los, conhecê-los e participar do seu presente, ele acaba viajando dentro da cidade, muitas vezes como um estrangeiro – se pensarmos nos roteiros de João do Rio – talvez até porque ele possa sentir-se ainda um pouco estranho nesse mundo, nessa sociedade de muitas diferenças, de imigrantes, de técnicas novas, de progresso e de ciência.

Tal como o narrador tirava da experiência o que ele contava – a sua própria experiência ou a relatada pelos

¹⁸ Ibid. p.202.

outros - e incorporava o que narrava à experiência de seus ouvintes, o cronista faz quase o mesmo. Embora nem sempre tenha a experiência, tem a observação. O cronista é observador de tudo aquilo que existe ou ocorre ao seu redor, e se não o é, conta o que outros observaram. Ele é um profissional ligado à imprensa, ligado à informação, por isso também a sua ênfase na observação dos fatos, pois deve falar do que é real, do que acontece e pode ser visto por outra pessoa que se disponha a fazer o mesmo caminho. Sendo assim, o que o cronista retrata, tem acesso ao público. A informação é assimilada, muitas vezes sendo incorporada pelo público.

Pensamos também na propaganda. Nem todos os indivíduos que viam os anúncios de determinados bens poderiam adquiri-los, mas até que ponto algumas novidades não passavam a fazer parte do cotidiano dessas pessoas desde o momento que tinham acesso à propaganda? Curitiba está longe de ser como Paris, Rio de Janeiro, ou como São Paulo, mas anseia por esta igualdade. Basta observar que a

cidade já incorporou esse registro, como se fosse um grande centro urbano.

A imprensa pode, com muito mais facilidade, levar a todos inúmeras informações sobre realidades diferentes que passam, de certa forma, a povoar as vidas daqueles que as lêem.

Sem dúvida, a ênfase na observação aparece até no destaque que se dá ao lugar onde se coloca esse observador. Preferencialmente ele está em um ponto situado no alto, em alguma janela. Lembramos aqui dos títulos já mencionados de algumas colunas que eram publicadas n'*O Olho da Rua*, ou então, como *Na esquina*:

D'aqui eu vejo a rua toda. Para qualquer lado que olhe, semicerrando as palpebras de myope, descortino os renques polychromos da casaria que se vae em funil esfuminhando-se[...] dão-me a idéia de que a rua termina por uma serie de pombaes...

Aqui é o meu ponto favorito; é como se estivesse na platéa de um grande teatro, attento para o palco onde se desenrolassem, tragicas e terríveis as scenas palpitantes de um drama real. A rua é um tablado e quem ficar para ahi, acantoado ao desvão de um palacete ha de assistir lances multiformes [...]; ha de auscultar enfim, esse organismo que estua, vibra, e é alegre e triste, faustoso e miseravel, cheio de sol e cheio de lama.¹⁹

¹⁹ Helio. Na esquina. *O Olho da Rua*, 13/04/1907.

O cronista está munido de uma bagagem cultural que lhe permite registrar os fatos do cotidiano, filtrá-los e não se envolver, em muitos casos, diretamente com eles, apenas freqüentá-los para colher o material de sua coluna, para a próxima conversa com o leitor. Mas ele também observa para conhecer, nos detalhes, a vida de sua cidade. É preciso registrar, anotar, fotografar, através do texto, para que nada se perca e, mais ainda, para que possa ser reconhecido, assimilado, compreendido, pois tudo é, de certa forma, novo. A cidade cresce, os habitantes vão transformando seus hábitos, novos personagens surgem no quadro urbano, outros elementos começam a aparecer.

Basta observar o efeito da luz elétrica, do bonde elétrico, cinemas, teatros e de um ou outro automóvel. Tudo indica que a cidade está se modificando. E mais, as notícias de outros centros, como Rio de Janeiro, São Paulo e outras cidades européias, avisam que mudanças maiores estão por vir. Como são aguardadas! Afinal, a palavra de ordem é "progresso", e tudo o que significa progresso é

desejado, buscado, na ciência, na moda, nas artes, em todos os planos da vida.

Por mais que as correntes de pensamento fossem divergentes - havia os que enalteciam o progresso e a ciência e os que lamentavam-nos - eram, de qualquer forma, propostas alternativas. Mesmo que esta alternativa fosse marginal - caso do jogo e da boemia - ela estaria sendo moderna, pois a própria marginalidade conferia uma aura de modernidade à cidade.

A intelectualidade se coloca como portadora desse novo tempo. Lembremos que o cronista é um sujeito que incorporou o seu tempo, que assumiu a modernidade na dimensão em que ela se manifestou aqui, e que traduz isso em seus trabalhos. Até porque, ao acreditar no futuro e ansiar pelas alterações que ocorreram em outras partes do mundo, ele mesmo faz parte desse quadro como um dos símbolos, como figura típica da modernidade.

Retornando à postura que muitas vezes o cronista assume, encontramos nele uma confirmação para nossas idéias, em particular, no momento em que age como um

observador, um flâneur, e que tem plena consciência da importância do ato de contemplar, observar e registrar. Nestor Victor, por exemplo, nos fala sobre um hábito de Emiliano Pernetá, o qual também adquiriu durante sua estada em Curitiba:

As nove horas da manhã em ponto, todos os dias que nos era possível, estávamos, Emiliano Pernetá e eu, tomando um bonde para fóra da cidade, a que voltávamos infelizmente mais cedo do que era para desejar[...]. Esse passeio matinal é um de seus inveterados hábitos, por tal modo que causa estranheza em Curitiba, onde lhe acompanham a vida com carinhoso interesse, não vê-lo passar no bonde daquela hora, quase sempre meditativo e sózinho, rumo do Batel, que é o arrabalde mais desenvolvido e mais aristocrático de Curitiba.²⁰

Na verdade, Emiliano Pernetá realizava todos os dias uma pequena "viagem" em sua cidade, a um local escolhido.

Também encontramos nas memórias de América Sabóia uma lembrança interessante sobre este tipo de observador:

Na esquina da rua Dr. Murici, onde atualmente há uma lanchonete, [...] avistava eu todas as manhãs ao passar, o poeta e jornalista sentado numa atitude hierática entre a cortina e a janela, de chapéu a cabeça, olhando a rua 15. [...] Só muito mais tarde vim a saber que ele ali se postava, em adoração a sua cidade e sua querida Rua 15, a rua que ele tanto amou e tão bem fixou em seus escritos.²¹

²⁰ VICTOR, Nestor. *A Terra do Futuro*. Rio de Janeiro: Typografia do Jornal do Comércio, 1913. p.199

²¹ SABÓIA, América da Costa. *Curitiba de minha saudade; 1904-1914*. Curitiba: Lítero Técnica, 1978. p. 52.

O poeta a que se refere é Euclides Bandeira (1876-1947), jornalista, poeta, novelista e humorista. Euclides Bandeira colaborou em vários periódicos, entre os quais estão *Club Curitibano*, *Pallium*, *Fanal* e *O Olho da Rua*.

Nesse caso, o observador está em sua casa, confortavelmente sentado, do alto de uma janela olhando a cidade. Nada pode incomodá-lo, perturbar-lhe o sossego ou o pensamento e assim ele pode estar ali por horas, se o quiser, percebendo pequenos detalhes do dia-a-dia que se desenrolam na rua, que não por acaso é a rua XV, a mais movimentada da cidade na época.

Podemos, portanto, pensar que o cronista forma-se do mesmo modo como Machado de Assis definiu seu antepassado, não muito remoto, o folhetinista

[...] na sociedade, ocupa o lugar de colibri na esfera vegetal: salta, esvoaça, brinca, tremula, paira e espaneja-se sobre todos os caules suculentos, sobre todas as seivas vigorosas. Todo o mundo lhe pertence; até a política.²²

Assimilando todos esses tipos - flâneur, detetive, narrador, jornalista, folhetinista - que estão povoando o

²² MEYER..., p. 94

seu ambiente, ele aparece como personagem atual que procura exercer seu papel no mundo moderno.

O AMBIENTE

Para situar melhor o ambiente que se forma em Curitiba neste período, não é necessário traçar um panorama detalhado da literatura no Paraná, mas, na medida do possível, recuperar um pouco do movimento cultural na cidade de Curitiba.

Somente depois da instalação da Província é que Curitiba tem o seu primeiro jornal, o *Dezenove de Dezembro*, lançado em 1854. Pouco a pouco, outros periódicos vão surgindo, procurando atender outros gostos e cobrir lacunas no meio intelectual local, sempre tentando prover a capital da província de informações e de cultura de um modo geral, para que a cidade acompanhe os acontecimentos no país e no mundo.

No final do século passado, o meio intelectual da Capital parece estar buscando um caminho para sua expressão

e para sua estruturação. Uma figura de grande destaque, como promotor dessa busca e como fomentador de uma literatura local, sem dúvida, foi Dario Vellozo (1869 - 1937), escritor e professor da cadeira de História no Ginásio Paranaense. Sua atuação na revista *Club Curitibano*, a partir de 1891, logo atraiu a atenção de outros jovens literatos. Estes passaram a reunir-se em sua casa, a qual tornou-se uma espécie de centro catalisador da elite intelectual e literária.

Dessas reuniões resultou a publicação de uma revista, *O Cenáculo*, em 1895. Ela tinha como objetivo reunir os intelectuais, debater idéias e criar um intercâmbio com outros centros, além de manter e organizar um ambiente intelectual. Junto com Dario Vellozo, faziam parte do grupo Emiliano Pernetta, Silveira Neto, Antônio Braga, Rocha Pombo e outros.

A influência literária vinha da Europa com Zola, Verlaine, Mallarmè e, sobretudo, Baudelaire, além dos autores esotéricos, voltados para o ocultismo. Conforme

relata Nestor Victor²³, quando de sua estada em São Paulo, Emiliano Pernetta toma contato com a obra *As flores do mal*, de Baudelaire. Mais tarde, quando vem passar suas férias em Curitiba, traz o livro na bagagem, introduzindo-o assim nas leituras de seus colegas.

É em um texto, de Aristarcho da Costa – José Leandro da Costa Pereira – que encontramos uma descrição desse ambiente, já em 1910, em que os jovens se engajavam nas letras para atuar na sociedade, de como era a vida do estudante envolvido pelo fascínio das discussões literárias:

Eu era jovem então. Naquella vida ampla d'estudante, cercava-me de uma talentosa mocidade, ciosa de estender seus conhecimentos, jogando a tudo um olhar investigador, a tudo reservando um momento de observação, um instante de applicação.

A literatura prendia-nos especialmente a atenção e, no meu chateau de solteiro, á luz bruxoleante de uma vela barata, reuniamos-nos em torno da mesa de estudo, antes uma verdadeira *babel*, [...].

Era alli uma das principaes fabricas de sonetos e contos, com os quaes os quinzenarios d'então formavam a materia mais brilhante de suas edições.

²³ VICTOR, Nestor. Como nasceu o simbolismo no Brasil: a propósito de "Luar de Inverno". In: _____. *Obra crítica*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa; Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, 1979. v.III, p. 76-80

Um assumpto á autopsia - e cada qual investigava seu pouco e emitia sua opinião [...] e as que as houvesse adversas - um voserio se levantava d'entre um gesticular brutal, com o qual os menos arrazoados procuravam persuadir seus contendores - formava-se uma Camara dos Deputados, onde muito se fala e nada se faz.

Só num ponto não havia divergencia - era em atacar a clericanalha. [...].²⁴

Isso reflete o modo como encaravam suas atividades nesse mundo de estudantes onde tudo se discutia mas no qual a literatura acabava sendo a via para o posicionamento e ação diante dos temas em voga naquele momento.

Como Emiliano Pernetá, outros jovens também partem para continuar seus estudos no Rio de Janeiro, ou estabelecem-se lá, como Leôncio Correia, Nestor Victor e outros. O contato com o poeta Cruz e Souza é muito importante. O grupo formado ao redor da revista *O Cenáculo* pode ser considerado como base do movimento simbolista local. Sua revista circulou durante três anos mas, apesar de sua curta duração, teve uma influência marcante em toda aquela geração de literatos e também na geração seguinte.

²⁴ Aristarcho da Costa. *O Novo Apostolo. O Paraná*. 19/12/1910.

Dentro dos objetivos da revista, e do grupo, dois elementos nos chamam a atenção. Referimo-nos à intenção de Dario Vellozo em buscar um passado literário para o Paraná e a grande repercussão que o movimento simbolista teve em Curitiba.

Quanto à primeira, segundo Dario Vellozo, o Paraná não possuía uma literatura anterior, nem subsídios para se fazer uma história da literatura local. Nesse caso, conclamou os jovens para realizarem um esforço conjunto, para construírem essa literatura. Já podemos perceber aí a importância dada às "belas letras" como fator de desenvolvimento da sociedade. Já o intelectual, o literato, é um elemento da sociedade moderna que se destaca e que conduz em direção ao progresso, como uma espécie de "iluminador" da sociedade.

Quanto ao segundo item, é interessante saber que o movimento simbolista teve, em Curitiba, um terreno dos mais férteis:

Estética pós-romântica, moldada pela Grande Depressão e pela influência da "filosofia da vida" (Nietzsche, Bergson) que a orienta para o antipositivismo, o simbolismo é antes de tudo uma

arte sofisticada, marcada por um universo cultural de valores elitistas e aristocráticos.²⁵

O Paraná foi considerado um caso à parte, dada a aceitação e penetração desse movimento. Alguns críticos pretenderam compreender isso através da "diferença" entre o mesmo e o resto do país. Tratava-se de um estado europeu no clima, na paisagem e nos habitantes. Outros, como Silveira Neto, acreditavam que assim como o simbolismo francês teve como pano de fundo a revolta de 1870, a corrente simbolista no Paraná teve suas origens na Revolução Federalista, na qual alguns poetas estiveram envolvidos, como Leôncio Correia ou Euclides Bandeira. Em sua maioria, ao que parece, eram legalistas, mas receberam grande influência de Luis Murat, poeta que veio do Rio Grande do Sul para Curitiba acompanhando o líder revolucionário Gumerindo Saraiva. Através de Murat, aprofundaram o contato com as leituras esotéricas. Quando esteve preso, Murat era visitado pelos colegas paranaenses, que levavam seus textos para serem apreciados por ele e que procuravam se inteirar da sua produção.

²⁵ *Dicionário histórico-biográfico do Paraná*. Curitiba: Chain; Banco do Estado do Paraná, 1991. p.454

Outro momento importante no meio literário local foi a criação da revista *Fanal*, em 1911. Seus redatores e fundadores, como Oscar Martins Gomes, Manoel Lacerda Pinto e Tasso da Silveira, e pouco mais tarde também José Guahyba, tinham como mestres, no Ginásio Paranaense, Emiliano Pernetta e Dario Vellozo. A revista, a partir do 7º número, passa a ser o *Orgão do novo Cenáculo*, numa referência clara de continuidade e de conformidade com as idéias de sua antecessora, *O Cenáculo*. A revista circulou até 1913, e contou com a participação de muitos jovens, entre os quais Euclides Bandeira, Adolfo Werneck, Rodrigo Junior, além de Dario Vellozo, Emiliano Pernetta e Silveira Neto.²⁶

Mais tarde, algumas divergências ideológicas contrapõem o grupo dos "novíssimos," liderado por Tasso da Silveira, Lacerda Pinto e Andrade Muricy, e o grupo dos "novos", com Euclides Bandeira, Clemente Ritz, Rodrigo Junior e outros que continuam seguindo os caminhos

²⁶ É muito interessante o artigo que encontramos comentando o grande objetivo da revista de unir os intelectuais de toda a Federação, promovendo aproximação e intercâmbio entre os Estados. Ver: *Fanal*, Curitiba, a. II, n. 7-8, Ago.-Set. 1912. Mais tarde, sabemos que José Guahyba é convidado a fazer parte da Federação Cultural, como Secretário Geral. Ver: *Fanal*, a. III, ns. 12, 13, 14, Jan.- Mar. 1913.

apontados pelo grupo do *Cenáculo*, simbolista e anticlerical.

Além do forte movimento simbolista, também o anticlericalismo e a maçonaria tiveram seu espaço em Curitiba. Carlos Alberto Balhana, por exemplo, analisa o conflito entre clericais e anti-clericais no Paraná, no início do século, dando um panorama do que foi esse embate e das idéias que circulavam.²⁷ Segundo o autor, "a pacata capital paranaense" foi sacudida por violento debate de cunho ideológico religioso, no final do século XIX e início do XX. Nesta conjuntura, o anti-clericalismo visava combater o poder religioso ou temporal dos Papas. Em Curitiba, foi o anti-clericalismo franco-belga que chegou, via literatura e testemunhos como o de Jean Itiberê.²⁸ Mescladas ao movimento simbolista e à maçonaria, as idéias anti-clericais eram propagadas através de revistas, e também por alguns professores do Ginásio Paranaense e

²⁷ BALHANA, Carlos Alberto de Freitas. *Idéias em Confronto*. Curitiba: Grafipar, 1981.

²⁸ Jean Itiberê da Cunha (1870-1953), escritor. Estudou na Bélgica durante 12 anos e quando retornou trouxe em sua bagagem inúmeros textos de autores ainda desconhecidos aqui; colaborou em periódicos locais e foi considerado um dos introdutores do simbolismo no Paraná. Cf. *Dicionário histórico...*, p.113.

Escola Normal, onde lecionavam os grandes nomes da intelectualidade local. Tais professores promoviam o debate em suas classes, discutindo essas idéias com os alunos.

Outro fator importante foi o Movimento Neopitagórico, introduzido no Paraná por Dario Vellozo. Já em 1899, ao fundar a revista *Esfinge*, o seu objetivo é torná-la "um órgão dedicado ao Ocultismo e à Maçonaria". Para ele, o esoterismo teria implicações mais amplas, sendo uma das tônicas de sua reação à desilusão científica e ao materialismo burguês, criticando a postura deste em relação à arte.²⁹ Seus empenhos culminaram com a fundação do Instituto Neopitagórico em 1909, e posterior inauguração do Templo das Musas, em 1918. As reuniões, que aconteciam na casa de Dario Vellozo antes da construção do Templo, eram freqüentadas por estudantes do Ginásio Paranaense e intelectuais. Visava-se com isso uma reforma moral do homem, o que teria como conseqüência a reforma social, dada a adoção dos princípios desta doutrina.³⁰

²⁹ *Dicionário histórico...*, P.312

³⁰ *Ibid.* p.315

Dito isto, apenas para demarcar os momentos mais significativos ou de maior expressão na literatura local, convém lembrar que, a partir do final do século XIX, o número de periódicos publicados em Curitiba é bastante grande. Mesmo aqueles que tiveram vida efêmera, ou até que não foram além do primeiro número, apontam claramente para a ânsia de se constituir um grupo, um meio intelectual que estivesse presente e manifesto. Atente-se para o fato de a imprensa ser então o veículo através do qual a vida cultural assume maior expressão. Ainda, num momento em que quase todos os que se dedicavam à literatura tinham formação acadêmica em outras áreas, era através da literatura, também, que pretendiam dar sua contribuição para o desenvolvimento da sociedade.

O jornal, ou ainda, a palavra impressa, assume grande importância como meio de difusão da cultura, como observamos, por exemplo, na apresentação do periódico *O Arauto* que, ao sair em dezembro de 1902, discorre sobre as maravilhas da tipografia:

É com effeito a esta engenhosa invenção que se deve principalmente a diffusão geral das luzes, dos progressos das ciências e das artes e de uma multidão de descobertas que sem ella, teriam sido perdidas para o gênero humano ou desterradas para o seio de um pequeno numero de indivíduos; em uma palavra a ella se deve o alto gráo de civilização a que chegaram a maior parte das nações modernas[...]³¹

Para se ter uma idéia, encontramos no *Catalogo dos Jornaes Publicados no Paraná - 1854-1907*,³² 281 publicações em Curitiba, entre jornais, revistas literárias, humorísticas e periódicos em alemão, italiano e polonês, atendendo às necessidades de algumas colônias. O catálogo trata ainda de Paranaguá, Antonina, Ponta Grossa, Morretes, Castro, Lapa, Guarapuava, Palmeira, Campo Largo e outras localidades, mas nenhum desses locais tem uma produção tão grande quanto a registrada em Curitiba.

Podemos agora recordar que a imprensa periódica, ao estabelecer outro tipo de relação com o público, desenvolve estilos diferentes para, assim, atender as necessidades da dinâmica do próprio periódico, da circulação da informação, da notícia e da propaganda.

³¹ *Catalogo dos jornais...*, p.80

³² Esse Catalogo foi elaborado por Romário Martins para representar o Paraná na Exposição Comemorativa do Centenário da Imprensa no Brasil, realizada no Rio de Janeiro em 1908.

Segundo a redação d'*O Olho da Rua*, em editorial de 13 abril de 1907:

A novíssima literatura de jornal, tal como a compreendemos por agora, emparedado nos limites d'uma escola, e o estylo do moderno escritor ha de ser vivo e flammante alguma coisa que seja assim como o *champagne* espumando em taças de crystal[...]

Hoje o jornalista precisa ter inegaláveis predicados, sentimentos tão finos, espirito tão subtil, verve tal que encante pela Arte e ao mesmo tempo deslumbre por uma *boutade* feliz.³³

Foi nesse ambiente que jovens estudaram, discutiram, escreveram e acabaram por fundar seus periódicos na tentativa de divulgar suas idéias, de promover e participar do desenvolvimento da cidade. Vivendo um momento de grandes transformações, suas crônicas permitem-nos recuperar algumas visões da época em que viveram.

³³ *Catalogos dos Jornaes...*p.110

A CRÔNICA DE UM MOMENTO.

Nesse período em que os jovens se formavam para suas profissões e para o meio jornalístico-literário, muitos seguiam os passos de seus mestres. Usando pseudônimos ou não, esses cronistas revelam, para o pesquisador de hoje, uma série de imagens, de expectativas e de ambições para com sua cidade e seu mundo, que são apreendidas em seus textos.

Os temas das crônicas freqüentemente se entrelaçam, ou ainda, são múltiplos os que se sugerem na leitura de um único texto. Por isso, muitas vezes, é difícil separar, por exemplo, um texto que aborde especificamente a técnica, o imigrante, o trabalho, entre outros. São poucas as crônicas, dentre o material selecionado, que se atêm a um único tema. Talvez isso seja pertinente ao próprio momento. De qualquer forma, é interessante perceber a quantidade de indícios, senão de informações, que se pode tirar de uma crônica se nos colocamos na posição de receptor, de ouvinte daquele cronista, e participamos da conversa que ele introduz. Os cronistas viam o todo, pensavam de acordo com o seu momento e, se fotografavam as partes, ainda assim dificilmente retratavam um único tema.

Num primeiro momento, foi feita uma divisão dos temas que visava facilitar a leitura do material e a sua seleção. O primeiro deles seria a *Técnica* (espetáculo), o

segundo o *Palco* (a cidade) e o terceiro a *Boemia*, como expressão efetiva de modernidade. Mas, por todas estas questões perpassa uma outra grande questão, qual seja, a busca do *Progresso*. Este aparece sempre como necessário e faz transparecer os aspectos que foram assimilados da *Modernidade*, as dimensões que ela assumiu aqui, e em que medida foi apreendida, registrada e incorporada na produção dos cronistas.

Reunidas assim as crônicas que tratam desses assuntos, percebe-se inicialmente que a própria maneira de ordená-las, mesmo sem uma intenção prévia, estabelece o rumo a ser tomado. Contudo, essa ordenação não significa que os temas privilegiados sejam os únicos de cada crônica, pois percebemos sempre um entrelaçamento entre os assuntos.

A Técnica

A *Técnica*, por exemplo, só pode ser analisada em conformidade com idéia de espetáculo. Ela é, em parte, o próprio espetáculo que se dá num *palco* muito propício – a cidade. Na experiência da modernidade e do progresso, a cidade aparece como um teatro ou um cinema onde todos os acontecimentos se projetam e se desenrolam para o espectador atento que pode deleitar-se com os mesmos. É o lugar da ação. É assim que Nautilus consegue expressar tudo isso de forma magistral, conforme sua crônica da coluna *Impressões*, em novembro de 1910.

Ah!... as novidades são filmes cinematographicos que deslizam nas telas poerentas das cidades. Coritiba é um grande cinematographo que tem por espectadores o povo e por empresario a natureza. Os programmas exhibidos succedem-se com a velocidade dos relampagos e os films são sempre novos.

Durante esta quinzena a fita que mais impressão causou, foi a de Finados. Para os que se dedicam aos estudos da psychologia, esta fita é uma encyclopedia , ou antes, um grande theatro, onde se representa juntamente a tragedia, o drama, os vaudevilles, as revista e as comedias.

2 de novembro, desde as 7 horas da manhã, Coritiba regorgitava de povo que se dirigia, formigando pelas ruas, em romaria ao campo santo.

Deixei o meu leito, ou por outra, o meu tumulto provisorio, para perder-me no torvelinho incessante da cidade.

Fui ao cemiterio.

Religiosamente, cautelosamente, transpuz os humbraes do campo santo. A atmosphera rescendia a cera queimada. O dia era um mixto de alegria e tristeza. Atravessei a aléa principal como quem anda n'um templo. Por sobre os tumulos pobres florescia variegadas flores, transformando aquellas simples elevações de terra em uns pequenos jardins.

Depois de percorrer aquellas tortuosas ruas da nossa necropole, parei momentaneamente. O calor que fazia era refrescado pela brisa da tarde que me aflagava o rosto.

Quedei-me a notar os contrastes que me feriam os olhos. No centro, no bairro aristocratico, aqui e alli, sem symetria, os sumptuosos mausoleos dos ricos, ultimo monumento da vaidade humana, como se n'aquelle recinto da equaldade ainda prevalecessem as illusões do mundo, elevavam-se para o céu, magestosamente, como que procurando suffocar a modesta simplicidade dos pequenos tumulos, dos tumulos pobres.

E uma ironia snob brotou-me da alma, uma ironia surda de materialista, por toda aquella pompa inutil, que parecia querer medir a nobreza de merito pelo fulgor das apparencias.

E eu então possuí-me de um scepticismo intransigente que me representou na imaginação o campo santo como um lugar de exhibições, um sport de mundaneidades e o 2 de novembro como um grande carnaval.¹

Claramente o cronista nos diz que "assiste" à cidade. Em suas telas as novidades são filmes; o povo aparece como ator; a natureza, como empresário; e o cronista, como espectador. A natureza, como sempre, recebe especial atenção. Basta observar a idéia de que a cidade é privilegiada pela sua própria natureza, como o Paraná também o é. Terra com uma natureza exuberante, fértil, onde o homem encontrou condições especiais para seu desenvolvimento.

O filme mais interessante para este cronista, contudo, foi o "dia de finados". Ele pode instalar-se "confortavelmente" em seu posto, como se estivesse mesmo na platéia de um cinematógrafo, e relatar o que assiste. É um observador especial, preocupado em perceber a "psychologia".

A presença da técnica, como elemento que está se colocando no cotidiano das pessoas, é evidente pela própria maneira como o cronista resolve expor o seu texto. Estamos na era do cinematógrafo, da máquina. Esses novos elementos se colocam no dia-a-dia, invadindo, ou melhor, passando a fazer parte do cotidiano das pessoas. Tanto que é assim que Nautilus articula sua crônica, de modo a produzir esta

¹ Nautilus. Impressões. O Paraná, Curitiba 15/11/1910.

metáfora com o cinematógrafo. O palco que ele vê, traz ao espectador tudo o que ele pode esperar de um bom teatro ou uma boa fita: tragédia, drama, vaudevilles, etc. No caso, ele escolheu a fita de finados que produziria todas as emoções que um bom espetáculo pode produzir. Toda a crítica embutida nessa metáfora caracteriza o pensamento do cronista com relação ao evento que se transforma num frívolo acontecimento social, totalmente distante do que deveria ser. Nesse texto provavelmente revela-se a opinião de um anticlerical. O autor critica a hipocrisia das pessoas que vão ao cemitério apenas porque é mais um evento ao qual elas vão para ver e serem vistas. A última intenção acaba sendo homenagear os entes que já se foram. Os mortos tornam-se apenas pretexto para essa reunião onde se trata de modas, namoros, flertes ou mexericos.

Nosso cronista observa também, que o cemitério é uma extensão da cidade, e que nele as distinções sociais permanecem. Contrapondo-se ao bairro aristocrático, com suntuosos mausoléus, estão os túmulos dos pobres. As distinções continuam mesmo após a morte, o que para Nautilus é uma ilusão. O ceticismo do autor revela a postura de um anticlerical e, ao mesmo tempo, a de um observador atento.

Em outrá crônica, *O concerto da Januária*, a técnica entra na casa das pessoas, promovendo uma nova sociabilidade. Trata-se do aniversário da Januária e, para

comemorá-lo, o marido convida alguns amigos para um concerto em sua casa. Contudo, na hora de apresentar os músicos, uma surpresa:

[...]

Qual nada! Foi uma decepção! A sala estava completamente vazia!

Era perguntar ao Silverio e elle diria quem ia cantar.

_ O tenor? Onde está o tenor? Perguntaram todos.

O Silverio desapareceu e pouco depois voltou risonho, prazenteiro.

_ O tenor, o baixo, o barytono, estão aqui! Aqui estão elles!

E mostrava, victoriosamente, um gramophone novo que a Januaria ganhara naquelle dia.

Cinco minutos depois a sala estava deserta e a molecada, peruando da janella, acompanhava assoviando, as modinhas chorosas que o gramophone executava.

Zé Cangica.²

Agora pode-se simplesmente, com esse aparelho ter toda uma orquestra em casa, e promover uma "soirée" musical, "em uma noite em que nem o Coliseu funcionava!".³ Alguns dos divertimentos em Curitiba eram o *Eden* (1907), na Praça Osório; o *Smart Cinema* (1908), na rua XV de Novembro n° 67; o *Mignon Theatre* (1910), também na rua XV n° 46; o *Cinema Victoria* (1912), na rua Comendador Araújo n° 30; *Central Park* (1908), na rua Dr. Muricy, além de alguns

² Zé Cangica. O Concerto da Januária. *A Rolha*, 07/05/1908.

³ Ibid.

circos que se apresentavam com freqüência e do *Coliseu*, localizado na rua Aquidaban n° 79.⁴ Este último era um parque de diversões inaugurado em 1905 - a partir de 1911 passou a chamar-se Polytheama - por Francisco Serrador, e que oferecia divertimentos como um ringue de patinação, carrossel e, é claro, um cinematógrafo. Espetáculo à parte era a iluminação desse parque, formada por uma grande quantidade de lâmpadas elétricas que lhe davam aspecto mais feérico ainda, constituindo verdadeira maravilha para os que ali se dirigiam à noite.⁵ Pelo menos esses eram os divertimentos "sadios", permitidos para todos.

Retornando à crônica, quando a platéia do Silvério, descobriu que a orquestra toda era o gramofone, em poucos instantes foi embora. A questão que se coloca é o impacto da nova tecnologia, um outro tipo de lazer e de sociabilidade que se apresenta. No entanto, a máquina está cada vez mais presente, geralmente encantando as pessoas. Podemos até pensar que o cronista satiriza a máquina ou o deslumbramento que esta causa nas pessoas, sugerindo, ainda, o modo como a máquina pode invadir o cotidiano das mesmas. Contribuindo para isso, estariam os anúncios

⁴ CARVALHO, Giselle Maria Lozza; NASSER, Patrícia Maria Meirelles & SAVAZZI, Wânia. *O cinema em Curitiba (1897-1912)*. Rio de Janeiro, 1988. Centro de Pesquisadores do Cinema Brasileiro; Fundação do Cinema Brasileiro. Minc.

⁵ Cf. BRANDÃO, Angela. *A fábrica de ilusão; o espetáculo das máquinas num parque de diversões e a modernização de Curitiba, 1905-1913*. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba; Fundação Cultural de Curitiba, 1994.

publicitários, divulgados pela imprensa da época, que não só punham à venda, mas sacralizavam as máquinas.⁶

Algum tempo depois, Mario Rezende assina uma crônica em que fala sobre a mania pelos gramofones em Curitiba.⁷ Pessoas de todas as classes queriam adquiri-lo e as visitas é que acabavam sofrendo com isso, tanto que, para o autor esta parecia ser a razão pela qual o número de visitas estava diminuindo.

Lembramos o estojo do burguês do qual nos fala Benjamin. Na tentativa de guardar suas lembranças, preservando e acumulando objetos ligados a sua história pessoal, o burguês transforma sua casa em uma cápsula na qual sente-se seguro, um estojo como aqueles de veludo onde ele de fato guarda os objetos.⁹ Mas além de guardar as suas lembranças, podemos pensar que ele recolhe também os objetos de valor cercando-se de tudo o que lhe interessa e, nesse caso, traz também para dentro do lar as novas tecnologias, que são tesouros da vida moderna. No universo do lar, entre amigos escolhidos, pode-se promover um encontro musical, sem os inconvenientes de se contratar uma orquestra. Pode-se perder em comunicação e sociabilidade, troca de experiências ou contato com outros, mas ganha-se

⁶ Ibid. p.34.

⁷ Mario Rezende. Portico. *A Bomba*. 20/07/1913.

⁹ BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire; um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

em intimidade. A surpresa é abolida, pois sabe-se exatamente como o tenor cantará e os músicos tocarão, tem-se a repetição daquilo que se espera, e o desenvolvimento do sentimento de possuir não só o objeto reprodutor da obra, mas a própria obra em si.¹⁰

A técnica está presente não apenas como objetos de diversão e lazer. Ela também é lembrada nos transportes. Em um episódio registrado por Loris, de maneira engraçada temos a crítica ao meio de transporte local, lances do cotidiano e uma amostra do trabalho do cronista:

De bond.

(Uma das tantas paulificações, que a gente soffre ahi pelos bonds, apanhada pelo tachygrapho).

Ali pela casa do seboso Correia da rua 15, onde defronte tem um escriptorio o paulificador Cupertino, uma senhora acompanhada de 15 petizes toma um bond do Batel e se aboleta em um banco.

As creanças (anteriormente avisadas) ficam todas de pé.

Os passageiros reclamam, não podia ser, estavam tirando a vista e fazem escarcéo do diabo até que vem o conductor e a senhora puxa um nickel de 100 reis e antes que elle empregue a phrase do costume: *Vai inteira ou meia, minha senhora?* ella apresenta-lhe o nicolau e diz: *meia passage...* Aqui não tem meia.

A senhora, então, começou a remexer todos os bolsos e depois de dez minutos, puxou mais 100 reis e disse:

Entonce tenha a bondades de cubrir inteira, torceu o nariz e derreou-se no banco!...

¹⁰ Cf. BERBERI, Elizabete & RODRIGUES, Marília Mezzomo. A "urbs" viciosa; a crônica está além da notícia. Curitiba, 1992. Monografia, Bacharelado em História, Universidade Federal do Paraná. pp. 20-22.

As creanças gramavam de pé e no banco da frente vinha embrulhado em uns papéis sujos um côco da Bahia, que era para Fifina tomar a agua aminhá cedo, como dizia a tal senhora para nha Rosa, que também viajava no mesmo bond com uma trouxa de roupa de 56 Kilos em baixo de dois bancos do referido bonde...

Alguns passageiros protestavam (ou como diz o Lourenço de Souza protextavam) aquillo ali não era bonde de carga e o caôlho do Colle, não via, não se incommodava e o povo é quem aguenta com o repuxo.

Um desaforo!

Não podia continuar, devia se metter fogo em todos esses carangueijos, etc.

Só não reclamava do embrulho, um cão Terra-nova, da tal senhora, o Tetéia, que vinha correndo vertiginosamente, com a lingua de fora, acompanhando o miseravel vehiculo.

Depois de varias peripecias e quando o bondinho enfrentava a casa do Sr. Alencar, a senhora deu um grito horrivel!

O Mucio, que também ia no bonde, pedindo *coupons* aos passageiros, cahiu para um lado, sem sentidos.

O quê? o que foi perguntaram os viajantes, porem a senhora não disse nada, virou-se para traz e com um ar altivo medio o conductor de alto a baixo, chamou-o e ia reclamar o *coupon*, quando elle apontou para o Mucio, que nessa occasião descia na porta de sua residencia. Porem, a senhora, remexendo o embrulho onde ia o côco da Bahia disse ao conductor:

_ Tenha paciencia moço, o senhor na volta achando pode entregar lá em casa, sabe?

_ Mas o que é? minha senhora.

_ É, foi ali, perto ali naquelle desvio onde nois encontremos o outro bonde.

_ Como? O que foi que a senhora perdeu?

_ Ali, perto do desvio, talvez fosse com o choque, cahiu, não é?

_ Não sei, não senhora, resmungou o conductor.

_ Pois é, o senhor me entrega lá em casa, sim?

_ Mas o que? berrou o conductor.

_ Uma agulha de *fazê crochet*, disse com voz dulçurosa a tal senhora.

Alguns passageiros, inclusive o nosso tachygrapho despencaram-se do bond a toda brida.¹¹

Muitos dos personagens citados são conhecidos apenas do cronista e seus leitores. O Colle, ou melhor Santiago Colle, era o proprietário da empresa de bondes, desde 1895 quando comprou-a de Boaventura Clapp. Era atacado muitas vezes pelos jornalistas porque não melhorava os seus veículos. Em seu relatório, de 1906, informa que a empresa possuía 20 viaturas abertas para passageiros, 15 vagões para carga, 2 para transporte de mala postal e ainda outros carros para transporte de ferragens, e que para a tração desses veículos a empresa possuía 150 mulas.¹²

A postura do cronista, como a do flâneur, é de alguém que está presente por acaso no momento em que ocorre alguma coisa; de qualquer forma, sempre ocorre quando o cronista está perto. Assim pode dar ênfase ao que quiser, dando destaque à situação que mais chamar sua atenção. É o observador por excelência da cidade, dos tipos, dos fatos e da vida moderna.

O cronista é um viajante da cidade. Ele vai contar as aventuras das suas viagens para os leitores, vai

¹¹ Loris. De Bond. *A Rolha*. 27/08/1908.

¹² Rua da Liberdade. *Boletim Informativo da Casa Romário Martins*, VIII (54), Curitiba: Jun./1981.

descrever para eles as paisagens, os tipos, os fatos, tudo o que pode ser já conhecido desse leitor, ou desconhecido. Reconta, revê ou destaca aquilo que mais chamou a sua atenção, como se participasse das cenas ou da cidade pela primeira vez mas, ao mesmo tempo, como algo conhecido.

Nesse ponto, parece-se com o escritor de uma novela ou um folhetim. Algumas crônicas são como capítulos de uma novela que vêm sempre na seqüência um do outro. A diferença é que não há um personagem principal do qual se acompanha a vida e as aventuras, ou melhor, esse personagem é a cidade como um todo, com seus habitantes e tudo o mais que ela abriga. Existem aqueles personagens que estão sempre presentes como panos de fundo, como por exemplo o Colle. Outros vão aparecendo, como a senhora que entrou no bond, perturbando as coisas ("com os 15 petizes"). São tipos que podem sempre ser substituídos, mas são tipos que só podem ser encontrados nessa Curitiba, maior, mais movimentada, que se quer moderna. Aproveitando sempre um ou outro fato para fazer a crítica aos bondes, meio de transporte ultrapassado, que não satisfaz mais as necessidades dos habitantes, o cronista sempre opina, seja através de suas próprias idéias, seja pela apresentação do pensamento de outro personagem, conhecido dele ou da comunidade.

Nessa crônica o tipo enfocado é a mulher "inconveniente", a nossa "chata" de hoje, que chega alterando a paz dos outros. Um personagem bem marcado, para

dizer, na verdade, que o transporte coletivo não servia mais do jeito que estava e que tinha que se modernizar. Todos queriam o bonde elétrico, cabendo ao Colle ampliar a frota e modernizar o transporte para, então atender a população e fazer jus ao crescimento da cidade.

Retomemos *O Olho da Rua*, e a idéia do cronista situado em um lugar alto, de onde se pode observar com calma todos os acontecimentos na cidade, quase como um juiz. Embora não participe diretamente, não deixa de fazer parte da ação, agindo como um observador que vai traduzir, interpretar e comentar os fatos.

Em um desses episódios, *Do Terraço do Olho*, Zé Pestana e seu amigo Manuel olham para a Rua XV, principal ponto de observação da vida da cidade, que apesar do progresso ainda têm transportes muito primitivos.

Subimos, eu e o Manuel para o terraço do "Olho". Deitamos olhares para a rua 15. A grande arteria estava cheia de gente à hora da tarde de um domingo.

Movimento espantoso, lindos ragazzos com rosas vermelhas nas faces; cavalheiros com sobretudos quentes; mocinhas de water-proofs, gente, gente em penca.

Um bondinho, triste fossil que se rola gemendo soturnamente por sobre trilhos enferrujados, um desses miserandos representantes de uma Coritiba que já morreu, passava.

Apesar do vagar com que descia a rua 15, um velho desgraçado não lhe pode livrar das rodas fataes que lhe cortaram as pernas. A rua estremeceu: estremeceu de pavor o povo todo. Em cima do

terraço do "Olho", nos chegou o *frisson* que sacudiu os populares.¹³

Não se pode pensar em uma cidade que progride e que é moderna sem um transporte adequado, isto é, bondes elétricos. Como tudo que é luz, que é movido a eletricidade no mundo moderno, as pessoas também podem se locomover conforme esse ritmo, agindo de acordo com a velocidade que caracteriza a modernidade.

Ao mesmo tempo, embora ainda distante da moderna técnica, acidentes não deixam de acontecer e o "velho fóssil", além de seu costumeiro atraso e rudimentar figura, consegue atropelar um pobre homem e inutilizá-lo. É o velho que destrói um outro velho.

São inúmeras as referências aos bondes puxados por mulas. Em vários outros lugares encontramos o mesmo apelo, a mesma crítica com relação aos transportes. Alguns anos antes, por exemplo, Helio, ou melhor Euclides Bandeira, também apresentava suas opiniões no mesmo periódico:

Passava um bond repleto e com as grossas cortinas arriadas. Num esforço titanico os pobres burricos, o dorso recurvo e as pernas retezadas, subiam debaixo de imprecações do cocheiro, a ladeira do Grande Hotel.¹⁴

Flavio, em *Diversões*, outra coluna do *Olho da Rua*, procurando dar ao leitor um panorama das diversões em Curitiba, comenta as opções de que os habitantes dispõem,

¹³ Zé Pestana. Do Terraço do "Olho". *O Olho da Rua*. 24/06/1911.

¹⁴ Helio. *O Olho da Rua*. 22/06/1907.

"cynematographos", sociedades de tiro, "clubs de gymnastica", "clubs" recreativos e literários, sociedades teatrais, um Jockey Club, etc. Sobre as corridas de bicicletas realizadas no Jockey, o mais interessante é a volta do público para casa:

Mas o que esteve melhor foi a corrida dos bonds na volta do Prado. Apinhados de passageiros se puzeram em marcha... Nem dez metros de percurso e o que vinha na frente puxando a fieira, *bufe*, fóra dos trilhos. Volta ao lugar, os burrinhos puxam e... *bufe*, outra vez fóra da linha. Levantam-se protestos, reclamações, algazarra infernal... Nova arrumação, novo descarrilhamento.

Novos protestos, novo berreiro e no meio de tudo isto o Colle, pachorrento, com os olhos impassíveis, procurando ajudar o bonde.

Mas qual, a caranguejola está estragada e quer por força andar sem ser pelos trilhos [...].¹⁵

Mas além deste triste espetáculo causado pelo "atraso" em que se vive com os bondes puxados por mulas¹⁶ das críticas feitas com relação à falta de calçamento e da preocupação com o estado de algumas praças, existem outros "passeios" para serem feitos nesta "Coritiba".

É novamente o flâneur, que vai nos levar a um passeio pela cidade, *depois das 6 horas*. O poeta convida seu amigo a fazer um passeio a noite, hora que tantos admiram. Assim é o que ele vê

¹⁵ Flavio. Diversões. *O Olho da Rua*. 15/04/1908.

¹⁶ De 1911 a 1914 começam a chegar os bondes elétricos franceses Nevelles, quando a exploração dos serviços de bondes passou para a companhia inglesa South Brazilian Railways Ltda. Cf. *Rua da Liberdade...*, p.24.

A noite tombara lentamente, envolvendo a cidade no seu manto escuro, enquanto os negocios fechavam as suas portas e os pardieiros lançavam para as vielas a canalha malandra.

Na Rua Quinze, as lampadas accesas e as vitrines illuminadas, o povo num vae e vem continuo, os bondes a carregar e descarregar passageiros, a algazarra dos garotos dos jornais, os vendedores de pasteis e sorvetes, os cafés e cinematografos, davam uma idéa de que Coritiba se limitasse somente à rua Quinze, rua da luz e da chalaça, onde passa de dia o burguez, a menina bonita, a normalista faceira, a costureira sympathica, o politico incomprehensivel, o militar cheio de basofia, o estudante risonho e de noite o mendigo, o gatuno ordinario também por ella anda repetindo por entre vaporadas de fumo e escarros de cachaça: Igualdade e Fraternidade.¹⁷

Sabemos da importância dada à iluminação elétrica numa cidade que se pretende moderna e que progride. A inauguração da iluminação elétrica na Rua XV constituiu-se em um verdadeiro espetáculo, em 1910.¹⁸

Realmente, essa rua era o catalisador da cidade. Por ela tudo passava, nela acontecia o movimento. Mas era uma rua distinta. De dia os tipos que o cronista, Eugenio Vidal, enumera são os bons elementos; de noite, o misterioso, o mendigo ou o ladrão percorrem a mesma rua em diferentes horas. A cidade moderna proporciona essa possibilidade de circulação por um mesmo espaço de tipos tão diferentes e antagônicos. É a própria visão do bem e do mal, do claro e do escuro; cada um circula por ela no seu horário. O poeta/cronista, por sua vez, pode transitar em

¹⁷ Eugenio Vidal. Depois das 6 horas. *O Paraná*. 12/08/1911.

¹⁸ Cf. BRANDÃO..., p.93.

qualquer um deles, porque ele, colocando-se como observador deve penetrar em todos os meandros da cidade, todas as horas, para registrar as cenas e para descortinar esse ambiente. Ambiente que parece sempre novo e talvez um pouco imaginário, mas que ainda precisa de um intérprete. O mundo noturno pertence à canalha, ao lado sombrio e misterioso, ao marginal. Contudo, também pertence ao boêmio, que pode ser um poeta ou um jogador.

O Palco

Na esquina, é o título sugestivo de outra coluna d' *Olho da Rua*, já citada no segundo capítulo.¹⁹ Nela, Helio - Euclides Bandeira - nos diz claramente o que se pode esperar desse espetáculo que é a rua. Desvendando-a como um tablado,

D'aqui eu vejo a rua toda.[...]

Aqui é o meu ponto favorito; é como se estivesse na platéa de um grande theatro, attento para o palco onde se desenrolassem, tragicas e terríveis as scenas palpitantes de um drama real. A rua é um tablado e quem ficar para ahi, acantoado ao desvão de um palacete ha de assistir lances multiformes, imprevistos, terrificantes, buffos; ha de apanhar no ar trechos de ineffaveis dialogos de amor, imprecações brutaes de carrejões, lamurias de mendigos, risadas e blasphemias; ha de auscultar enfim, esse organismo que estua, vibra, e é alegre e triste, faustoso e miseravel, cheio de sol e cheio de lama.

[...]

Detesto, porem, as viellas de pardieiros acaçapados, as ruas d'amargura da pobreza; não pelo receio de um punhal rebrilhando na sombra que

¹⁹ Ver p. 68

a miseria esmola não assalta, mas porque achi o pensamento se abaixa, nivelando-se ao rez do chão. Os edificios, observou perfeitamente Stanislas de Guaita, deveriam ser elevados: obrigariam os transeuntes a erguer a cabeça e com ella as aspirações. Muito bem. Os gregos foram inegalaveis porque estavam habituados a olhar para o alto, para a folha de acantho dos capiteis corinthios. O pensamento precisa de gynnastica, precisa que se lhe ensine a voar, não é como a aguia de desde os primeiros sustos flecha o infinito [...].²⁰

A arquitetura, entre outros fatores, irá refletir os caminhos para o progresso. Será através de construções modernas, sólidas e bonitas que a cidade se identificará com o novo, com o avanço. Uma cidade moderna deve ter uma arquitetura que expresse o seu avanço; é ela que espelhará as condições em que vivem os habitantes, como se pensa e para onde se caminha. Além disso, a arquitetura tem uma função social; ela eleva os espíritos através do Belo.

Tais reflexões traduzem as conclusões às quais chega o poeta, na rua, na esquina, pois está sempre pronto a receber as informações e registrar as cenas do espetáculo urbano. Ou talvez, fossem as observações que fazia da janela de seu quarto, como nos conta América Saboia,²¹ onde Euclides Bandeira se demorava a olhar a rua XV por horas a fio.

²⁰ Helio. Na esquina. *O Olho da Rua*. 13/04/1907.

²¹ COSTA, América Saboia da. *Curitiba de minha saudade; 1904-1914*. Curitiba: Lítero Técnica, 1978. p. 52.

Mais tarde ele, em outro texto, irá conclamar a todos para seguirem o exemplo da Associação Comercial, que constrói novo prédio

A Associação Commercial, nucleo de homens progressistas, já deo o grito de alarme, começando as obras do seo predio, predio de bellezas architectonicas e de conforto, o qual honrará sobremaneira a nossa capital.

Não seria máo, pois, si os nossos constructores fossem se abeberar na architectura desse predio, dotando Coritiba de casas elegantes, solidas, porque os que se tem construido até agora, são verdadeiros pardieiros sem gosto, sem arte, sem nada afim.[...]

Não sejamos originaes mas ao menos acompanhemos a evolução e Coritiba dentro em pouco assignalará a sua victoria na senda do progresso.

Imitemos a Associação Commercial.

Stelio.²²

É preciso provar materialmente que a cidade progride, e para isso ela deve ter construções que atestem esse desenvolvimento e essa modernização. Por isso o destaque dado ao novo prédio da Associação Comercial, que é uma construção grande e imponente, no mais moderno estilo francês.²³ Os velhos padrões de construção devem ser substituídos por novas técnicas e pela estética moderna.

²² Stelio. *Chronica da Rua. O Olho da Rua*. 22/07/1911.

²³ O projeto do prédio foi feito por Augusto Huebel, datando de agosto de 1911, conforme planta existente no Acervo da Casa da Memória, Fundação Cultural de Curitiba. Huebel sofreu grande influência dos manuais de arquitetura franceses. (Agradeço a Marcelo Saldanha Sutil, por fornecer informações contidas em material de pesquisa de sua dissertação de mestrado inédita, sobre arquitetura em Curitiba no início do século).

Curitiba deveria também superar o triste estado do calçamento de suas ruas, antes de poder pleitear o título de cidade moderna. Era uma situação constrangedora e aflitiva, a qual todos se remetiam cedo ou tarde, as vezes com graça e ironia

A crítica ferrenha dos nossos felicitores tem atacado a nossa capital pelos pés[...]

É um novo systema de critica, mas é de effeito. Até aqui quando se procurava falar de uma cidade, do seu aspecto, da sua belleza, do seu desenvolvimento material, buscava-se a philosophia e a arte para dizer das coisas de modo parcial[...].

Agora não. Tratando-se de uma cidade como Curitiba, nova e linda, nada se diz dos seus olhos, dos seus contornos, dos seus gestos, das suas bellezas plastica; nada se fala do conjuncto, mas unicamente dos seus sapatos, dos seus pés na lama, do seu descuido, emfim, de limpeza nas extremidades inferiores.

Chegaram os congressistas geographos, chegaram e olharam logo para os pés da moça, da linda Curitiba, e sem que se impressionassem por essas maravilhosas arterias que cortam o organismo, foram logo atrahidos pelos sapatos immundos da cidade flor.²⁴

Novamente, a figura de uma jovem personifica a cidade, chamando atenção para os seus pés. As vezes também descrita como uma "Princesa descalça", como encontramos em um poema d' *A Bomba*.²⁵

Já Zé Careta resolveu contar a estória do calçamento como se fosse um fábula para crianças,²⁶ descrevendo o modo

²⁴ Os pés descalços... *O Paraná*. 20/10/1911

²⁵ Princesa descalça. *A Bomba*. 30/08/1913.

²⁶ Zé Careta. *O Calçamento (História para crianças)*. *O Velho não quer*.... N.1, 1911.

como era tratada pelas autoridades a questão do calçamento. Refere-se às negociatas que não levavam a lugar algum, apenas beneficiando os supostos técnicos e empreiteiros que deveriam realizar a obra, mas que nada faziam e ficavam com o dinheiro para si.

Definitivamente Curitiba estava descalça. Uma charge no *Olho da Rua* apresenta a capital paranaense como uma mocinha esfarrapada a qual a mãe - a prefeitura - está dando um capote para vestir, para esconder os farrapos das vistas do presidente.²⁷ Outro número, ainda da mesma revista, traz em sua capa uma senhora em uma loja experimentando sapatos. A senhora, claro, é Curitiba.²⁸

Com belas construções, transportes adequados e calçamento, Curitiba "será uma cidade ideal".²⁹ Essas construções são pensadas não só em termos de moradias, escritórios, etc., mas também como logradouros que a cidade deveria possuir para que o povo pudesse usufruir de belos espaços de passeio. As praças deveriam ser bem cuidadas e o Passeio Público, inaugurado em 1886, deveria receber mais atenção para voltar a ser um local agradável. O Passeio Público era também ponto de encontro dos simbolistas que na época da primavera se reuniam na Ilha das Acácias, local que possibilitava seu isolamento, uma vez que o acesso até a ilha só se fazia através de pequenos barcos ou de uma

²⁷ *O Olho da Rua*. 03/04/1909.

²⁸ *O Olho da Rua*. 27/11/1909.

²⁹ Stelio. *Chronica da Rua*. *O Olho da Rua*. 22/07/1911.

ponte rústica.³⁰ Foi neste local que se deu a coroação de Emiliano Pernetta como "Príncipe dos Poetas", em 20 de agosto de 1911.

Alguns criticavam severamente o abandono em que o Passeio Público se encontrava, exatamente porque a preocupação e a valorização da natureza faziam parte do pensamento da maioria dos intelectuais do momento:

O culto à flor e à árvore é a manifestação mais eloquente d'uma cultura germinada ao calor da grande civilização moderna.

[...]

Não ha cidade civilisada onde não exista entranhado o amor à floresta, o culto à árvore, e d'ahi a extranhesa com que o recém-aportado à Curityba, depois de certificar-se do nosso adiantamento material à vista da arte architectural que se nota nas construções, vê o abandono em que vegeta o Passeio Publico.

[...]

É lastimavel, pois, que a esse respeito vemos por aqui, onde uma população abandonando o mais lindo dos nossos logradouros [...]vai aos domingos se encurralar na area apertada d'um quintal ensaibrado, esperar a noite para assistir ao cynematographo!³¹

No mesmo abandono se encontravam algumas praças da cidade, especialmente a Praça Santos Andrade.³²

³⁰ RIGOTTO, Maria Helena Costa; SILVA, Silvia Maria Rodrigues e SILVA, Aparecida Vaz. *Do Jardim Botânico ao Passeio Público; as aventuras de um logradouro público*. Monografia. Bacharelado do Curso de História da UFPR. Curitiba, 1987.

³¹ O Jardim Publico. *O Paraná*. 10/07/1910.

³² As Praças. *O Paraná*. 01/09/1911.

Para os intelectuais a valorização da natureza caminha junto com o progresso, com o que é civilizado³³ mas, por outro lado, na balança do povo pesa mais o cinematógrafo. Este tipo de espetáculo rouba o público dos seus lazeres anteriores, passando a canalizar o movimento, o que explicaria, então, o abandono das praças e do Passeio Público. Como nos conta Hilário Gaspar

Um dos inventos que mais avassallam o mundo actual é, sem dúvida, o cinematographo.

Com elle vieram tambem novos hábitos e novas sensações.

Antes d'elle, costumava-se aos domingos, em Coritiba dar um passeio pela Praça Tiradentes, onde os acordes de uma banda marcial deleitavam o povo que para lá affluia[...]

Hoje, porem, a nossa sociedade mais civilisada, mais raffinée, acode ao clamores dos tympanos impertinentes, devora os mil e um cartazes que por ahi espalham, e, num vae e vem continuado, corre a viasacrã dos music-halls [...].³⁴

Segundo o autor, então, a natureza ficava relegada a um segundo plano, já que a população preferia os cinematógrafos e parques de diversões ao Passeio Público e às praças. Contudo, era pela atenção dada à natureza que também se identificava o avanço de uma sociedade. Essa natureza deveria compor um belo quadro da cidade, com

³³ Lembramos também que em Curitiba neste período ocorriam as "Festas da Primavera", organizadas por Dario Vellozo e seu grupo, a partir de 1911, que visavam celebrar a estação das flores com uma festa pagã, revivendo a Grécia antiga. *Dicionário histórico-biográfico do Paraná*. Curitiba: Chain: Banco do Estado do Paraná, 1991. p.161-164.

³⁴ Hilario Gaspar. *Chronica. Raio X*. 09/09/1911.

jardins e praças bem cuidados dos quais a população pudesse usufruir.

A Boemia

Mas, além do calçamento, dos bondes, das praças, da arquitetura e tantas outras coisas, há um outro fator que já espelha o progresso na capital. Costuma-se afirmar que em Curitiba não havia boemia, não havia *bas-fond*.³⁵ Essa idéia, contudo, deve ser questionada, pois parece que havia, de fato, uma boemia conformada à realidade da cidade, sendo que alguns cronistas procuravam descrevê-la como indício de um certo crescimento e modernização.

Isto porque, o papel que o cronista, o literato, incorpora, está intimamente relacionado a uma imagem de literato boêmio que marcou os escritores do final do século XIX e início do século XX. A "Boêmia" foi um território, um país que se projetou na *belle époque*, derivado dela e ao mesmo tempo alimentando-a, uma vez que passou a ser um de seus símbolos. É nas cidades, na Paris do final do século principalmente, que ela explode, instigando autores a percorrê-la e escrever sobre ela para tentar defini-la. São artistas, principalmente jovens, que a habitam, juntamente com outros excluídos e marginais, e que através de sua arte, entendida também como uma postura de vida,

³⁵ HOERNER Jr., Valério. *Curitiba 1900*. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1984.

representam suas ambições, conflitos, a transformação da vida e da sociedade.³⁶

A Boêmia não permaneceu confinada ao país que lhe deu origem, espalhando-se rapidamente fora de Paris para colonizar outros locais. Londres, Milão, Munique e Greenwich Village tornaram-se palcos da vida boêmia antes do final do século dezenove. As novas Boêmias assumiram as características de seus locais, mas elas também seguiram padrões mais amplos, já familiares - nutrindo-se da mistura de arte e vida, fundindo rebelião com ambição, simultaneamente patrocinando as verdadeiras vocações artísticas e se apropriando da imagem do artista para dramatizar a ambivalência em relação aos destinos da existência social comum.³⁷

A boemia passou a ser um dos símbolos da modernidade. Podemos pensar em Baudelaire como modelo de escritor boêmio, freqüentador do mundo noturno, mas, também em outros, que compuseram uma imagem que está ligada ao tipo de literatura que surgiu e se refletiu também nos textos de Poe, de Conan Doyle e de tantos outros. Pensamos, por exemplo, no seguinte texto:

- Vamos à *Cova da Onça*, o campo vasto da libertinagem canalha, onde o vício domina e a prostituição impéra, por entre risos velhacos, lágrimas hypocritas e palavras debochadas de bocas cosidas pela nicotina dos cigarros e pelo álcool dos licores, os mais variados? Escuta, Eugenio amigo, vamos ao centro do vício, ao templo da carne, estudarmos a urbs viciosa, os boudoirs libertinos a rescender perfumes; vamos conhecer os mercadores do amor, as chanteuses insaciáveis, os jogadores marchantes e os bacharéis vagabundos e debochados? [...]³⁸

³⁶ SEIGEL, Jerrold. *Paris boêmia; cultura, política e os limites da vida burguesa: 1830-1930*. Porto Alegre: L&PM, 1992.

³⁷ Ibid. p.397.

³⁸ Eugenio Vidal. Nas regiões do deboche. *O Paraná*. 24/04/1911.

Nesse caso, os amigos pretendem ficar apenas como observadores, tanto que seu passeio será feito durante o dia, pois a intenção é conhecer de perto e desvendar esse ambiente, sem para isso se deixar levar pela magia da noite. Fazendo uma alusão ao inferno percorrido por Dante e Virgílio, eles percorrem a rua Visconde de Guarapuava onde vivem cocotes, jogadores e malandros. O que encontram é um espetáculo de decadência, pois durante o dia a realidade aparece crua e pobre. Não nos importa, aqui, o juízo que ambos fazem da situação que encontram, mas sim a referência a esse submundo, o qual é tão instigante e presente que os leva até lá, e se transforma em assunto a ser colocado para o seu público.

Mesmo na ausência de um João do Rio, não faltou quem falasse de nossa modesta vida noturna.

Assim é, que J. Cayobá nos apresenta o Hotel Paris, em uma crônica da coluna *A Urbs Viciosa*,³⁹ como um exemplo de boemia e de que Curitiba progride.

- Isto vae em progresso, dizia-me o Moraes, referindo-se a Curitiba, no momento em que, transpondo os humbraes do Paris, via duas formas brancas e fugidias de mulher se escoarem como dois duendes por um longo e escuro corredor.

Vae em progresso, não vês? Quem diria que esta pacata capital de ha dez annos atraz, sem cinemas, sem tavolagens doiradas e sem hoteis, havia de chegar dentro em pouco a esta perfeição...

- Perfeição? _ atalhei, curioso d'uma definição cabal do conceito um tanto ambiguo.

³⁹ J. Cayobá. O Hotel. O Paraná. 20/02/1911.

- Pois não vês este hotel, branco pombal onde as louras chanteuses arrulam a meia luz discreta dos boudoirs trescalantes do perfume estonteador do Houbigant e das pomadas? Pois são estas divas, José amigo, as pombas mensageiras da civilização e... do vício.

[...]

São ellas as sacerdotisas do vicio e as mensageiras - para que não dizer - de costumes que, embora abominaveis aos olhos pudicos d'uma sociedade patriarchal, vinculam-se às grandes civilizações jamais comprehendidas sem os grandes vicios[...].⁴⁰

O real aparece como fantástico quando ele lança o olhar sobre o Paris, que exhibe a perfeição a qual chegou a cidade. Nesse lugar as divas são mensageiras da civilização e do vício, porque onde há um, deve haver o outro. Todas essas divas, claro, são estrangeiras, dizem-se francesas, o que aproxima a lembrança da boemia parisiense.

Entrando apenas como observadores no Paris, pretendem ficar à parte da ação. Observam para conhecer e relatar o espetáculo que se apresentará, para introduzir o leitor em mais um ambiente instigante e misterioso. Através do garçom do hotel, os dois amigos se inteiram da vida daquelas mulheres, sendo que, algumas eram artistas do Mignon, comparadas pelo cronista às *nibellungen*. Procuram saber como e quanto elas pagam pela diária e vão descobrindo, num clima sempre instigante e misterioso - como as expressões que eles vêem nas jovens - que a vida não é fácil, revelando o lado triste de suas histórias.

⁴⁰ Ibid.

Eles procuram o que há por trás dos bastidores e relembram os romances que contam a vida dos cantores, vida de mercadoria.

Locais de sacerdotisas do vício, não se compreende uma cidade moderna, uma "urbs smartisada", sem estes templos do pecado. Nesse momento a imagem da prostituta está associada a um estilo de vida e de desenvolvimento das grandes cidades, modelo importado essencialmente da Europa, como explicou Margareth Rago:

Prostituição e modernidade, nesse sentido, foram intimamente associados, num momento em que amplos esforços eram mobilizados pelos diferentes setores sociais no sentido de se autorepresentarem como uma sociedade que ingressava numa nova era inaugural, sintonizando seus passos ao ritmo da modernização das demais nações européias.⁴¹

O Hotel Paris começa a ser para Curitiba o que são os hotéis para todas as enormes "colmeias humanas"; são "altares dessas divindades".⁴² É o palco onde se entrelaçam comédias e tragédias, metáfora da vida. Toda a descrição é um tanto irreal, fantasiada, remetendo sempre à idéia de um universo de sonho. Uma passagem para outro mundo, dentro da realidade, ou melhor, outro lado do mundo moderno. O que sabemos sobre o Hotel Paris é que localizava-se na Rua da

⁴¹ RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite; prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. p.44-45.

⁴² Ibid.

Liberdade, e mais tarde passou a ser o Hotel Jonsher, este último um hotel "de respeito".⁴³

Apesar do distanciamento que o nosso cronista propõe neste texto – ele apenas observa – parece que o Paris era um dos locais de reunião dos boêmios e literatos, era um lugar que fazia a noite de Curitiba brilhar.

Noite luminosa. Do ceu azul e limpo, rendilhado de estrelas, a lua derrama sobre a urbs a sua claridade prateada. De momento a momento passam pela Rua da Liberdade transeuntes retardados enquanto no "Paris" um grupo de rapazes dados á litteratura, conversam animadamente no reservado, ao redor de uma mesa sobre a qual veem-se calices, copos e garrafas [...].⁴⁴

Nessa crônica, Eugenio Vidal entra no Paris e observa o grupo de rapazes que bebem, falam de amor, recitam poesias e se divertem. Quando ele sai, encontra outros boêmios que vão pela rua. Em seu roteiro noturno passa também por outro local, "O Elite Club, na Rua Marechal Deodoro, esquina da 1º de Março", e ouve o barulho do pessoal que está jogando. Aliás, o jogo também corria solto em Curitiba. Havia o Elite, ao que parece freqüentado pela elite local que jogava e se divertia com as "chanteuses" do Mignon,⁴⁵ e o Café Rio Branco, mais popular e, na opinião do cronista até mais honesto. O jogo não era enaltecido, mas o que não poderia acontecer era a polícia

⁴³ Rua da Liberdade ... p.15, p.28. Há um projeto hoje para restaurar o prédio e colocá-lo novamente em funcionamento.

⁴⁴ Eugenio Vidal. Os Estroinas da Meia-Noite. *O Paraná*. 27/03/1911.

⁴⁵ J. Cayobá. A Tavola. *O Paraná*. 30/11/1911.

perseguir apenas os pobres; a elite saía sempre ilesa. "Os pobres são corruptos, se jogam, os grandes se divertem".⁴⁶

A noite traz, além da diversão, um cenário misterioso que enche a imaginação daquele que vaga em busca de inspiração e faz com que o cronista perceba os mesmos elementos que vê durante o dia de uma outra forma, por outro ângulo. Assim é com a figura do imigrante, pois à noite, são "chanteuses". Polacas ou não, encantam com seus números e com sua beleza, e povoam o Paris aproximando-o fantasiosamente dos cafés, teatros e hotéis do Rio de Janeiro, e da boemia como um todo.

A noite também pode trazer outras histórias, como a de Anita, imigrante italiana que chega a Curitiba depois de passar por muitas provações, vítima de uma propaganda enganosa. A sua história é contada quase como uma novela, muito dramática, com a qual o cronista toma contato exatamente no Hotel Bella Vista. Antes, porém, de contar a história de Anita, demora-se conjecturando sobre este tipo de local.

Quem hoje defrontar com o Magestic Hotel ou qualquer outro desses colossos que na actualidade encarnam o *typo da moderna hospedaria*, a desafiar toda a exigencia em materia de luxo, elegancia e conforto, difficilmente acreditará ser elle o ultimo (e será effectivamente o ultimo?) elo da corrente evolucionista que teve a sua origem na immunda estalagem das cidades medievais e nos sordidos albergues de estrada, não raro valhacouto de ladrões e assassinos.[...]

⁴⁶ O Jogo. O Paraná. 22/10/1910.

Em Curitiba, é interessante registrar, só agora com o seu avanço civilizador e já intensa cultura é que se está conhecendo a estalagem, em absoluto desconhecida em outras épocas.[...]

A estalagem foi até ha pouco avis rara n'estas paragens, pouco propicias, sem duvida, á floração desses grandes cancros sociaes de que a hospedaria barata e a sua irmã — a casa de comodos — são representantes genuinos e foi preciso que um enorme contingente de progresso viesse desenervar a ingenua sultana do Paraná indolentemente recostada no planalto, para então sorratamente cantar-se aqui a primeira estalagem.[...]

Mas, por maiores que sejam a ordem e a moralidade n'uma casa de hospedes é esta pela fatalidade do seu proprio destino o scenario das cousas mais extranhas e interessantes que vão do ridiculo ao tragico, do frivolo ao sublime, do bello ao hediondo. Penetrar no recinto fumarento da estalagem é ver exactamente reproduzido um quadro da "Corte dos Milagres" de Victor Hugo, e nos farrapentos e esquallidos individuos aboletados á sordida mesa redonda, typos que sem esforço assimilamos aos que o genio hugoniano tão magistralmente creou nas paginas soberbas da "Nossa Senhora de Paris".

É no Hotel Bella Vista que se pode admirar sob um mais forte colorido a vida da estalagem. Alli conhecemos a Annita, uma italiana de meia idade, não bonita, mas sympathica e affavel, servindo perfeitamente os hospedes, tanto quanto permitiam as condições do hotel.[...].⁴⁷

Como vemos, J. Cayobá, na coluna A "Urbs" Viciosa, demora-se descrevendo o lugar, os freqüentadores, o ambiente e aquilo a que este ambiente remete, mostrando o que era a sua visão deste tipo de local, a sua própria fantasia. As associações com o texto de Victor Hugo, com o submundo, o crime e a pobreza deixam claro o tipo de imagem que está influenciando a sua descrição. Procura reconhecer

⁴⁷ J. Cayobá. A Estalagem. O Paraná. 27/03/1911.

em Curitiba os mesmos elementos que fazem parte do desenvolvimento e desequilíbrio das grandes cidades. Após essas primeiras reflexões, conta a história dessa imigrante que vindo para a América em busca de emprego e de uma vida melhor, antes de chegar a Curitiba passou por São Paulo, Buenos Aires e Rio de Janeiro. Sofreu muito nas fazendas de café, em São Paulo, encontrando uma realidade totalmente diferente daquela que esperava. Anita ficou à mercê de perseguições do seu patrão e dos filhos deste, mas acabou encontrando uma saída casando-se com um patricio. Este homem, porém, revelou-se um cafetão que desejava entregá-la a um outro italiano já bem estabelecido. Na noite em que se encontram, Anita descobre ser este seu irmão, Genaro, que havia imigrado para a América muitos anos antes dela.

Nessa crônica a imigrante de faces rosadas, alegre e que vende hortaliças ou outros produtos na cidade, ou a artista do Mignon, cede lugar a uma moça comum que experimenta a dura realidade da exploração do seu trabalho e do seu corpo nas fazendas, e que termina como criada em uma hospedaria. Uma história sem brilho, sem charme, mas que foi a realidade para tantos como ela. São personagens assim que se podem encontrar numa estalagem, entre tantos outros, quando o cronista se dispõem a penetrar nesses lugares e a conviver por alguns momentos com essas pessoas que povoam o mundo noturno da cidade.

Em *As Espeluncas*, *Almocreve* apresenta o que poderia ser um conto de Edgar Allan Poe, ou então uma crônica de João do Rio.⁴⁸ É exatamente o espetáculo da noite, o mistério, o perigo, o medo, tudo o que pode ser vivenciado numa cidade grande.

Como é triste e deserta a noite!

A cidade dorme envolta no seu manto de trevas como que prostrada por um profundo lethargo.

Os fôcos de luz elétrica lançam pelas travessas mysteriosas uma claridade medrosa, que parece esquivar-se a aclarar alguma scena que se occulta nas dobras da noite.

Quem dotado de uma vista penetrante lançasse os olhos para o conjunto de casas dessas viellas, viria ao longo dellas deslisarem raramente uns vultos esqualidos, de vestes andrajosas [...].⁴⁹

A luz elétrica propicia maior segurança para esse vagar noturno à procura de alguma coisa que não se sabe bem o que é. Talvez seja apenas a aventura. Ao mesmo tempo, essa luz lança suas sombras fazendo com que o cenário fique mais misterioso. Lembremos que na modernidade, não se pode falar, pensar e pretender uma cidade sem essas viagens pela noite, sem o mistério, o medo, o crime, o vício. Por isso o cronista-boêmio-moderno busca tal tipo de representação, projetando-a na realidade que o cerca. José Guahyba assina outro texto que traz todos estes aspectos de forma clara:

[...]

Rodeando uma mesinha carcomida, individuos andrajosos de physionomias sinistras jogavam

⁴⁸ *Almocreve. As Espeluncas. O Paraná. 10/06/1910.*

⁴⁹ *Ibid.*

baralho... No chão esparramavam-se garrafas bojudas e copos com restos espumantes de beberagens.

Estendida num banco, resomnava ruidosaente uma creatura que perdêra as feições humanas: aquilo era um monstrengo gerado no crime.

[...]

Um daquelles homens impressionou-me pela expressão do rosto e olhar inquieto. De vez em quando elle passava a mão magra pela testa, como para afugentar idéas perseguidoras... Ao fitar os olhos naquele vulto esguio, veio-me a idea de que elle não era um ser vulgar. Deixára-se cair no charco immundo e putrido do vicio, vergando talvez, ao peso enorme de adversidades amargas, sem coragem para lutar[...].⁵⁰

Diante dessa crônica facilmente lembramos homem das multidões,⁵¹ pelo menos no início do conto. O personagem é caracterizado pelo cronista como um pobre diabo que deve ter sofrido amarga desilusão ou algo do gênero. Sujeira, jogo, escuridão, pobreza, tudo isso ele encontra no local onde entra para se abrigar da chuva. E, novamente, é noite. As pessoas são assustadoras, com fisionomias "sinistras". Nada poderia ser mais adequado. Porém, o que interessa é que, neste momento é possível o surgimento desse tipo de descrição. E por quê? Porque a cidade mudou, a literatura mudou, porque não existe uma cidade moderna, ou modernidade, sem esses personagens, sem marginalidade, sem medo, sem vício.

⁵⁰ José Guahyba. Páginas. *Palladium*. 15/04/1909.

⁵¹ SEVCENKO, Nicolau. Perfis urbanos terríveis em Edgar Allan Poe. *Rev. Bras. de Hist.* São Paulo: v.5, n.8/9, p. 69-83, set./1985-abr./1986. Ver também: POE, Edgar Allan. O homem das multidões. In: *Poesia e prosa*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1944. v. II. p.134-142.

O cronista, no entanto, não exalta esse quadro, que é diferente da boemia "saudável". Nossos boêmios são bem comportados, poderiam até ser burgueses, embora muitas crônicas demonstrem que tinham uma verdadeira aversão aos mesmos. De qualquer forma, muitos estudavam em boas escolas, eram literatos, bebiam, aproveitavam os prazeres da cidade, mas eram aparentemente comedidos. O próprio José Guahyba era um nome respeitado no meio literário local, um dos fundadores d'*O Paraná*, em sua primeira fase, depois um dos redatores da *Fanal*. Como convinha aos cronistas, assistiam algumas cenas. Como bons observadores, não se misturavam com os fatos, mantendo-se distantes. Um observador que deve estar à par, entrosado, mas não "participante". Ele observa e relata para seu público aquilo que vê e sente. Um viajante conta o que conhece de novo, de estranho, e assim o cronista age com o seu público. Ou porque essa cidade é realmente nova, ou porque essa cultura a pretende assim.

Raul Gomes, em *Farpas*,⁵² crônica dedicada a Gastão Faria, fala da profissão de escritor, literato, intelectual como se fosse uma missão, um destino imposto pela consciência do escritor, a qual não se pode negar. A pena é a arma do literato, do intelectual que se dedica a escrever em jornais e revistas, em qualquer meio que possa veicular suas idéias. Um vício do qual aquele que o

⁵² Raul Gomes. *Farpas*. *Palladium*. 15/09/1909.

experimenta não pode fugir. Apesar de tudo, apesar de não serem valorizados – muitos talentos sofrem para ganhar a vida – eles não desistem. O tom de exaltação à “profissão” é idealista, vendo o literato como aquele que denuncia, que aponta falhas e desagrada algumas pessoas, e que não é reconhecido no mais das vezes; que não é chamado “para o serviço giganteo do desenvolvimento de sua terra”, pelas instituições do poder. Mas seu trabalho faz parte do progresso da sua cidade na medida em que eles são o próprio símbolo do moderno, do novo e do progresso – a cultura, o saber, a poesia, a informação. É assim que ele se vê e a seus colegas de profissão.

CONCLUSÃO

Procuramos, no decorrer deste trabalho, resgatar as impressões, expectativas e projeções com relação ao presente vivido, expressas nas crônicas que consultamos. Observamos em que medida alguns aspectos da modernidade foram incorporados e assimilados pelos cronistas, literatos que pensaram sobre a sua cidade e o seu momento. Longe de esgotar o tema, e mesmo as próprias fontes, muitas outras análises podem ser feitas. Fizemos uma leitura. Outras podem surgir, a partir de novas pesquisas.

O quadro que nos fica é que Curitiba tinha realmente um meio intelectual ativo e interessante, cujas expectativas podemos resgatar através da análise de seus textos. Ouvidos com atenção, mostram-nos todo o burburinho de sua época, seus anseios, suas interpretações dos acontecimentos e suas pretensões, mesmo através de textos que ao leitor de hoje podem parecer extremamente ingênuos.

A modernidade reflete-se aqui, primeiramente, de acordo com um meio cultural disposto a fazer de sua pequena e ainda muito atrasada cidade, um moderno centro urbano. Os intelectuais se viam como portadores do novo, do progresso e tomavam para si a tarefa de difundir a cultura e as transformações que ocorriam no mundo.

Lembramos, como observou Sevcenko,¹ que o trabalho desses intelectuais era visto como uma verdadeira missão a qual eles não poderiam deixar de realizar. Pela análise das formas de uma sociabilidade e estética contemporânea, podemos dizer que Curitiba achava-se em desvantagem com relação a outros centros. Mesmo assim, movidos pela crença no progresso, muitos cronistas acreditavam realmente no seu desenvolvimento. Principalmente no modo como todos eles se referiam à uma cidade que já havia se transformado – de *cabocla a cortesã* – maximizando essa imagem através de todas as metáforas de que dispunham, pois se transformar em cortesã é o preço da civilização, da modernização. A própria metáfora do estupro, utilizada por Higino na crônica que apresentamos no primeiro capítulo, traduz violência e remete à idéia de reverso da modernidade. O preço a ser pago é o da corrupção do que é singelo e simples, seria o medo das transformações ou, ainda, referência à violência dessas transformações. Um processo que quando iniciado não poderia mais ser interrompido.

Exigindo-se para a cidade um transporte coletivo moderno, rápido e ágil, calçamento para as ruas e o aprimoramento nas edificações, estava-se procurando assegurar que Curitiba andasse de mãos dadas com o

¹ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão; tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

progresso do mundo moderno, seguindo o exemplo de outras grandes cidades. Essas aspirações e, também, a sua realização refletiam os avanços da técnica que se faziam sentir em todo o mundo.

Mas, como prova de que realmente a cidade mudara, progredira, ela continha sua própria boemia, sua vida noturna, seus antros, seu Hotel Paris, que representava alguns símbolos de modernidade incorporados por aqueles intelectuais cujos textos resgatamos. Curitiba não seria moderna se não fosse assim. Aí percebe-se claramente a influência da cultura européia, da *belle époque*, nas expressões, nos textos e na própria vivência cultural dos literatos, a ponto de se voltarem para essas investigações sobre o lado obscuro da cidade.

A boemia era o espaço das artes, das discussões, da liberdade e permeabilidade social, deslocando os limites da sociedade. Ao menos era essa a sua tradição.² Por isso, penetrar no Hotel Paris, por exemplo, era experimentar e participar das fantasias que ali eram sugeridas e, ao mesmo tempo, alimentá-las através do texto. O próprio nome deste hotel já evocava a cidade na qual a boemia, entre outros elementos da vida moderna, alcançou seu modelo final e se projetou para o resto da Europa e do mundo.

² SEIGEL, Jerrold. *Paris Boêmia; cultura, política e os limites da vida burguesa, 1830-1930*. Porto Alegre: L&PM, 1992. p. 244

Mas, percebemos também, que não era exatamente a boemia parisiense que encontramos aqui. Apesar de Emiliano Pernetta ter vivido, como outros tantos de sua geração, sua fase boêmia quando estudava em São Paulo, e depois no Rio de Janeiro, em Curitiba, aqueles que viviam parcialmente da literatura não seguiam totalmente o modelo boêmio de vida, mas faziam alusão a ele para não perder sua autoridade. Estavam longe daqueles boêmios sem residência fixa, que fugiam dos cobradores mudando de lugar para lugar, que se excediam em tudo, que conviviam intimamente com o baixo mundo. Aproximavam-se, porém, em desejo, incorporavam esta herança e faziam suas reuniões, promoviam seus centros de arte e de discussão sobre o mundo. Por isso eram necessárias as visitas ao Paris, iluminado, vivo, cheio de referências que remetiam aos cafés e aos hotéis de outras cidades maiores e modernas. Por isso, também, falava-se do jogo, dos boêmios que bebiam e recitavam poemas em volta das mesas, e como a noite era o momento por excelência da boemia, era preciso dizer de uma forma ou de outra que Curitiba possuía suas criaturas noturnas, seus antros de vício, descobertos pela maravilha da luz elétrica. Era também necessário percorrer essa cidade, como fez o flanêur, percebendo-a em seu cotidiano, descrevendo locais e hábitos de sua população, para se apropriar de suas mudanças e, ao mesmo tempo, incentivar ainda mais seu crescimento e modernização.

Tomamos conhecimento desses seus pequenos vícios, abrindo as revistas e seguindo os caminhos que os cronistas nos apresentam. Os cronistas, os literatos e jornalistas faziam suas viagens, seus roteiros e, aos poucos, construía a imagem da cidade desejada, do progresso do futuro.

São imagens um tanto longínquas, dos idos do início do século, traçadas "ao correr da penna" desses escritores. São "impressões", que ficam registradas nas crônicas daquela "urbs viciosa".

Anexo I

Anexo Iconográfico*

* Fotos do acervo da Casa da Memória. Fundação Cultural de Curitiba.



Prof. Dario Vellozo



Prefeitura:—Filha, toma este capote para occultar os teus farrapos... porque ahi vem s. ex. o Tico-tico: quero dizer, s. ex. o dr. presidente da Republica.

O Olho da Rua, 03/04/1909

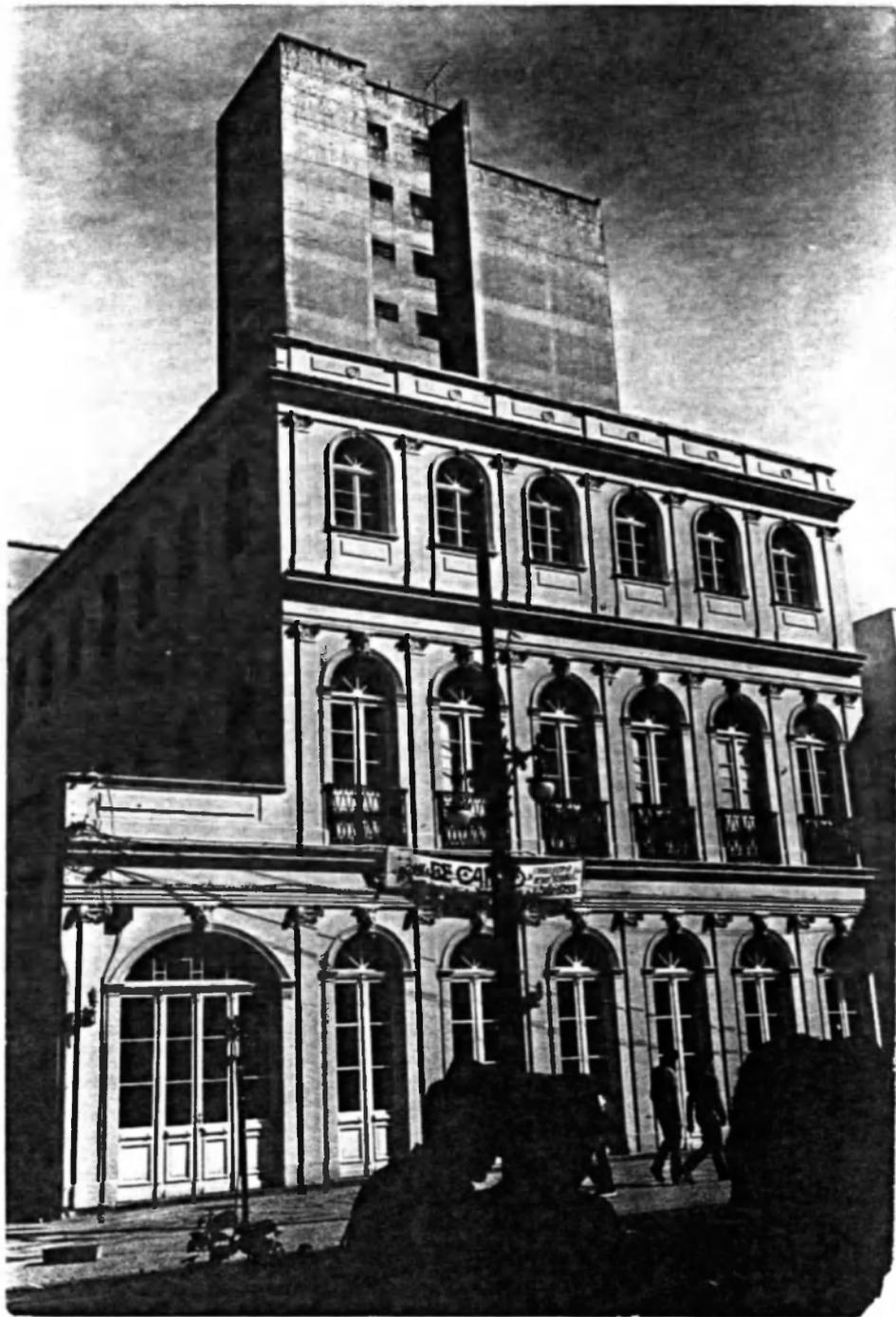


Prédio da Associação Comercial

R. XV de Novembro com R. Pres. Faria



Ginásio Paranaense - 1916



R. Barão do Rio Branco
Hotel Jonsher - Antigo Hotel Paris.

Anexo II

Seleção de crônicas publicadas em Curitiba no início do século.*

* Optamos por utilizar o sinal (?) onde encontramos palavra não legível, ou frase, ou ainda palavra que deixava dúvidas na leitura.

Chronica da Rua*

Certo a nota mais sensacional da quinzena foi o ataque dos nossos perfidos vizinhos catharinenses, à nossa soberania.

Cada dia mais cresce o arrojo dos que nos querem expoliar, confiante, talvez no valor politico do sr. Lauro Müller e na posição mesquinha da representação paranaense nas camaras federaes.

E os animos vão se exaltando e essa malfadada questão vae se tornando até uma ameaça à paz interna da Republica.

Porque a cousa, do geito que marcha, ainda pode levar os dous Estados a recontros sanguinolentos, pois nós paranaenses, comquanto tenhamos sido excessivamente pacientes até aqui, poderemos de um momento para outro não estar dispostos a receber insolentes desaforos com a mesma tranquillidade, unicamente confiados na força do direito que nos assiste.

O Supremo Tribunal também tem a sua responsabilidade e culpa do que se passa.

Elle, protellando indefinidamente a solução da pendencia, está dando logar à repetição constante de assaltos canalias aos nossos brios.

O Tribunal está assim com ares de um sujeito que ainda tem consciência, mas que pensa em praticar uma injustiça. Dahi o vacillar e o prolongar uma situação deveras intolerável.

Mas descancem os catharinenses! o povo paranaense, descendente dos heroicos bandeirantes paulistas, conserva algo da independência e da bravura dos seus antepassados e no momento preciso saberá fazer valer toda justiça da sua causa e fará do direito uma realidade.

O bolo não será comido sem mais aquella.

O bocado é grande demais.

* O Olho da Rua. 15 de setembro de 1909.

Chronica da Rua*

Em Coritiba, como em todos os centros adiantados, existem duas classes antagonicas que se não querem ver pintados: a classe dos artistas e a dos burgueses. Estes dois elementos, embora desiguaes em expressão numerica, se guerreiam surdamente procurando, um, esmagar o outro. Mas como nem sempre é o numero que faz a força, o miseravel do burguez, acaba por apanhar como um perro magro. E, visto ter a lingua comprida e a vista curta, grita e esbraveja no mesmo logar, ao passo que o artista, depois de dar-lhe uns safanões, vae sonhar pela infinita altura...

Enquanto o artista carambola pelos astros, em busca de tintas novas, o burguez, na sua ingenuidade de creança grande, se escarpacha em cima dos saccos de assucar em busca da doçura ideal do aroma. É mais pratico e menos arrojado. E de mais a mais o burguez não pode se elevar, o seo espirito, feito de piche e alcatrão, gruda em qualquer parte, enchendo-se de moscas e teias de aranha.

O artista esboça, veste, perolisa a imagem; o burguez endireita, costura, marca o fardo, porque a sua razão não pode conceber mais do que a imagem do fardo...

E na vida, com toda a sua excentricidade, é adorável. Pois o individuo, quando menos espera, está entrincheirado num envolucro de banha. E a sua unica preocupação é que a gaveta se encha o cerebro se esvasia.

Velar o cobre é melhor do que velar sonhos...

Centenas de burguezes perambulam pelas nossas ruas, mas o typo mais perfeito desses pandegos é um perna torta que mora alli, à praça Tiradentes. Aquelle, sim, tem todas as qualidades de burguez chato. E por isso será immortalisado em

* O Olho da Rua. 22 de julho de 1911.

estatua de rapadura, tendo por pedestal volumosa monta de toucinho.

E viva o burguez!

* * *

Parece-nos a nós que Coritiba, agora, sacode aos poucos a apathia que lhe ia victimando para manchar (sic) ao lado das capitaes que avançam. Não falamos, é claro, em these, porque cousas se observam nesta cidade que nos fazem retrogradar para os nebulosos tempos de antanho. Para exemplo temos ahi esses calhambeques tirados por burrinhos magros, as ruas immundamente enlameadas, onde o viandante, principalmente quando é burguez, se atola deixando apparecer apenas as orelhas.

O que nos faz experimentar promissoras sensações de progresso é o caminho que a architectura em Corytiba, vae trilhar. Esta cidade, calçando sapatos e sendo rendilhada por casas feitas com arte, será uma cidade ideal.

A Associação Commercial, nucleo de homens progressistas, já deo o grito de alarme, começando as obras do seo predio, predio de bellezas architectonicas e de conforto, o qual honrará sobremaneira a nossa capital.

Não seria máo, pois, si os nossos constructores fossem se abeberar na architectura desse predio, dotando Coritiba de casas elegantes, solidas, porque os que se tem construido até agora, são verdadeiros pardieiros sem gosto, sem arte, sem nada afim. Ha aqui casos que, apesar de novos, estão clamando pela demolição, ao lado de outros que estão demolindo por si mesmos...

Não sejamos originaes mas ao menos acompanhemos a evolução e Coritiba dentro em pouco assignalará a sua victoria na senda do progresso.

Imitemos a Associação Commercial.

Stelio

Na esquina*

"D'aqui eu vejo a rua toda. Para qualquer lado que oihe, semicerrando as palpebras de myope, descortino os renques polychromos da casaria que se vae em funil, esfuminhando-se... nos extremos, bem longe, as casas tornadas anãs pela perspectiva, dão-me a idéa esdruxula de que a rua termina por uma serie de pombaes...

Aqui é o meu ponto favorito; é como se estivesse na platéa de um grande theatro, attento para o palco onde se desenrolassem, tragicas e terriveis as scenas palpitantes de um drama real. A rua é um tablado e quem ficar para ahi, acantado ao desvão de um palacete ha de assistir lances multiformes, imprevistos, terrificantes, buffos; ha de apanhar no ar trechos de ineffaveis dialogos de amor, imprecações brutaes de carrejões, lamurias de mendigos, risadas e blasphemias; ha de auscultar emfim, esse organismo que estua, vibra, e é alegre e triste, faustoso e miserável, cheio de sol e cheio de lama.

Eu amo a luz, mas como Villiers de l'Isle-Adam, à noite, ou a fluidez do luar se derrame como um chuveiro lactescente de petalas de magnolia, ou a treva se adense numa consistencia retinta de pês. No silencio fatidico das horas mortas, quando as patrulhas resonam nas soleiras e os dons juans noctambulos escalam janellas, gosto de vagar a esmo, contemplando as frontarias fechadas: vem-me, como a l'Isle-Adam a tresloucada idéa de que tudo me pertence, os sobrados, e as arvores, as sargetas e as estrellas...

Detesto, porem, as viellas de pardieiros acaçapados, as ruas d'amargura da pobreza; não pelo receio de um punhal re-

* O Olho da Rua. 13 de abril de 1907.

brilhando na sombra que a miseria esmola não assalta, mas porque ahi o pensamento se abaixa, nivelando-se ao rez do chão. Os edificios, observou perfeitamente Stanislas de Guaita, deveriam ser elevados: obrigariam os transeuntes a erguer a cabeça e com ella as aspirações. Muito bem. Os gregos foram inegalaveis porque estavam habituados a olhar para o alto, para a folha de acantho dos capiteis corinthios. O pensamento precisa de gymnastica, precisa que se lhe ensine a voar, não é como a aguia que desde os primeiros sustos flecha o infinito.

Muitas vezes, horas perdidas da noite, eu reflecto assim, recostado à esquina. A rua dorme; a vida recolheu-se aos bastidores, mas a tragi-comedia humana continua na vigilia da camera de enfermos, nas alcovas onde a febre desvaria; prossegue portas a dentro, enquanto cá fóra, no céu, as estrelas desmaiam...

Helio

Do terraço do "Olho".*

Subimos, eu e o Manuel para o terraço do "Olho". Deitamos olhares para a rua 15. A grande arteria estava cheia de gente à hora da tarde de um domingo.

Movimento espantoso, lindos ragazzos com rosas vermelhas nas faces; cavalheiros com sobretudos quentes; mocinhas de water-proofs, gente, gente em penca. (?)

Um bondinho, triste fossil que se rola gemendo soturnamente por sobre trilhos enferrujados, um desses miserandos representantes de uma Coritiba que já morreu, passava.

Apesar do vagar com que descia a rua 15, um velho desgraçado não lhe poude livrar das rodas fataes que lhe cortaram as pernas. A rua estremeceu: estremeceu de pavor o povo todo. Em cima do terraço do "Olho", nos chegou o frisson que sacudiu os populares. E o Manuel, então, olhos quasi fora das órbitas, arrepiado teve, fremente, sonora, echoando longe, esta phrase immortal, que o vulgo já immortalizou repetindo-a a todo o instante:

- Não ha de ser nada, meu velho!

O momento era tragico mas ri, ri da grande phrase do Manuel!

Sim havia de não ser nada, quando o infeliz do velho estava semi-morto, sem pernas, perdido para sempre!

Zé Pestana.

[sem título]*

"Por uma destas nevoentas manhãs de junho, em que o céu e a terra entram a combinar tons melancolicos de paysagens escocezas, a esquina minha favorita se me afigurou triste e desolada...

Um ventosinho fino punha em vermelhão de máscara o nariz de toda a gente.

Passava um bond repleto e com as grossas cortinas arriadas. Num esforço titanico os pobres burricos, o dorso recurvo e as pernas retezadas, subiam, debaixo de imprecações do cocheiro, a ladeira do Grande Hotel.

E como todas as filosofias só cogitam do mal que se possa fazer aos semelhantes, eu que me julgo de outra especie, não hesitei em aumentar a carga aos quadrupedes.

Acantoado ao fundo, passei a inspeccionar o meio ambiente saturado de skine e baforadas de cachimbo.

Junto de mim uma velha palradeira dizia muitas coisas engraçadas e talvez uteis de que eu não percebia patavina por ser em allemão. Ouvia-a com carinho um senhor barbado e sizudo: a expressão ruiva e fria de germano.

Alguns typos burgueses, palito ao canto da bocca e chateleine cravejado de brilhantes, discutiam sobre o pinho paranaense, a estrada da Rocinha, companhias de seguro...

Um grupoh de rapazes elegantemente enforcados em meio palmo de collarinho falavam em coiós:

_ Que tal o baile?

_ Esplendido, a gurya lá estava e quasi chorou quando a festa se acabou-se.

Nisto se ouviu um sonido de campainha rachada; o bond parou e uma senhorita muito galante, cheirando a bom tom, avançou para o vehiculo democrata, a passos miudinhos de juryty...

* O Olho da Rua. 22 de junho de 1907.

Houve um reboleço entre os rapazes, ciosos em ceder o lugar à pequena. Voaram dos assentos como um bando de pardaes sorprendidos nas moutas de capim.

E ella, na soberana altivez de mulher que se julga muito linda lançou-lhes um olhar semi-cerrado de indulgencia pretenciosa limitando seu agradecimento com este gentil solecismo: muito obrigado.

O microcosmo rodante completara-se com a chegada de um preto que trazia encardido violão debaixo do braço. Viam-se ali todos os contrastes, requintando a variedade do matiz: desde a pelle retinta do homem da lyra - o escravo de ontem - até a epiderme eburnea e aristocratica da sinhara.

A' cartola lustrosa do rico oppunha-se o chpéo anarchisado do negro, numa vasta convicção dos Direitos do Homem.

Este conjunto de elementos heterogeneos, reunidos sob a mesma toldada de um bonde e estabelecendo o equilibrio das sociedades actuaes, depertou-me ideas bizarras.

Eu via naquellas mãos fidalgas de menina, ao doce aconchego das pellicas brancas, o nivor imperial das mãos de Irene, surgindo das espumas orientaes do Bosphoro.

Á certa distancia, e sem poder vencel-la o poder carolingio, representado na burguezia moderna. Os rapazes que se levantaram á sua chegada: a mocidade medieval; bellos no physico e curtos de espirito.

Só faltava um personagem que celebrasse em canções de giestas e romances os primores da forma, os encantos da mulher.

Achei logo: seria o negro. E porque não? A poesia é tão nobre à luz dos candelabros do castello, como debaixo da esteira flava da via-lactea. Sim o negro, que ali estava absor-to, em sua phantasia de trovador, idealizando talvez naquella manhã de nevoas as balladas pastoris que se ouvem nas planuras verdes, fechando um trecho de paysagem escoceza...."

Helio

Diversões*

Summula - Associações - As corridas do Champion - Os bondes do Colle - Coliseo e Eden - Imposto - O Zé.

A nossa Coritiba vae já se tornando uma cidade bem divertida. Coritiba brinca! Coritiba folga!

Alem dos tres cynematographos permanentes com os seus deliciosos parques, temos por ahi sociedades de tiro, clubs de gymnastica, innumerous clubs recreativos e literarios, sociedades theatraes, um Jockey Club, um Champion Club, etc,.

No transcórre da quinzena que expira foi o Champion que melhor diversão nos proporcionou realizando na pista do Jockey Club, magnificas corridas de bicycletas.

Entre as varias turmas que disputaram premios tivemos uma de corrida a pé, uma de perde ganha, uma de motocycleta e o grande campeonato.

Esta despertou grande interesse pois os quatro contendores que a compunham eram quatro cyclistas reconhecidamente valentes e o provaram percorrendo quasi juntos a distancia de 15 mil metros em 33 minutos.

A corrida de motocycletas também chamou a atenção, pois que era precedida de desafio da parte do Sr. Stammer que por castigo apenas pode conquistar as honras de bagageiro emerito.

Nada menos de tres mil metros foi a differença com que chegou atraz do vencedor. O Sr. Stammer não correu: patinhou.

Mas o que esteve melhor foi a corrida dos bonds na volta do Prado. Apinhados de passageiros se puzeram em marcha... Nem dez metros de percurso e o que vinha na frente puxando a fieira, *bufe*, fóra dos trilhos. Volta ao lugar, os burrinhos puxam e... *bufe*, outra vez fóra da linha. Levantam-se protestos, reclamações, algazarra infernal... Nova arrumação, novo descarrilamento.

Novos protestos, nove berreiro e no meio de tudo isto o Colle, pachorrento, com os olhos impassiveis, procurando ajudar o bonde.

Mas qual, a carangueijola está estragada e quer por

* O Olho da Rua. 15 de abril de 1908.

força andar sem ser pelos trilhos. O bonde quer a sua liberdade, quer andar por onde bem entender...

O Colle danna, os passageiros gritam, os burros se movem e o bonde dá pinotes...

E assim levamos mais de uma hora para chegar á cidade; e chegamos convencidos de que alem das associações sem conta que offerecem aos seus membros os meios de bem rir e bem folgar, temos uma empreza de bondes que nos diverte immenso quando nos deixa com o physico intacto...

_ O Colyseu e o Eden em varias noites da quinzena abriram ao publico os seus apreciados parques. Os cynematographos funcionaram apresentando excelentes vistas quasi sempre novas.

Decididamente os dois magnificos logradouros são agora os pontos predilectos da população coritibana e é por essa razão talvez que o Estado desenterrando uma lei qualquer pretende fazel-os fechar, cobrando um imposto exorbitante.

O Estado que para outras cousas tem as mãos abertas; o Estado que manda crear rios para depois dar as pontes a afilhados; o Estado que por verbas secretas ou não secretas dá grossas gratificações a empregados bonitos; o Estado que mantém na policia um inutil e numeroso corpo de secretas; o Estado que dá 25\$000 para uma companhia lyrica não pode ver com bons olhos que o povo se divirta. Se o povo se diverte é que está satisfeito. _ O patife não foi feito para andar alegre. Elle é o burro de carga e só serve para trabalhar e pagar imposto. Ah! O malandro vae ao Coliseo? Esse tratante vae ao Eden?

Pois pague mais imposto. È esta a logica.

E demais 25\$000 por noite de função não é muito. As entradas são de 500 e 200 reis...

E o thesouro precisa, está magro, está vasio e tem de pagar um mez ainda aos srs. congressistas, coitadinhos...

Pague o Colliseo, pague o Eden, paguem os dois e se não quizerem pagar fiquem fechadinhos da silva, que burro é o boi.

Flavio

Os pés descalços* ...

"A crítica ferrenha dos nossos felicitadores tem atacado a nossa capital pelos pés...

É um novo systema de critica, mas é de affeito (sic). Até aqui quando se procurava falar de uma cidade, do seu aspecto, da sua belleza, do seu desenvolvimento material, buscava-se a philosophia e a arte para dizer das coisas de modo parcial (?), mas com (?) aos melhoramentos feitos ou a fazer.

Agora não, tratando-se de uma cidade como Coritiba, nova e linda, nada se diz dos seus olhos, dos seus contornos, dos seus gestos, das suas bellezas plasticas; nada se fala do seu conjuncto, mas unicamente dos seus sapatos, dos seus pés na lama, do seu descuido, emfim, de limpeza nas extremidades interiores.

Chegaram os congressistas geografhos, chegaram e olharam logo para os pés da moça, da linda Coritiba, e sem que se impressionassem por essas maravilhosas arteriãs que cortam o organismo, foram logo atrahidos pelos sapatos immundos da cidade flor.

E o "Diario" pela bocca do Dr. Mindello, chamou contra a miséria desse desleixo. É o proprio Dr. Moreira Guimarães, que quando aqui esteve disse que tudo isto era lindo como os olhos de uma sulamita, o proprio adorador das gueichas, que em geral andam tambem descalço, mandou dizer para S. Paulo, que os pés da capital paranaense são horrendamente sujos.

Ora, uma manifestação assim tão unanime e tão brutal pela sua verdade, deve impressionar o sr. Prefeito Municipal, levando-o a contratar engraxates para limpar a sapataria da terra moça, para que assim não se pareça mais com uma pastora como essa de que nos fala em uma lenda o velho Herculano."

* O Paraná. 20 de outubro de 1911.

O calçamento (história para crianças).*

Uma vez, numa cidade, havia um homem muito barbudo, que se parecia com barba azul, tinha a cara redonda e vermelha e se chamava Laveleye.

Este homem tinha vindo de longe... para fazer o calçamento de uma cidade, onde havia tanta lama que o povo quase nem podia andar.

Então Laveleye pediu para um velho que tinha um enorme bigode branco e preto e que mandava na cidade, para elle cobrar 40 tostões de cada morador por cada metro de calçada que fizesse em frente da sua casa. O bobo do bigodudo quiz e elle, então, foi para longe e disse que ia buscar dinheiro.

Quando voltou, em vez de dinheiro, trouxe um outro homem meio capenga que só dizia "oui monsieur" e gostava que toda a cidade tivesse ruas nos cantos das praças e calçadas bonitas.

O capenga conversou muito e disse muitas coisas... e então Laveleye que já tinha mandado fazer uma casa de taboa no meio de uma praça, e um grande buraco numa rua que ia dar num quartel, chegou para o bigodudo e dice: monsieur barbé, je não pode fazer o calçamento porque não tem l'argent e eu precise antes dinheirô.

O bigodudo foi e contou isto pra um homem chamado Tobia.

Tobia foi e contou tudo pra uns homens que diceram: "arre que este barbudo é um comilão de dinheiro!"

Depois o barbudo deu muitos banquetes e o calçamento não se fez...

Zé Careta.

* *O Velho não quer.* n. 1, 1911.

O Jardim Publico*

O culto à flor e à arvore é a manifestação mais eloquente d'uma cultura germinada ao calor da grande civilização moderna.

Amar a floresta é divinizar a Natureza elevando-nos ao nivel da creatura superior que considera no vegetal um ser sensível a muitas das emoções humanas e por isso idolatra-o como a um semelhante a quem não se deve negar o affecto fraternal que solidarisa os homens.

Não ha cidade civilisada onde não exista entranhado o amor à floresta, o culto à arvore, e d'ahi a extranhesa com que o recém-aportado (?) à Curityba, depois de certificar-se do nosso adiantamento material à vista da arte architectural que se nota nas construções, vê o abandono em que vegeta o Passeio Publico.

Difficilmente pôde o visitante conceber que aqui onde tão visivelmente divorciado do sentimento artistico o sentimento de carinho ao jardim que é também um das mais bellas manifestações de arte d'um povo.

É lastimavel, pois, que a esse respeito vemos por aqui, onde uma população abandonando o mais lindo dos nossos logradouros -Passeio Publico - que si outra cousa não tivesse a recommendal-o teria ainda o nome do estadista Dannay que o delineou e fel-o surgir como encantada maravilha do paul infecto, vai aos domingos se encurralar na area apertada d'um

* O Paraná. 10 de julho de 1910.

quintal ensaibrado, esperar a noite para assistir ao cynematographo!

Já é falta de gosto, sinão um crime merecedor de anathema.

Enquanto isso, é o bello parque invadido pelo matto, a dar um attestado pouco favorável aos nossos fóros de cultura.

As Praças*

Não queremos accusar a prefeitura municipal, mas não é fora de razão appellarmos para o patriotismo do sr. coronel Joaquim Macedo para que as praças da nossa capital sejam cuidadas com outro carinho, que não o actual.

Quando prefeito municipal o sr. coronel Luiz Xavier, foi um dos seus maiores cuidados o embellezamento das praças, sendo nesse tempo reformada a Praça Tiradentes, embellezada a Praça Osorio, arborizada a Avenida Luiz Xavier e nivelada a Carlos Gomes. Esses uteis melhoramentos influíram de modo notavel em nosso progresso material, estimulando modernas construcções de grandes predios, assim como tambem animando a vida social pela concorrência de passeiantes que esses pontos de recreio attrahiram.

Uma praça, a mais bella de todas, foi esquecida e continua sem o menor cuidado, servindo apenas para agglomeração de animaes, a ànoite, para as reuniões illicitas de vagabundos que se sentem bem nas trévas daquelle deserto.

Referimo-nos a Praça Santos Andrade, ali no fim da rua 15 de Novembro, a uma quadra distante do ponto mais movimentado da nossa capital.

Os que não vão ali defecar, sob a negrura da noite, levam o lixo, toda a immundicie que encontram para depositar nos valos. Quem por ali passa, vê-se obrigado a tapar o nariz para evitar que o estomago se revolte. E à noite é o rendez-vous dos vagabundos, dos larapios, dos malfeitores.

Entretanto, pouco serviço daria à muncipalidade o aformoseamento da grande praça.

O sr. coronel Macedo, que ainda não marcou um padrão que servisse de gloria á sua passagem pela adminstração municipal, poderia muito bem encontrar ali o logar para a estatua em sua honra si transformasse o escoadouro das podridões moraes e phisicas em um formoso jardim encantado.

* O Paraná. 01 de setembro de 1911.

"Chronica".*

Um dos inventos que mais avassallam o mundo actual é, sem dúvida, o cinematographo.

Com elle vieram tambem novos hábitos e novas sensações.

Antes d'elle, costumava-se aos domingos, em Coritiba, dar um passeio pela Praça Tiradentes, onde os acordes de uma banda marcial deleitavam o povo que para lá affluia num desejo pronunciado de não perder a unica diversão que se lhe proporcionava. Sacrificava-se Chopin, punia-se Wagner, maltratava-se Puccini e o povo gargalhava divertido sem se compadecer ao menos dos martyres que ali soffriam!

Hoje, porem, a nossa sociedade mais civilisada, mais raffinée, acode aos clamores dos tympanos impertinentes, devora os mil e um cartazes que por ahi espalham, e, num vae e vem continuado, corre a viasacra dos music-halls, á cata de novas sensações, em busca do Did farfalhante ou á procura dos lances dramáticos de Byographe.

É o cinematographo que diverte, illustra, e, ás vezes, deprava.

Mas ao que pretendo chegar é unicamente a um hábito de expressão que elle nos trouxe para o idioma.

É a palavra - Fita.

Fita é uma nesga regular que se imprime o positivo das imagens apanhadas, e que na vertigem indomavel com que corre, deixa passar um feixe divergente de luz que se vae estampar na tela, onde reproduz as scenas de antemão preparadas.

Fita, corruptela de significação, é a scenographia social que a cada momento presenciamos ao ar livre ou no recinto dos salões, e em virtude da qual um individuo procura chamar para si a attenção dos circinstantes, na ingenua supposição de que augmenta o seu renome.

Um discurso cuja unica razão de ser proferido é a vontade que tem o orador de mostrar que sabe discursar; um grito de applauso em publico a uma pessoa de merecimento, mas que parte inconscientemente dos labios porque a pessoa que o proferir não comprehende; a renuncia, aparentemente stoica, de todos os direitos; a leitura de um jornal, ostensivamente aberto, num camarote de theatro; pence-nez sobre as vistas perfeitas; tratamento intimo a um vulto de destaque e em presença de um terceiro; tudo isso, caro leitor é o que modernamente nos chamamos - fita.

Todas ellas, como as do Gomon, são preparadas para produzir effeito scenico!

Nós, que da profissão fazemos um sacerdocio, procuraremos exhibir, sem explorar, as fitas mais frisantes dos Pathécocos que por ahi andam num fervoroso anhelos de crescer e apparecer, sem terem todavia as condições imprescindiveis para tão elevado desideratum.

E elles que continuem a promover comedias que nós faremos Pathés, Cines, Ambrosios, Vitagraphes e Gomons.

Hilario Gaspar.

Depois das 6 horas*

Ao J. Cayobá

Ao galhardo entardecer de um dia de sol, ao crepusculo bohemio, recebi por intermedio do mensageiro sorridente da empresa Brasil e Silva, a seguinte missiva:

"Eugenio amigo:

Longo e saudoso abraço.

Conforme combinamos espero-te hoje, sem falta, no meu gabinete, para darmos um passeio pela cidade nocturna a essa hora que você tanto aprecia e eu bendigo.

Juntos então como Castor e Pollux, percorreremos as ruas sob a claridade dos astros, que nessa hora bordam o céu azulado, e ao silencio impressionante das horas mortas, contemplaremos o sublime espetaculo da noite envolta no manto argenteo do luar.

Assim pois, conto com tua pessoa, para mim insubstituivel, porque sempre apreciei os homens exquisitos"

Do teu I.

Ao acabar de ler esta missiva, um sentimento de franca alegria, que vae desde o banal ao tragico, apoderou-se de mim.

Mas quanto mais impacientava-me o tempo parecia augmentar, tornando-se insuportavel. Houve até uma ocasião em que julguei que o meu relógio tinha parado, mas não, elle, o meu amigo velho, ainda não caducava.

Quando o ponteiro marcou 8 horas, deixei a minha casa, pensando no doce convite com que o Poeta, meu amigo, me havia brindado.

* O Paraná. 12 de agosto de 1911.

A noite tombara lentamente, envolvendo a cidade no seu manto escuro, enquanto os negocios fechavam as suas portas e os pardieiros lançavam para as vielas a canalha malandra.

Na rua Quinze, a lampadas accesas e as vitrines illuminadas, o povo num vae e vem continuo, os bondes a carregar e descarregar passageiros, a algazarra dos garotos dos jornaes, os vendedores de pasteis e sorvetes, os cafés e cinematografos, davam uma idéa de que Coritiba se limitasse somente à rua Quinze, rua da luz e da chalaça, onde passa de dia o burquez, a menina bonita, a normalista faceira, a costureira sympathica, o politico incomprehensivel, o militar cheio de basofia, o estudante risonho e de noite o mendigo, o gatuno ordinario também por ella anda repetindo por entre vaporadas de fumo e escarros de cachaça: Igualdade e Fraternidade.

Nas outras vias urbanas o numero de transeuntes era insignificante e os focos electricos suspensos em postes, davam a ideia de um grande rosario luminoso.

Às 11 horas da noite, fiel as solicitações do meu amigo Poeta, encontrava-me com elle percorrendo a cidade.

E nessa hora em que a burguezia ridicula dormia atormentada em pensar no dia de amanhã, causticada pelos pesadellos terriveis e hediondos; nessa hora em que o pensamento da casta virgem voa pelo paiz do sonho, e nos pequenos berços as criancinhas repousam tranquilamente; nos perambulavamos em doce confabulação sob a noite estrellada de Agosto, noite de poesia e saudades onde o gemido fraco e doente perde-se pelas vielas lobregas, e o passo apressado do transeunte retardado echoa tetricamente pelas calçadas humidas de sereno.

A cerulea amplidão do infinito a claridade da lua, semelhante a um gigantesco pharol, alastrava-se pelo espaço bordado de myriades de estrelas n'uma apotheose phantastica e extraordinaria.

Eugenio Vidal

O Hotel*

- Isto vae em progresso, dizia-me o Moraes, referindo-se a Coritiba, no momento em que, transpondo os humbraes do Paris, via duas formas brancas e fugidias de mulher se escoarem como dois duendes por um longo e escuro corredor.

- Vae em progresso, não vês? Quem diria que esta pacata capital de ha dez annos atraz, sem cinemas, sem tavolagens doiradas e sem hoteis, havia de chegar dentro em pouco a esta perfeição...

- Perfeição? - atalhei, curioso d'uma definição cabal do conceito um tanto ambiguo.

- Pois não vês este hotel, branco pombal onde as loiras chanteuses arrulam á meia luz discreta dos boudoirs trescalantes do perfume estonteador do Houbigant e das pomadas? Pois são estas divas, José amigo, as pombas mensageiras da civilização e ... do vício. Lá está na sacada a Josette, com as faces carminadas e os profundos olhos azues mirando o horizonte longinquo e a recordar talvez as costas penhascosas da França ou a bohemia doirée de Montmartre. E a Emile, Jeanne, a morena filha da Cotte d'Azur, a Lia, outra endiabrada filha do boulevard todas ellas, caro amigo, para cá vieram como as andorinhas trazendo nas retinas azues ou negras as visões maravilhosas desses paizes de alem-mar onde o amor tem a existencia exotiica das plantas de estufa e por isso emigra nas aligeras azas que o transporta ás calidas regiões tropicaes do Brazil. Aqui ellas vivem nostalgicas, decerto, mas desenvoltas ás ardentes caricias meridionaes... Anda cà, vem contemplal-as de perto, meu ingenuo!

A este convite decisivo do delicioso Moraes não havia que resistir, e abancando-nos à uma mesa gritamos ao garçon meninote em cujo olhar vivo se lia uma chronica inteira de canalhices galantes, desenroladas n'aquelle ambiente estonteante: Uma cerveja rapaz, rapaz!

- Que marca? - Inquierio o garoto sorridente - quantos copos?

* O Paraná. 20 de fevereiro de 1911.

- Dois, berrou o Moraes indignado, aqui ha só duas pessoas.

E o garçon trouxe a cerveja e a moeda tilintou na mesa em companhia da gorgeta que o devia resolver a contar-nos algo sobre a vida quasi mysteriosa d'aquellas sylphides brancas que como as "niebellungen" das baladas germanicas desciam as escadas, perambulavam nos corredores, desapareciam nos cantos sombrios, arrastando seus amplos robes, risonhas algumas, melancholicas outras, mas todas com a flexibilidade de Salomé e o perfil delicado que é o das peccadoras continuamente ciliciadas pelo espartilho, masceradas pela Moda.

- Ó Miguel, que pessoal tens ahi, hein? Dão-te muito trabalho decerto...

- Sim senhor, muito trabalho. É um pessoal damnado este do Minhão - respondeu o Miguel.

- Diz-nos então quanto é que ellas pagam!

- A diaria aqui é 10\$000 sem os extraordinarios, cobrado todos os sabados.

- E ellas pagam, não relutam!

- Como hão de relutar, seu Moraes, si ellas sabem que si não pagarem têm o olho da rua e o confisco da bagagem!? As que tem 'contracto levam uma existencia sem apprehensões, satisfazem a diaria e os extraordinarios sem grande esforço, mas as outras, com que sacrificio...

Ouvindo as palavras do graçon íamos mentalmente architectando, recompondo um desses romances communs á vida dos cantores, historia que nada tem de novella jocosa senão as fugazes scintillações d'uma alegria forçada porque é a alegria dos beijos e dos sorrisos a preço; a historia de todas as mercadoras do Amor que passam pela vida a cantar como as cigarras até o final estoiro n'um leito de hospital. É o riso não raro embargado pela lágrima prestes enchugada para não annuiar o semblante que deve apparecer risonho para valorisar o beijo e outras caricias correlactas. É esse o reverso sombrio do jornadaear da chanteuse por este valle de lagrimas: e o verso da medalha é a apothese offuscante do palco entre os applausos, os bouquets e as joias dos admiradores, as sensações em torno ao panno verde, as ruidosas ceiatas à cham-

pagne e as caricias adoraveis d'um amante du ceoeur contrapessando as lascivias repellentes do marchand avelhantado.

Mas estas cogitações foram cortadas pelas increpações brutaes d'uma bulha na sala contigua. Era uma dellas, a lançar em rosto ao amante accusações duras, e á voz quase timida do homem a desculpar-se em phrases brandas, lastimando despropositos com a outra, a ciumenta oppunha termos cruéis respigados nos vocabularios equivococos, toda a technologia do bordel à arranhar o tympano auditivo dos poucos affeitos àquelle ambiente.

- Como são enganadoras as apparencias, proferi sentenciosamente - quem diria jorrar de tão encantadora bocca as sordícias proprias de um cano de esgoto.

- E não é tudo ainda - disse o Moraes - olha aquella boneca retocada a cold-cream, vê que lindos olhos tentadores e si algum esculptor grego fez cousa mais perfectta... repara na plastica estonteadora, no ouro quase fluido dos cabellos, nos dentes que são perolas, repara, vê que semelhança com um dos cherubins de Raphael. Dir-se-ia que d'aquella bocca só podiam se evolar cousas angelicas e que taes olhos seriam fadados para as contemplações beatificas do céu. Que decepção ao ouvir-se o que acabamos de ouvir... pois fica sabendo que o corpo angelico destas mulheres cosmopolitas é simplesmente objeto de commercio, rolando como fardo de vapor em vapor, de wagon em wagon, de hotel em hotel com passagem forçada pelas alfandegas. É a flor da voluptuosidade a passear como nos jardins exoticos de bordo, através de todos os climas espalhando o odor inebriante e lethal da volupia.

São ellas as sacerdotisas do vicio e as mensageiras - para que não dizer - de costumes que, embora abomináveis aos olhos pudicos d'uma sociedade patriarchal, vinculam-se às grandes civilizações jamias comprehendidas sem os grandes vicios...

- Tiras d'ahi a conclusão, atalhei de ser o hotel o batedor d'uma cultura que jamais pode se apresentar exclusivamente sob o véo impenetravel de Vestal!?

- Que dúvida, José; hoje não se comprehende uma cidade moderna, uma urbs smartisada sem estes templos do Peccado. O

"Paris" começa a ser para Coritiba o que para todas as enormes colmeias humanas são os hotéis, com raras excepções: altares dessas divindades que a Santa Igreja vê amarguradamente dominarem; as sete divindades, os sete peccados mortaes desde a gula ate a luxuria, tudo quanto de divino ou de infame póde abrigar o ventre gargantuaesco d'um hotel especie de theatro por cujo tablado desfilam as alegrias, as miserias e as devassidões de todas as raças. Eis ahi o que é um hotel nas suas pompas de Sardanapolo ou nas immundicies de estalagem de quarta classe.

E sahimos. Era noite a rua ainda immergia d'um oceano de luz a tornar mais alvo o caio dos edificios silenciosos, ao pé dos quaes o Paris ardia por todas as janellas projectando fóra o reverbero dos fócios electricos como os cem olhos vigilantes d'um monstro fabulistico. Do interior vinham rumores d'uma cejata alegre a perturbar o silencio da noite e abafando talvez soluços dessas fulgurantes comparsas da grande odysseia da Miseria humana.

J. Cayobá

Os estroinas da meia-noite*

Noite luminosa. Do céu azul e límpido, rendilhado de estrellas, a lua derrama sobre a urbe a sua claridade prateada. De momento a momento passam pela Rua da Liberdade transeuntes retardados enquanto no "Paris" um grupo de rapazes dados á litteratura, conversam animadamente no reservado, ao redor de uma mesa sobre a qual veem-se calices, copos e garrafas. Um do grupo folgazão inquire com voz roufenha:

- Marrasquino ou absintho?

- Nada disso; sou pelo chantreuse, respondeu um rapaz de faces encovadas e olhares dardejantes, que apos esgotar quatro calices do liquido que preferio, disse: "Foi por um dia nostalgico do mez de junho (oh!diabo, esta mania de ser poeta...) que briguei com a Luiza, essa tolinha que me bateu a janella sem que para isso houvesse motivo. É o mesmo."

- Como é o mesmo? retorquiram.

- Sim, é o mesmo porque agora vou namoral-a de trahição, isto é, sem que ella o saiba.

Umã gargalhada alegre explodio dos labios dos bebedores bohemios e litteratos.

Houve uma gritaria diabolica. Os copos enchem-se e esvasiam-se continuamente batendo apos sobre a mesa cuja toalha apresenta manchas de vinho e de molho de carne.

Eu prestei a maxima atenção.

Um ruido insurdecador cessa: um rapagão que havia bebido de mais, recita:

"Afogo a minha dor n'um copo cheio
De puro marrasquino ou de absintho,
E ponho-me a dizer o que não sinto,
Na febre do delirio em que me enleio.

E Quando dentro d'alma presinto

* O Paraná. 27 de março de 1911.

Agonizar a luz do meu enleio,
 Eu bebo ainda mais, bebo, não minto,
 Para aclamar a chama do meu seio.

Pois só bebendo muito é que consigo,
 Adormecer no peito o coração
 O meu maior e dedicado amigo.

Depois, já sem razão, às gargalhadas,
 Lá vou bater de encontro a um lampeão,
 Tombando na sargeta das calçadas..."

O relógio bate compassadamente as 12 horas.

O bando que achava-se dominado pela bebida dispersa-se
 Sahi. Na rua a claridade da lua, essência fluidica de
 arminho, parece acariciar a cidade que dorme. As duas estão
 silenciosas como a meditar. Por sobre os parallepipedos mo-
 lhados de sereno, fragmentos de vidros de bisnagas de ether
 brilham como pedras preciosas. Quando passo em frente ao Eli-
 te Club, na Rua Marechal Deodoro, esquina da 1º de março,
 gritaram - *Um bancô de 95!* Olho para a faixada da casa de
 jogo, distinguindo na saccada dois vultos que riem na sordina
 e se beijam.

Era uma artista deo Mignon e um *amant du coeur*, cava-
 lheiro jogador que passa a noite em torno á mesa de panno
 verde sentindo a sensação do baccarat.

Na praça da Ordem, vejo dois policiaes conduzirem um
 garoto de collarinho que em companhia de outros se divertiam
 em quebrar os vidros das vidraças, a horas mortas da noite.
 Mais adiante, na rua 13 de Maio, um grupo de canalha noctam-
 bula e encantadora, passa cantando ao som do pinho bizarro e
 da flauta voluptuosa.

"Moça de olheiras roxas de violeta,
 Que á noite scismas á janella, ao luar,
 Porque interrogas pela noite quieta
 Dos astros d'oiro o mystherioso olhar?..."

Aureola-te o luar feito de lyrios
E - olhos postos no azul, a meditar -
Dá-te uns ares de maguas, de martyrios,
Dá-te uns ares de santa num altar!...
Moça de olheiras roxas de violeta,
Branca e formosa como nenuphar,
Tua alma é casta e sonhadora e inquieta
E o luar tem philtros para a envenenar!
Deixa a lua nos céus boiando á tôa,
E as estrellas que vão a desmaiar,
Cerra os teus olhos que o pesar magôa...
Que lindos sonhos os que irá sonhar!...
Quando a noite na terra o manto estende
Ha mysteriosas boccas a falar
Mas essas vozes mysticas entende
- Que de tu de balde buscas escutar,
Moça de olheiras roxas de violeta,
Que á noite scismas á janella, ao luar -
Quem tem uma alma, um coração de poeta
E a desventura de saber amar!..."

Eram os bohemios das 12 horas, a flôr da mocidade, alma encantadora da urbs a quebrar com as ondas de harmonia o silencio da noite enluarada e luminosa.

Eugenio Vidal

A urbs viciosa*

A tavola

"O jogo, se não surgiu da inventiva humana, ao imaginar o ganho fácil na cavação da vida pelo menor esforço, é certamente concepção do Diabo na faina de torturar a pobre humanidade, aguilhoando-a com a ambição do lucro sem trabalho.

Deante da mesa de panno verde, o homem por mais pacato e honesto que seja, se tranfigura no individuo turbulento e cheio de ganancia, vendo em cada parceiro, não mais o amigo, sinão o surrupador dos seus haveres mediante o azar terrível que a uns cumula de benefícios e a outros rouba a ultima pecunia levando com a honra a subsistencia da familia do jogador.

Curytiba é já um campo sofrível de jogatina. Aqui se joga e tambem se empobrece e se enriquece no jogo. E ha as casas elegantes, as ratoeiras doiradas, como ha as tavolagens rêbes onde typos desclassificados lançam os dados e cantam os numeros entre emanações de aguardente e fumo.

Materialmente é grande a differença entre a roleta da alta roda e as baiucas da baixa camada social, mas moralmente é nulla, tal a connexão no modo de agir de ambas, tornando perfeitamente eguaes a Elite onde gente socialmente bem cotada dá as cartas e faz rodas às chauteses do Mignon, fallando em francez detestavel, e o café Rio Branco onde Rufião preto grita rouquenho: Eh! eh! deu o 96, venha a chelpa...

A Mytologia grega dando à Deusa Fortuna olhos vendados e ella mesmo sobre uma roda de azas, não podia melhor symbolizar os caprichos dessa divindade cega que tanto pode aqui-nhoar ou desgraçar os habitués d'um club elegante, como os da mais sordida tavolagem. É assim que as vezes vemos com sur-

* O Paraná. 30 de novembro de 1911.

presa o brilhante bacharel no ultimo extremo da "pindayba", elle o leão da moda e o arbitro do smartismo, enquanto o Moreira, o antigo cocheiro de bondes, bafejado pela sorte, n'uma cartada, deita elegancia, fuma charutos caros e faz à tarde à rua 15 em magnifico carro da Tattersal.

A hora favorita para o jogo em Coritiba é das 11 da noite em diante.

Quem ao bater da meia noite descer a rua 1° de Março, apòs breve estadia no corredor do Joquey-Club e estacar em frente a um sobrado à esquina da rua Marechal Deodoro, verá passar por detraz das vidraças foscas, elegantes silhoutes, de mulher, ao mesmo tempo que o ruído das fichas de marfim e o som metalico das libras a se entrechocarem sobre o panno verde, fazem a orquestração infernal do jogo n'aquelle ambiente onde jogador lívido, olhos fóra das orbitas, mãos crispadas e dentes rilhados, ve com o coração suspenso, o movimento da roleta, enquanto as "sereias" a roçagarem sedas em torno da mesa, enlaçam com os lividos braços nús e alabastrinos como velludíneas serpentes, o pescoço dos "parceiros". O "croupier" canta os numeros e recolhe as fichas o dinheiro desaparece na voragem, gritos de jubilo se ouve entre os beijos das hetairas que deram a sorte e que do jogador feliz esperam uma de 100\$ de 200\$ ou de 500\$; urros de colera dos limpos se elevam na sala, horriveis blasphemias, cruas obsessões, indo estalar como bofetões na face carminada das mulheres.

Assim se prolonga até a madrugada aquelle pandemoniun do vicio, entre o espocar do champagne, nas ceíatas alegres, o estalar dos beijos venaes, os gritos selvaticos de odio e o vozear em falsete das mulheres.

Na tavalagem inferior é outro o quadro, sinão no modo, pelo menos na forma, apresentando até uma face mais moralizada, que é a ausencia de mulheres.

Alli não entram as pecadoras e o seu Antonio, o feliz dono da baiuca, diz sempre com sua imensa autoridade de homem casado e sério e honrado, não querer bandalheiras, no seu estabelecimento que é de muito credito, pois nelle até a policia, a policia, vejam bem! vae fazer o seu joguinho lá por volta das 11.

O que é o interior de uma tavolagem?

Uma sordida saleta com uma mesa em torno da qual o Domingão, o Rufino, o Manésinho e mais tres ou quatro habitués fazem correr a roda e jogam o baralho, palestrando na original gyria do jogo:

- Banca Manésinho, que desta vez dá o "pae velho"...

- Quá rufino, esse demonio anda arisco, mas eu arrisco dois "patacão" nelle.

- Deixa de "encrenca" homem, anda só isso. Ó seu Antonio, venha um paraty p'ra quatro!

Vem a aguardente, os parceiros bebem-n'a e fumando, ou o cachimbo de nó ou charutos de tostãs, deixam-se por alli ficar até que o dia clareia, se despedem e seguem cada um para o seu destino a casa onde entram para dormir o sonno agitado do jogador e alcoolico até a tarde, quando a noite desce de novo como negra cortina a velar os vicios e os crimes da terra.

E por volta da 8 estão novamente na tavolagem, entregues às sensações violentas do azar, vendo correr a roda, roubando-se ou roubando que é a alternativa a que está sujeito o jogador na sua eterna sede do lucro facil, na avidez eterna do ganho, n'essa diabolica fascinação do panno verde."

J. Cayobà

O Jogo*

Disse alguém: o jogo é um cancro que corrompe os bons costumes, depois de arruinar a fortuna.

Nada mais positivo, nada mais verdadeiro, e que no entanto dia a dia mais aprofunda suas perniciosas raizes; porque as auctoridades às quaes compete sanar a sociedade, sentem-se fracas, agonizantes e se agem é para piorar o estado das cousas em que nos achamos.

A canalha grande que com um sorriso sarcástico zomba da justiça como o magarafe da ovelha, tem carta branca e em seus clubs frequentados pela elite, no meio de todos os confortos, jogam ostensivamente sem que haja auctoridade que a queira incomodar enquanto aqueles que buscam nas tavernas, ou no jogo pobre um ultimo recurso para o sustento da familia, são jogados pela activa e diligente policia no fundo d'um calabouço, são considerados criminosos, pagando assim as culpas suas e as dos privilegiados.

Os pobres são corruptos, se jogam, os grandes divertem-se no jogo.

Themis, que symbolisa a justiça, fazendo cahir sobre a sociedade o seu gladio não deveria destinguir posições, porque ella deve ser incontrastável, não pode ser parcial em proveito de quixotescas e pretensos potentados, que na ordem das cousas não passam muitas vezes de simples ladrões, que

* O Paraná. 22 de outubro de 1910.

robam o pão da boca de sua familia, para alimentar os seus vícios.

As prisões de alguns vagabundos, effectuadas nas tavernas de apparencias, duvidosas, deveriam ser o epílogo, desta grandiosa obra, de regeneração do carácter social.

Assim pois, a derrocada deste virus maldito que ameaça tanto devorar a sociedade coritibana, será o gesto sublime que consagrará o palladino que o conquistar.

A "Urbs" Viciosa*

A Estalagem

Quem hoje defrontar com o Magestic Hotel ou qualquer outro desses colossos que na actualidade encarnam o typo da moderna hospedaria, a desafiar toda a exigencia em materia de luxo, elegancia e conforto, difficilmente acreditará ser elle o ultimo (e será effectivamente o ultimo?) elo da corrente evolucionista que teve a sua origem na immunda estalagem das cidades medievals e nos sordidos albergues de estrada, não raro valhacouto de ladrões e assassinos. Nas pequenas povoações ainda se encontra a estalagem antiga, com as toscas mesas de pinho maculadas de zurrapa e de molho, as paredes enegrecidas pelo fumo, a cosinha enlutada pela fulligem, grandes caldeirões ao fogo e a baixella pobre e engordurada a ornar as paredes, um esqualido e ronronante gato a espreguiçar-se sobre a mesa, um cão sujo de lama a farejar no ambiente a gorda pitança, moveis tristes e seculares a desaparecerem sob uma enxame de moscas e camadas de pó, archaicos leitos onde gerações de percevejos se sucedem na doce tarefa de sugar a epiderme humana e sobre ella se divertirem em doidos stepple-chaises, soalho sujo de que outros não menos interessantes e divertidos insectos fizeram as suas "sete quintas", uma sombria saleta que, mesmo a hora triumphal e clarinante do meio dia, evoca lembranças fataes de tragedia shakesperiana e faz á noite eriçar os cabellos do viandante esperando a cada momento ver surgir d'um canto a classica figura do bandido - tal é a simplicidade primitiva de raros especimens.

Em Coritiba, é interessante registrar, só agora com seu avanço civilizador e já intensa cultura é que se está conhecendo a estalagem, em absoluto desconhecida em outras épocas.

* O Paraná. 27 de março de 1911.

A primeira hospedaria fundada em Curitiba foi um hotel do que pouco differençam os melhores que hoje existem - dizem-n'o e com muita saudade e muito orgulho os velhotes que se comprasem a estabelecer confrontos pouco lisongeiros à moral moderna, entre a humilde cidade de hontem e a elegante "urbs" de hoje.

A estalagem foi até ha pouco avis rara n'estas paragens, pouco propicias, sem duvida, á floração desses grandes cancos sociaes de que a hospedaria barata e a sua irmã - a casa de comodos - são representantes genuinos e foi preciso que um enorme contingente de progresso viesse desenervar a ingenua sultana do Paraná indolentemente recostada no planalto, para então sorratamente chantar-se aqui a primeira estalagem.

Entretanto, nem sempre pela má e as vezes injusta fama, a estalagem é um antro de porcaria e immoralidade, e isto porque as ha tambem moralizadas, como albergues que são para viajantes de poucos haveres.

Mas, por maiores que sejam a ordem e a moralidade n'uma casa de hospedes é esta pela fatalidade do seu proprio destino o scenario das cousas mais extranhas e interessantes que vão do ridiculo ao tragico, do frivolo ao sublime, do bello ao hediondo. Penetrar no recinto fumarento da estalagem é ver exactamente reproduzido um quadro da "Côrte dos Milagres" de Victor Hugo, e nos farrapentos esqualidos individuos aboletados á sordida mesa redonda, typos que sem esforço assimilamos aos que o genio hugoniano tão magistralmente creou nas paginas soberbas da "Nossa Senhora de Paris".

Carrejões e poetas por alli estacionam n'uma mistura de linguagem que do baixo callão do arrieiro e do trabalhador de rua vae até a expressão maneirosa e até nephelibata dos vates pauperrimos e vagabundos, tirando-se d'ahi o meio termo nesse argot que é um mixto de todos os idiomas conhecidos.

É no Hotel Bella Vista que se pode admirar sob um mais forte colorido a vida da estalagem. Allí conhecemos a Annita, uma italiana de meia idade, não bonita, mas sympathica e affavel, servindo perfeitamente os hospedes tanto quanto permitiam as condições do hotel. Creada e sujeita ao duro trato de patrões pouco affeitos à delicadeza, Annita referia sempre a todas as vicissitudes da sua existencia. Viera da patria ha 10 annos e, de S. Paulo para Buenos Ayres, d'esta cidade para o Rio e do Rio para Coritiba, palmilhou as terras da America que tinham-n'a fascinado quando nas longas noites do cruel inverno da alta Italia na sua aldeola montanhesa, entrevia em sonhos nas afastadas regiões do ultramar o paiz da fortuna, o continente magico e encantador onde as seáras lourejam ao sol sempre constante e que não deixa o frio amortalhar a terra n'um lençol de neve.

(Continua)

J. Cayoba

Conclusão

Consigno a velha mãe vivera, outr'ora um irmão Genaro, rijo camponio que em guardar os rebanhos nas planícies junto aos rios derivantes das montanhas alpinas, adquirira esse vigor excepcional nos homens habituados ás intemperies. Um bello dia, Genaro seduzido pelo mesmo sonho, abandonou a misera mãe e a irmã, e sahindo á marcha forçada para Genova, allí tomou o Steamer que, em 3a. classe, pol-o em 12 dias no porto de Santos.

Dose annos decorreram pois da retirada do montanhez para o Brasil e a velha Pia de ha muito descansava á sombra

de um cypreste no cemiterio da aldeia, quando a rapariga, tomando d'uma pequena trouxa, se pôz a caminho guiada pelo grande sonho da America, donde bem poderia voltar um dia rica e vestindo brocados e com seu ouro restaurar a casinha e levantar um maosoléo á triste velha que amargurada fora procurar a tranquilidade no seio tenebroso da morte.

Vinte dias decorridos e Annita avistava as terras soberbas del Plata; desenbarcava e depois de alli estar alguns mezes, embarcava de novo e vinha para o Brasil onde, diziam os seus patricios, havia uma terra que era a segunda Coloon-da(?) do mundo, a terra do café, em que os fructos maduros como pequenos bagos de ouro, dão a riqueza ao colono. Mas a pobre Annita mal adivinhava o que era para o colono pobre a vida infernal das fazendas paulistanas, feudos agricolas em que o fazendeiro é um senhor absoluto copiando até dos suzeranos medievaes a exigencia ás primicias virginaes das desventuradas donzellas.

Aggregada pois, á uma familia de compatriotas a quem a mesma má sorte acossava do Prata para o Brazil, pisou Annita o solo paulista e ia empregar-se na fazenda do coronel Guedes.

Alli, entre a rudeza dos trabalhos da colheita e o trato brutal dos capatazes que, saudosos do braço escravo entendiam vingar-se no braço livre do roubo que soffreram com a lei da abolição a rapariga não poude mezes depois escapar ás perseguições miserandas do patrão, abusando tanto da sua fraqueza de mulher como do fato de, sozinha, sem familia e sem um defensor natural, se achar como que entregue á avidez libidinosa dos brutos satyros - pai e filhos que a assediavam.

Um bello dia, felizmente, comprehende Annita não estar tão desamparada: é que um homem, um patricio, a julgar pelo typo e pela falla, olhava-a com interesse. Francesco, dizia chamar-se. Como terra do seu nascimento apresentava-a Sicília

e no seu rosto desfigurado por enormes gilvases, se expressava um sentimento de amor.

Entre elle e a ragazza estabeleceram-se relações de forte affecto, que mezes depois eram consolidados pelo casamento. Francisco não era, entretanto, o homem digno que ella esperava. Vadio e vicioso, apenas casado e a troco de vantagens pecuniarias, tentou arrastar a mulher á torpeza do lenocínio conduzindo-a á um hotel ínfimo de S. Paulo, onde assistia o rico industrial italiano Genaro Riecci, solteirão e commensal daquelle antro de infamia, em cujas aras polluidas as virgindades se desfolhavam sacrificadas ao ouro dos devassos endinheirados.

Para lá foi Annita, uma noite, conduzida pelo próprio marido que - dizia - ia apresental-a a um homem capaz de garantir o futuro do casal.

Ingenua e não comprehendendo a trama ignobil sinão quando, transposta a porta do prostíbulo, vio-se em frente a um individuo bem trajado e se denunciando possuidor de milhões, a pobre italianna procurou então sem escandalo furtar-se ao laço que lhe fôra preparado para esse rendezvous ao qual a atirara o marido indigno.

Uma caricia, um beijo de lascivia que o ricaço lhe imprimira na face rosada e setinosa provocando um movimento brusco de repulsa, fez saltar do decote uma medalha de ouro suspensa de um cordão ao pescoço e em uma de cujas faces se via gravada uma cruz de brilhantes.

A aparição dessa medalha fez o ricaço recuar pallido e encarar fixamente o rosto de Anita. Depois, avançando e tomando da medalha, examinando-a bem, gritou ajoelhando-se aos pés da mulher:

Annita, frætella mia, perdona!

Era a medalha um talismã antigo na familia, usado pela velha Pia e muito conhecido do montanhes Genarro a quem a

vida na America fizera rico em 15 annos de trabalho e de esquecimento dos entes que elle lá deixára na Italia.

Cheio de odio pelo sordido patricio e cunhado que quase o levára ao incesto, Genarro, opulento, quiz furtar a irmã ao jugo conjugal e fel-o, porem dois annos mais tarde, arruinado pelo jogo, fallido e sem honra, o irmão de Annita metia uma bala no encephalo, deixando-a, alem de pobre, ao desamparo completo.

Então encetou ella, como criada de servir, a peregrinação pelas estalagens, cujo interior sombrio era como que iluminado pela belleza maravilhosa da moça italiana.

E assim veio parar ao Bella Vista, onde a interrogamos uma noite em que alli fomos espicaçados pela curiosidade de conhecer *por dentro* a vida da estalagem.

E soubemos.

Por alli, como n'um extranho ciclorama perpassam todas as scenas da miseria humana, tendo por actores homens e mulheres impellidos de todos os pontos da terra pelos ventos da adversidade.

Á mesa redonda, á hora da refeição modesta, houbriam-se a virtude e o crime, Valgean senta-se *vis-á-vis* de Lance-narie, Fausto seduz Margarida que á seu lado tem um Tropmann olhando de soslaio um S. Vicente de Paula.

E quando, após o jantar regado a vinho nacional ou Verde, accendem-se os bicos de luz e a grande treva envolve o casarão sombrio, cahe a estalagem na mudez tetrica dos molo-chis de bronze, em cujo seio resonam na pesada paz da noite quente, todos esses rebutalhos da vida - bons e maus - mas todos attingidos pela lei fatal do infortunio que á fronte lhes imprime com a miseria o destino dos medernos párias sociaes.

J. Cayobá.

As Espeluncas*

Como é triste e deserta a noite!

A cidade dorme envolta no seu manto de trevas como que prostrada por um profundo lethargo.

Os fócios de luz eléctrica lançam pelas travessas mysteriosas uma claridade medrosa, que parece esquivar-se a aclarar alguma scena que se occulta nas dobras da noite.

Quem dotado de uma vista penerante lançasse os olhos para o conjunto de casas dessas viellas, viria ao longo dellas deslisarem raramente uns vultos esqualidos, de vestes andrajosas.

Veria também se abrirem as possilgas e ao limiar assomarem as giriantas, embrulhadas em mantas já esfarrapadas, á espera de seus habitués, convivaç de seus vicios, que ao perceberem de chegada a senha convencionada, vão se barafustando pelo interior dessas, como que acenando uma cambalhota pelos corredores escuros.

De uma feita estava eu a presenciar em meio da fria paisagem da noite uma destas scenas amorosas, quando por junto a mim passou um grupo de serenateiros amator de flautas e violões, estropiando a walsa "Quando o amor morre".

Os melodiosos noctambulos dirigiram-se para um desses grupos don-juanescos, estacionados às portas das possilgas, e de chofre formou-se um tumulto dos diabos, porque um dos recémvindos tinha cascado um beijo sonoro em plena bochecha de uma das dulcinéas.

Deo-se então, como se costuma dizer na giria popular, um entrevero formidavel, ouvi tiros, gritos de raiva, chôros e, alumiados pela penumbra dos fócios distantes, divisei as silhonettes dos cacetes a se cruzarem sobre as cabeças dos contendores, n'uma porfia indomita, e a cabecearem debaixo

* O Paraná. 10 de julho de 1910.

dos mesmos, as sabinas desgrenhadas, com seus pomos vedados em completa liberdade. Estava eu já na expectativa de um lugubre desenlace d'aquella scena de pugilato, quando em um apice serenou aquelle grosso charivari, e desatou a correr para mim, dando estridentes gargalhadas um vulto esqualido.

Ao ver a attitude d'aquelle desconhecido desatei tambem a correr que nem um doido, mas subito parei ao ouvir estas phrases mansas: "Pare ahi, meu Branco, não tenha medo, sou o Benedicto."

Conheci então a voz do nosso conhecido Benedicto Aço, um dos capellões das novenas de S. João, ajudante de capellão-mór Marcos... e parei dizendo commigo: Sim, senhor, é bem verdade o adagio: "Papagaio come milho, periquito leva a fama!..."

Como são expertas as heroínas das nossas espeluncas!...

Almocreve.

Páginas*

Na escuridão da noite hibernal, focos de luz eléctrica brilhavam, lançando uma claridade baça.

A chuva caía triste do céu ennegrecido; e das arterias da cidade, cobertas de lama escura, vinha um sopro gelado e soluçante.

Pelas calçadas, ecoavam passos apressados de transeuntes demandando o socêgo do lar.

Quando entrei ao acaso numa dessas toscas mal alumia-das, procurando abrigo contra os jorros d'agua e o frio humido que me entorpecia, dez badaladas vibrantes tinham soado em todos os relógios.

Rodeando uma mesinha carcomida, individuos andrajosos de physionomias sinistras jogavam baralho... No chão esparra-mavam-se garrafas bojudas e copos com restos espumantes de beberagens.

Estendida num banco, resomnava ruidosamente uma creatura que perdêra as feições humanas: aquilo era um monstrengo gerado nò crime.

Não sei como contar o sentimento que de mim se apode-rou, contemplando aquelle quadro monstruoso, si de tristeza, si de nojo, si de piedade... todos reunidos talvez!

O ambiente impregnado de cheiro forte de vinho e cachimbos fumegantes, começou de enojar-me.

Um daquelles homens impressionou-me pela expressão do rosto e olhar inquieto. De vez em quando elle passava a mão magra pela testa, como para afugentar idéas perseguidoras... Ao fitar os olhos naquelle vulto esguio, veio-me a idea de que elle não era um ser vulgar. Deixára-se cair no charco immundo

* *Palladium*. 15 de abril de 1909.

e putrido do vicio, vagando talvez, ao peso enorme de adversidades amargas, sem coragem para lutar...

A espaços, explosões de riso canalha, pragas de soldado obsceno, feriam-me os ouvidos.

E o baralho, roçando, passava de mão em mão. E uma voz bradava: - O' Anacleto, outra garrafa!

Quedei-me algum tempo a contemplar aquelles semblantes estupidos de jogadores viciados. Depois quiz fugir d'aquelle sitio ignobil.

Felizmente o chuveiro amainava.

Olhei ainda para o que me despetára a attenção: mudára de logar... vi-o, então, numa penumbra, pallido, cadaverico, a beijar um retrato.

MCMIX

J. Guahyba

Nas regiões do deboche*

- Vamos à *Cova da Onça*, o campo vasto da libertinagem canalha, onde o vício domina e a prostituição impéra, por entre risos velhacos, lagrimas hypocritas e palavras debochadas de boccas cosidas pela nicotina dos cigarros e pelo alcool dos licores, os mais variados? Escuta, Eugenio amigo, vamos ao centro do vicio, ao templo da carne, estudarmos a urbs viciosa, os boudoirs libertinos a rescender perfumes; vamos conhecer os mercadores do amor, as chanteuses insaciáveis, os jogadores marchantes e os bacharéis vagabundos e debochados?

Accedendo ao convite do Pessimista, meu amigo, respondi-lhe resolutamente:

- "Depressa! ... vamos conhecer os comparsas do espectáculo horrível e emocionante"...

- Que tem, como disse um Scipio Siphelle, sobre a nossa imaginação, um attractivo maior do que aquilo que é bom e calmo.

- Justamente, e como Dante e Virgilio, percorreremos o inferno da rua Visconde de Guarapuava, onde vivem cocotes gastas, jogadores profissionais e bacharéis malandros.

- Não, caro Eugenio, iremos como simples observadores. Quero-te um homem incorruptível e não um idiota illusionista, como o são todos os poetas, os carcereiros da idéia, os eternos sonhadores.

O meu relógio registrava meio dia. Distrahidos na nossa conversação palmilhámos a rua Marechal Floriano em direção ao covil sinistro.

Apesar da minha força de vontade, sentia uma repugnância, um horror por aquela casa.

Estavamos perto. Um barulho de copos e um vozerio incompreensível, vieram nos ferir os ouvidos. Depois, quando parámos no portão, ouvimos o explodir de risadas afrancezadas.

* O Paraná, 24 de abril de 1911.

O Pessimista, accendendo um charuto, virou-se para mim, e com uma voz resoluta, reveladora da sua inaudita coragem, disse:

- Vamos!...

Entrámos. Quando gálgamos as escadarias e já nos achámos n'um espaçoso salão de soalho encardido, onde vimos algumas canastras velhas e uns quartinhos acanhados transformados em boudoirs, uma voz afeminada se fez ouvir próxima a escada: Desçam já! Ahi não tem gente e este não é o modo de entrar numa casa de respeito.

- Paciencia, madame, nos não sabíamos, retorquiu o Pessimista, sorrindo... Retrocedemos. Chegámos então na varanda onde umas mulheres vestidas de robes de chambre e cabeças amarradas, almoçavam em companhia de dois homens. Mas que desilusão! Em vez dos chanteuses de epidermes roseas, olhares scintillantes, porte fidalgo, labios vermelhos de romã, eram monstros pallidos de faces enrugadas, olhos sem luz, labios brancos, olheiras profundas e cabeças sem cabellos, que, mao grado meu, eu via sob uma forte impressão que dominava o meu ser.

E foi ao contemplar essas mulheres viciadas que eu comprehendí o que era a belleza do theatro. O Pessimista falou: "A proprietária da casa está?"

A resposta foi um balbucio de vozes roucas e surdas. Atravessámos então a varanda sobre um cicio de descomposturas. Sobre uma cadeira, vi uma dentadura dentro de um copo... De quem seria? Pouco importa saber! o caso é que fallámos com a dona do hotel, uma madame franzina, com apparencia de mulher de magarefe, de sorrisos funebres e amabilidades interesseiras.

Fallámos sobre a nossa visita, e ella nos agradecendo convidou-nos para tomar-mos cerveja, o que gentilmente recusámos.

Quando sahimos, o Pessimista disse-me:

- Estes seres que contemplaste, sem a máscara das pomadas milagrosas, sem os *chichís*, sem amor, sem instrucção, sem mocidade, são os fructos da pessima educação, assimilados pelo meio vicioso das cidades; são os sêres contaminados pelo

virus da corrupção enthronisados no egoísmo - mariposas do luxo, no qual crestam os ultimos assomos da dignidade e do decóro.

E, olhando para o Pessimista, notei-lhe nos labios um pálido sorriso de piedade, que contrastava com a sua ironia mordaz.

Eugenio Vidal

Coisas da Época*

Esta tarde (folheio o Kalendário : - 16 de Agosto) está me suggerindo sonhos loucos, revestidos das mais loucas fantasias. É uma tarde divina esta tarde, sob cuja amenidade ou, como um idealista neurasthênico, começo a devanear intimamente, a dialogar com meus botões; cruzam-se em meu cérebro turbilhões de cousas bellas, querendo cada qual disputar a sua primazia, é um enxame de abelhas, abelhas esquisitas de azas vaporosas e zumbidos indistintos.

E tudo isto me faz mal, sinto que não estou bem; os nervos são molas delicadíssimas do corpo humano, e elles vibram, elles continuam a vibrar e eu penso que hão de viver assim, numa eterna vibração!

Mas deixemos de vez estes malditos nervos, ponhâmos de lado esses sonhos, esses ideaes, esses devaneios muito proprios a um maniaco de nascença, e olhemos a tarde, que é esplendida, delicosamente divina e feita, dir-se-ia, para os mais romanticos flirts.

Contemplemola por outro prisma, que ella, com todo seo encanto morbido, ha de nos trazer sonhos olympicos, não déses parecidos com abelhas, mas dáquelles que os poetas costumam sonhar, sob o caridoso bafejo da inspiração.

Mas a tarde passa... Crepusculeja... Anositece...

Cubrâmonos com o manto largo da noite e saiâmos. Nada como a noite! ella traz consigo a liberdade sob a luz artificial, e preferimola mesmo à tarde, sim preferimola, pois conquanto não se revista d'essa morbidez inspiradora, nos offerece comtudo, discretamente os mais íntimos gozos para a alma e para... o corpo.

É attraente o aspecto feérico da cidade. Sigo a passos largos, ora chocando-me aqui com alguma matrona, ora atropellado por um vehiculo tocado... a gazolina, mas o certo é que vou passando com a legria e a felicidade de um justo. As cam-pahinhas dos cinêmas retinem ociosamente. As ruas estão movi-

* O Paraná. 01 de setembro de 1911.

vimentadose(sic) e por ellas ha um vae-vem de todas as espécies humanas, dêsdo mais ridiculo buguês ao bohemio mais espirotuoso e mordaz, dêz da moça mais afectada e requintada à mais pura e simples filha de Eva... e assim por diante, n'um continuo contrasenso.

E eu vou seguindo.

Esbarra-me logo um conhecido:

- Como passa, boa noite.

- Bôa Noite.

O movimento é crescente! ha um barulho infernal de carros a rodar, businas de autos a atarantar os ouvidos.

Dou com o Peixoto um tanto cambaleante, já por effeito de algumas libações.

- Olé, amigo velho, salve! então, já vaes?

- Sim, bôa noite.

Passa o Sylvio, cinicamente dando o braço a uma elegante *demimondaine*, e eu, sem poder me contêr, exclamo:

- O' Sylvio, como vaes? Com a noiva ao braço!...

Aqui um grupo de senhoritas, e eu, reverente:

- Exmas!...

E o inférno das ruas na maior agitação. E eu vou seguindo sempre, ora indifferente a tudo quanto se passa ao meu redor, ora attento, com ares de observador proficional.

Subitamente sinto que alguém me puxa pelo casàco e grita às bochechas:

- Então, canalha! avia-te, não vês que aqui estamos?

- O'lho surprezo: é o Armando e seu grupo, todos bohemios e poétas.

Ah! os companheiros alegres! nada como elles, seres privilegiados, cuja alma é toda um poéma de venturas sons, seres doudejantes a pregar de bar em bar a doutrina louca do Prazer, e diante de quem eu, o cenobita, o pessimista, o sceptico, eu me torno o apologista do riso, o venturoso, e me torno alegre também!

Tomei parte n'aquello grupo de prestigiados da ventura, e com elles vaguei pelas ruas movimentadas.

A brève tempo, incita um, o Salles, com voz animadôra:

- Camaradas, precisamos gozar, à ceia portanto!

A essa voz um grito unissono:

- À ceia!

E entrámos no *restaurant*

.....

Éra madrugada. Batera 2 horas. Saimos.

Atravéz dos vapores do vinho, com a vista turvada e o cérebro ardente, eu contemplei a cidade morta, semelhante a uma cortezan de braços nus, de seios nus, esplendidamente bella, a emanar dos lábos rubros a preciosa essência dos licôres capitosos do Olympo!

Célso Lepin

Horas Amigas*

Naquela manhã, 20 de Junho, o dia apparecera tristissimo, como que annunciando uma desgraça e a garôa impertinente e fina cahia sobre a cidade de ruas e praças lamacentas, zombando da bondade dos transeuntes de aspecto nostalgico e ridiculo.

Uma tristeza tamanha e desoladora, repleta de infinita magua, pairava sobre todas as cousas.

Da janella do meu quarto eu contemplava a cidade recolhida em meditações e dominado (?) por um frio intenso, transitavam pela rua, envoltos em vestes encardidas e encharcadas, os vendedores ambulantes de hortaliças, os padeiros, o peixeiro atrevido a mascar pragas napolitanas e o vulto glacial dos mercadores de leite, trajando com simplicidade e belleza, num dia em que tudo era immundice e humidade, as bluzas brancas e os vestidos de vermelho berrante.

Ellas passaram sorrindo e zombando do tempo, levando consigo a mocidade dos annos em flor, emquanto doutro lado da rua transitava um velho alquebrado pela idade, de faces enrugadas, que attestavam a passagem dos annos e o proximo termo da grande jornada.

Uma neblina impertinente cahia sobre a cidade e o vento passava por entre as linhas do telephone assoviando uma canção malandra.

Quando sahi da janella, o manto da noite começava a cobrir a cidade, e a torre da Cathedral que eu avistava, parecia um phantasma lendario a espreitar qualquer cousa atravez do céu escuro e feio.

Eugenio Vidal

* O Paraná. 19 de julho de 1911.

Farpas*

A Gastão Faria

- Largai da penna moço! Acariciais aspirações? Tendes ambições? Pois si as conservardes em mão, essa arma perigosa, prompta a atacar aquelles que julgais vossos adversarios, jamais vel-a-eis effectivadas. O ser jornalista em nossa terra, jornalista moço, que não sujeita suas idéas a conveniencias politicas e sociais, é um impecilho para a boa rota na conquista, na vida pratica, de posições que rendam pingues proventos. Olhai, moço: é um conselho de mãe, e é um conselho de amiga o que vos dou. Aceitai e verificareis que tenho razão.

Meditamos sobre essas palavras, que foram proferidas por emerita matrona, que reçumam verdade profunda, mas... impraticavel. De facto. Relanceando-se um olhar perscrutador pelo nosso meio intelectual depara-se-nos um espectaculo pouco consolador. Talentos reconhecidos, que bem poderiam estar collaborando na obra de progresso de nossa terra, por ahi vegetam, luctando para conseguirem os meios de subsistencia. Uns no Paraná, no seu lar; outros em longinquas terras, onde galgam posições de saliencias, pelo seu proprio valor.

Mas pelo facto de não serem chamados para o serviço giganteo do desenvolvimento de sua terra accaso largam elles de sua penna, pondo-a de parte como objecto incommodo? Não, muito ao contrario. Parece, mesmo, que a desconsideração com que procuram atrophiar os talentos dos moços livres, é mais um incentivo ao seu prosequimento no caminho das letras. O effeito provocado é diverso do esperado. Nós pensamos que a força de vontade é superior ao vicio. Mas cremos que aquelle que um dia tenha empunhado a penna jamais a largará. Infecci-

* Palladium. 15 de setembro de 1909.

ona-se do morbo, do vicio e jamais cura-o, ou deixa o curarem.

Nós somos um vencido pelo vicio. Ha tres annos que escrevemos, bem ou mal, para a imprensa. Prejudica-nos isso? Causa-nos mal o combatermos pelas nossas idéas? Que nos importa isso? Seria egoismo, seria dar mostras de possuir ruins instinctos, o calor para satisfazer interesses individuaes. Sim! não ignoramos que a muita gente não agrada o tom em que falamos. Mas não faz mal. Ao menos nossa consciencia não nos acusa. Estamos bem com ella. Si não fruirmos dos resultados manados do viver no galarim da protecção dos potentados, também, quando recollhidos não ouvimos a voz daquelle nosso severo juiz chamando-nos a conta por termos deixado a linha que elle nos traçou para seguirmos na nossa existencia..

Por isso a despeito do conselho que nos deu a Exma., a despeito de sabermos que a senda que trilhamos é crivada de espinhos, nós continuamos a seguil-a, contentes.

Da penna continuamos a fazer nossa arma.

E, hemos de empunhal-a custe o que custar.

Raul Gomes

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARRIGUCCI, David. *Enigma e comentário; ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BALHANA, Carlos Alberto. *Idéias em confronto*. Curitiba: Grafipar, 1981.
- BARZ, Elton Luiz. "Curitiba e o planejamento urbano". In: *A cidade e o meio ambiente*. Curitiba: Universidade Livre do Meio Ambiente, março/abril 1992. p. 8-33.
- BENJAMIN, Walter. O narrador; considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1993. Obras escolhidas, v. I., p. 197-221.
- _____. *Charles Baudelaire; um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1991. Obras escolhidas v. III.
- _____. Paris, capital do século XIX. In: KOTHE, Flávio org. *Walter Benjamin*. São Paulo: Ática, 1985. p.30-43. /Coleção Grandes Cientistas Sociais/.
- BERBERI, Elizabete & RODRIGUES, Marília Mezzomo. *A "urbs" viciosa; a crônica está além da notícia*. Curitiba: 1992. Monografia, Bacharelado em História, Universidade Federal do Paraná.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar; a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BORGES NETO, José. Nietzsche e a História; considerações sobre "Da utilidade e dos inconvenientes da história para a vida". *História: Questões e Debates*, Curitiba, 10(18-19): 349-362, jun.-dez. 1989.
- BRANDÃO, Angela. Uma cidade em Rimbaud. *História: Questões e Debates*, Curitiba, 11(20-21): 174-181, jun.-dez. 1990.
- _____. *A fábrica de ilusão; o espetáculo das máquinas num parque de diversões e a modernização de Curitiba (1905-1915)*. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba; Fundação Cultural de Curitiba, 1994.
- BRESCIANI, Maria Stella Martins. Metrópolis; as faces do monstro urbano (as cidades no século XIX). *Rev. Bras. de Hist.* São Paulo, 5(8/9): 35-68, set./1985 - abr./1986.
- CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CAMARGO, Téa. O olhar urbano de Honoré de Balzac. *História: Questões e Debates*, Curitiba, 11(20-21): 139-162, jun.-dez. 1990.
- CANDIDO, Antonio [et al.]. *A Crônica; o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

- CARVALHO, Giselle Maria Lozza; NASSER, Patrícia Maria Meirelles; SAVAZZI, Wânia. *O cinema em Curitiba (1897-1912)*. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisadores do Cinema Brasileiro; Fundação do Cinema Brasileiro. Minc. 1988.
- CHARLOT, Monica & MARX, Roland. orgs. *Londres, 1851-1901; a era vitoriana ou o triunfo das desigualdades*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- CORDIOLLI, Marcos A. *Nos descaminhos de um idílio*. Curitiba: 1988. Monografia, Bacharelado em História, Universidade Federal do Paraná.
- CORREA, Leoncio. *A boemia de meu tempo; cronica*. Curitiba: Edição do Estado do Paraná, 1955. 2ª ed.
- DE DECCA, Edgar Salvadori. Os muitos modernismos. *História: Questões e Debates*, Curitiba, 11(20-21): 05-16, jun.-dez. 1990.
- DENIPOTI, Cláudio. *Páginas de prazer; a sexualidade através da leitura no início do século*. Curitiba, 1994. Dissertação, Mestrado em História, Universidade Federal do Paraná.
- DICIONÁRIO Histórico-Biográfico do Estado do Paraná. Curitiba: Chain, Banco do Estado do Paraná, 1991.
- FILIZOLA, Anamaria. A retirada da Laguna; nacionalismo, modernidade e memória. *História: Questões e Debates*, Curitiba, 12(22-23): 91-112, jun.-dez. 1991.
- GONÇALVES, Paulo de Tarso. Entre narradores, o discurso de modernidade: o discurso ficcional em Pequena Londres. *História: Questões e Debates*, Curitiba, 11(20-21): 122-138, jun.-dez. 1990.
- HARDMAN, Francisco Foot. *Trem fantasma; a modernidade na selva*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- HOBSBAWM, Eric & RANGER, Terence. orgs. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- HOERNER JR., Valério. *Curitiba 1900*. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1984.
- KUJAWSKI, Gilberto de Mello. *A crise do século XX*. São Paulo: Ática, 1991. /Série "Temas", v.7. Modernidade/.
- LINHARES, Temístocles. *História econômica do mate*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.
- MACEDO, Heitor Borges de. *Rememorando; Curitiba no tempo dos bondinhos de burros*. Curitiba: Memorial histórico. Litero-Técnica, 1983.
- MARTINS, Wilson. *Um Brasil diferente; ensaios sobre fenômenos de aculturação no Paraná*. São Paulo: Anhembi, 1955.
- MUNFORD, Lewis. *A Cidade na História; suas origens, transformações e perspectivas*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- NUNES, Roberson Mauricio Caldeira. *Ícones da Modernidade; as exposições universais como auge do espetáculo burguês*. Curitiba: 1992. Monografia, Especialização em História, Universidade Federal do Paraná.

- PEREIRA, Luis Fernando Lopes. A modernidade na mira do poeta. *História: Questões e Debates*, Curitiba, 11(20-21): 163-173, jun.-dez. 1990.
- _____. *O Paraná Inventado*. Curitiba: 1993. Monografia, Bacharelado em História, Universidade Federal do Paraná.
- PEREIRA, Magnus Roberto de Mello. Rigores e métodos da cidade brasileira entre os séculos XVI e XIX. *Rev. de Ciências Humanas*, Curitiba, 2(1993): 191-218.
- POE, Edgar Allan. O homem das multidões. In: _____. *Poesia e prosa*. Porto Alegre: Globo, 1944. v. II, p. 134-142.
- RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite; prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- RIO, João do. *Histórias da gente alegre; contos, crônicas e reportagens da belle-époque carioca. /Seleção, introdução e notas de João Carlos Rodrigues/*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.
- ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- ROSÁRIO, Pedro. O jogo das representações em torno do drama da Fazenda Fortaleza. *História: Questões e Debates*, Curitiba, 11(20-21): 103-121, jun.-dez. 1990.
- ROUANET, Sérgio Paulo. *A Razão Nômade*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.
- SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1987.
- SABÓIA, América da Costa. *Curitiba de Minha Saudade - 1904-1914*. Curitiba: Lítero Técnica, 1978.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças; cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.
- SEIGEL, Jerrold. *Paris Boêmia; cultura, política e os limites da vida burguesa - 1830-1930*. Porto Alegre: L&PM, 1992.
- SEVCENKO, Nicolau. Perfis urbanos terríveis em Edgar Allan Poe. *Rev. Bras. de Hist.* São Paulo: 5(8/9): 69-83, set./1985 - abr./1986.
- _____. *Literatura como missão; tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- _____. *Orfeu extático na metrópole; São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- SILVA, Aparecida Vaz; SILVA, Silvia Maria Rodrigues e RIGOTTO, Maria Helena Costa. *Do Jardim Botânico ao Passeio Público; as aventuras de um logradouro público*. Curitiba: 1990. Monografia, Bacharelado em História, Universidade Federal do Paraná.
- SUTIL, Marcelo Saldanha. *O espelho e a miragem; sobre a modernidade e a arquitetura*. Curitiba: 1992. (Mimeo., UFPR.)
- VENTURA, Roberto. *Estilo tropical; história cultural e polêmicas literárias no Brasil. 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

FONTES

Periódicos:

O OLHO DA RUA. 1907-1911.

A ROLHA. 1908.

O PARANÁ. 1910-1911.

A BOMBA. 1913.

RAIO "X". 1911.

PALLADIUM. 1909-1910.

O VELHO NÃO QUER. 1911.

FANAL 1911-1913.

Livros:

MARTINS, Romario. *Catálogo dos jornaes publicados no Paraná de 1854 a 1907*.
Curityba: Imprensa Paranaense, 1908.

POMBO, José F. Rocha. *O Paraná no centenário*. Rio de Janeiro: José Olympio;
Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, 1980.

VICTOR, Nestor. *A terra do futuro*. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do
Comércio, 1913.

_____. Como nasceu o simbolismo no Brasil; a propósito de "Luar de Inverno".
In: _____. *Obra crítica*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa;

Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, 1979. v. III,
p. 76-80.